

Facetas da comunicação e da intertextualidade latino-americanas

**Denise Rosana Silva Moraes
Rita de Cássia Marques Lima de Castro
Júlio César Suzuki
Benedito Dielcio Moreira
(organizadores)**



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROLAM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO DE AMÉRICA LATINA

Série: Fronteiras Interdisciplinares

ISBN: 978-85-7506-526-6

DOI: 10.11606/9788575065266

**DENISE ROSANA SILVA MORAES
RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO
JÚLIO CÉSAR SUZUKI
BENEDITO DIELCIO MOREIRA
(ORGANIZADORES)**

Facetas da comunicação e da intertextualidade latino-americanas

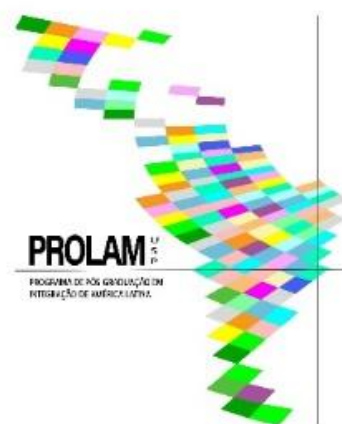
Série: Fronteiras interdisciplinares



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**FFLCH-USP
PROLAM-USP
2025**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH

Diretor: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

Vice-diretora: Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Presidente da CPG: Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza

Vice-presidente da CPG: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

COMITÊ EDITORIAL

Prof. Dr. Adebaro Alves dos Reis (IFPA)

Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva (UFRRJ)

Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira (UFG)

Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa (UNESP)

Prof. Dr. Alécio Rodrigues de Oliveira (IFSP)

Profa. Dra. Ana Regina M. Dantas Barboza da Rocha Serafim (UPE)

Prof. Dr. Cesar de David (UFSM)

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto (UEG)

Profa. Dra. Maria Jaqueline Elicher (UNIRIO)

Prof. Dr. Ricardo Júnior de Assis Fernandes (UEG)

Prof. Dr. Roni Mayer Lomba (UNIFAP)

Profa. Dra. Telma Mara Bittencourt Bassetti (UNIRIO)

Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva (UFG)

F138 Facetas da comunicação e da intertextualidade latino-americanas [recurso eletrônico] / Organizadores: Denise Rosana Silva Moraes [et.al.]. -- São Paulo: FFLCH/USP: PROLAM/USP, 2025.
2.130 Kb ; PDF. (Série: *Fronteiras interdisciplinares*).

Vários autores

ISBN: 978-85-7506-526-6
DOI 10.11606/9788575065266

1. América Latina. 2. Comunicação. 3. Intertextualidade. 4. Desafios e perspectivas. 5. Desenvolvimento latino-americano. 6. Interseccionalidade. 7. Pesquisa. I. Moraes, Denise Rosana Silva, coord. II. Castro, Rita de Cássia Marques Lima de, coord. III. Suzuki, Júlio César, coord. IV. Moreira, Benedito Dielcio, coord. V. Série.

CDD 301.16



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Capa e editoração: Rita Lima de Castro

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores, os quais também se responsabilizam pelas imagens utilizadas.

SUMÁRIO

Perspectivas interdisciplinares sobre a comunicação na sociedade do conhecimento 7

Denise Rosana Silva Moraes

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Júlio César Suzuki

Benedito Dielcio Moreira

Capítulo 1

Reprodução – a atomização dos indivíduos e as redes sociais como instrumento de propagação da retórica do ódio 11

Antonio Rediver Guizzo

Denise Rosana da Silva Moraes

Maíra Soalheiro Grade

Capítulo 2

Divulgação científica, Cultura Científica e Saúde Única: reflexões e discussões..... 37

Juliana Michaela Leite Vieira

Benedito Dielcio Moreira

Capítulo 3

Processos criativos em ciências: uma disciplina de arte e comunicação científica para físicos..... 60

Caetano R. Miranda

Dindara S. Galvão

Capítulo 4

Redes sociais, arte, mídia e o futebol amador87

Pedro Henrik Ferreira Lopes

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Capítulo 5

Racionais MC'S: história, periferias musicais e lutas sociais.....108

Marcos Leite Martins Jr.

Dorival Bonfá Neto

Júlio César Suzuki

Capítulo 6

Kafka no mundo digital: marcas de intertextualidade entre suas obras e o jogo eletrônico Metamorphosis142

João Pereira da Silva Filho

Vinícius Carvalho Pereira

Sobre os Organizadores 163

Sobre os Autores 166

Perspectivas interdisciplinares sobre a comunicação na sociedade do conhecimento

Este *e-book* resulta de uma parceria entre pesquisadoras e pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), e compõe uma série intitulada *Fronteiras Interdisciplinares*. A temática deste livro abrange a comunicação na sociedade do conhecimento, trazendo-nos espaços para o exercício de reflexões relevantes acerca dos desafios que envolvem a sociedade do século XXI, conhecida como sociedade do conhecimento, e a manutenção de valores essenciais para a convivência saudável com o ser humano: neste *e-book*, tratamos de valorização da cultura, de cidadania, sociabilização, construção de identidade, interações com meios tecnológicos, ressignificação de obras, como destacamos a seguir, realizando um breve panorama do conjunto de obras que compõem esta obra:

O capítulo 1, intitulado *Reprodução – a atomização dos indivíduos e as redes sociais como instrumento de propagação da retórica do ódio*, de autoria de Antonio Rediver Guizzo, Denise Rosana da Silva Moraes e Maíra Soalheiro Grade, apresenta discussões acerca da comunicação pelas redes sociais e as implicações dessa comunicação nos campos social e político. Com a análise da obra *Reprodução*, os autores nos convidam a realizar uma reflexão acerca dos desdobramentos socioeconômicos e

políticos das redes sociais, bem como a pensar em alternativas para impedir a proliferação de discursos de ódio.

No capítulo 2, *Divulgação científica, Cultura Científica e Saúde Única: reflexões e discussões*, de Juliana Michaela Leite Vieira e Benedito Dielcio Moreira, tem-se uma reflexão sobre a forma de se comunicar a ciência na atualidade e apresenta-se uma discussão acerca do que pode ser feito para mudar o cenário atual, em que há desinformação e negacionismo. O trabalho é um convite a pensarmos em como encorpar a cidadania científica e tornar os processos de desenvolvimento científico mais próximos à participação social.

O capítulo 3, intitulado *Processos criativos em ciências: uma disciplina de arte e comunicação científica para físicos*, de autoria de Caetano R. Miranda e Dindara S. Galvão, apresenta os resultados de uma disciplina criada para realizar a promoção do encontro da arte, ciência e comunicação. Com o nome de Processos Criativos em Ciências: da imaginação à divulgação científica, a disciplina tem se mostrado efetiva no preenchimento de uma lacuna criativa na formação dos cientistas e ressalta a importância de haver espaços efetivos de intersecção entre arte e ciência.

O capítulo 4, denominado *Redes sociais, arte, mídia e o futebol amador*, dos autores Pedro Henrik Ferreira Lopes e Francisco Xavier Freire Rodrigues, nos possibilita explorar a evolução do conceito de arte no século XX, considerando as teorias de Raquel Recuero e Manuel Castells. Raquel Recuero. Os autores destacam as formas com que as ferramentas de comunicação mediadas pelo computador proporcionam novas formas de expressão e

sociabilização, influenciando a construção de identidades e a interação nas redes sociais online, ressaltando como a arte transcende suas dimensões físicas, tornando-se um espaço no qual meios de comunicação, cultura e comunidades se entrelaçam.

No capítulo 5, *Racionais MC'S*: história, periferias musicais e lutas sociais, de autoria de Marcos Leite Martins Jr., Dorival Bonfá Neto e Júlio César Suzuki, os autores estudam a música desse grupo como um objeto cultural, um fator de transformação, demonstrando o papel social da arte e sua relação com lutas sociais das periferias. O trabalho realizado destaca possibilidades de novas pesquisas com foco nas produções ocorridas em espaços periféricos que, por vezes, não são valorizadas da forma que merecem, mas que são mecanismos a serem considerados para realizar a compreensão do próprio desenvolvimento territorial e espacial onde essas produções artísticas ocorrem.

Chegando ao capítulo 6, denominado *Kafka no mundo digital*: marcas de intertextualidade entre suas obras e o jogo eletrônico *Metamorphosis*, de autoria de João Pereira da Silva Filho e Vinícius Carvalho Pereira, encontramos uma proposta de aplicar a tecnologia para a revisitação de uma obra clássica, de Kafka. A proposta dos autores é a de pensar nas adaptações de obras clássicas como uma ação que merece reconhecimento para preservar e renovar a cultura literária, propiciando às novas gerações uma conexão intertextual com temas que são, no dizer dos autores, tanto universais como atemporais, e que permitem criar ambientes que se tornam referências tanto artísticas quanto culturais.

Boa leitura!

Denise Rosana Silva Moraes ¹

Rita de Cássia Marques Lima de Castro ²

Júlio César Suzuki ³

Benedito Dielcio Moreira ⁴

¹ Doutora pela Universidade Estadual de Maringá -UEM (2013). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- campus de Foz do Iguaçu/PR. (2014-2018). Atualmente é professora Sênior do Programa. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas de Avaliação, Mídias e Formação de Professores (PAMFOR) cadastrado no CNPq. Pesquisa Mídia e Formação de Professores e Professoras. Universidade e Escola. E-mail denisepedagoga@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214>.

² Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina - PROLAM/USP. Mestre em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Jornalista, formada pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Senac SP. Bacharel em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Senac SP. Pós-doutorados: 1) FEA-USP, Departamento de Administração (2015-2017). 2) FEA-USP, Departamento de Economia (2019-2022). Na USP: Professora e orientadora de Mestrado e Doutorado - Prolam-USP, desde jan.2021. Pesquisadora no CORS - Center for Organization Studies e no NESPI - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Política Internacional, Estudos Internacionais e Políticas Comparadas, ambos da FEA-USP. Pesquisadora no GP--CNPq Psicologia, Sociedade e Educação na América Latina, do Instituto de Psicologia-USP e no CRIACOMC (ECA-USP); Pesquisadora na Cátedra José Bonifácio - IR-USP. Presidente adjunta para o Brasil e Chefe de Relações Internacionais do Centro Latinoamericano de Estudios en Epistemología Pedagógica. Professora de Ensino Superior desde 2004. Avaliadora ad hoc de cursos - Basis – INEP-MEC. Avaliadora de premiações na área pública. Na Área Acadêmica, desde 1998 desenvolve projetos de Credenciamento Internacional, Auto Avaliação Institucional, Implantação de Sistemas Educacionais, Assessoria Acadêmica - Apoio à Pesquisa. ritalimadecastro@usp.br; ritalimadecastro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0137-6005>

³ Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, graduação em Química pelo Instituto Federal de São Paulo, mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo, doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e Livre-Docência, em Fundamentos Políticos, Sociais e Econômicos da Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente, é Professor Associado da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Integração da América Latina (PROLAM/USP), onde também atua como vice-coordenador. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Agricultura, Urbanização, Geografia e Literatura e Teoria e Método. jcsuzuki@usp.br ORCID [https:// orcid.org/0000-0001-7499-3242](https://orcid.org/0000-0001-7499-3242)

⁴ Pesquisador Associado, professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação (USP) e Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha. É líder do Grupo de pesquisa Multimundos (Multimundos.org). Temas de interesse: ensaios audiovisuais, cultura científica e educomunicação. E-mail: dielcio.moreira@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9947-5353>

Capítulo 1

Reprodução – a atomização dos indivíduos e as redes sociais como instrumento de propagação da retórica do ódio ⁵

Antonio Rediver Guizzo ⁶

Denise Rosana da Silva Moraes ⁷

Maíra Soalheiro Grade ⁸

⁵ Este capítulo é oriundo das pesquisas realizadas no projeto “Imaginários da Violência na Literatura Latino-americana – Literaturas do Fim do Mundo”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNPq-PQ-2.

⁶ Doutor em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2014). Professor Adjunto da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foi coordenador do PPGLC-UNILA – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada de 2016 a 2020 e atualmente é Professor do programa. Foi Coordenador-geral da EDUNILA – Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana de 2021 a 2022. Líder do grupo de pesquisa ILA – Imaginários Latino-Americanos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq - PQ-2. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6583-8205> E-mail: antonio.guizzo@unila.edu.br

⁷ Doutora pela Universidade Estadual de Maringá -UEM (2013). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- campus de Foz do Iguaçu/PR. (2014-2018). Atualmente é professora Sênior do Programa. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas de Avaliação, Mídias e Formação de Professores (PAMFOR) cadastrado no CNPq. Pesquisa Mídia e Formação de Professores e Professoras. Universidade e Escola. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214> E-mail denisepedagoga@gmail.com

⁸ Maíra Soalheiro Grade é graduada em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2009), Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2019) e Doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atualmente é analista judiciária junto ao Tribunal de Justiça do Paraná. Tem experiência na área de Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, mulher, poder, gênero e direito. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7341-0436> E-mail: maasolheiro@hotmail.com

Introdução

A eleição de governos de extrema direita, muitas vezes representados por candidatos que se autodenominam antissistema e alavancam sua popularidade por meio da internet e das redes sociais, é um fenômeno que tem sido observado em diversos países na contemporaneidade. Parece evidente que não há mais como imaginar a política sem a utilização de ferramentas digitais, e um dos desafios que se evidencia neste contexto, a fim de manter o funcionamento das instituições democráticas, é a criação de meios eficazes para reprimir a circulação de discursos falsos e de propagação de ódio.

A comunicação por meio das redes sociais ampliou a velocidade com que temos acesso às informações, mas, ao mesmo tempo, possibilitou a divulgação de dados não comprovados ou deliberadamente falsos em uma celeridade estrondosa. Além disso, as mídias sociais, por meio da utilização dos algoritmos e de seu poder de determinar o conteúdo que será apresentado aos usuários, acabam por reunir os indivíduos em bolhas temáticas que criam uma visão distorcida da realidade, ampliando a polarização e a disseminação do sentimento de desprezo aos que pensam de maneira distinta.

Nesse cenário, utilizando, entre outros, os conceitos de retórica do ódio e Estado Pós-Democrático, especialmente na teoria de João Cezar de Castro Rocha e Rubens R R Casara, o

presente trabalho busca explorar, no contexto representativo do romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho (2013), os meios pelos quais a comunicação por meio da internet e das redes sociais afeta o modo como nos relacionamos com os outros indivíduos e as nossas práticas sociais e políticas.

A obra *Reprodução* (2013), neste ponto, parece prenunciar a escalada de um *ethos* reacionário e negacionista que se manifestaria de forma mais contundente no cenário nacional a partir de 2014, e que se tornaria *leitmotiv*⁹ de diversas obras posteriores da literatura contemporânea nos diferentes países em que fenômenos semelhantes ocorreram. Tais obras reiteram o comprometimento do trabalho artístico e intelectual com a reflexão sobre os desafios políticos e sociais e o engajamento com a construção de uma sociedade disposta a reconhecer e encontrar soluções para as profundas desigualdades que marcam o tempo em que vivemos.

A fim de realizar a análise a que nos propomos, o trabalho iniciará trazendo reflexões teóricas que vêm sendo desenvolvidas atualmente acerca da comunicação por meio das redes sociais, de seus desafios e da influência na configuração social, política e econômica do mundo que vivemos, para em seguida tecer uma breve apresentação da obra *Reprodução* (2013), finalizando com o contraponto entre

⁹ Motivo central ou recorrente em uma obra.

as teorias apresentadas e o contexto ficcional representado no romance, escrito há uma década.

Comunicação, pós-verdade e retórica do ódio

O surgimento da internet e a democratização do acesso à rede constituíram-se, inicialmente, como a promessa de uma nova era comunicacional, em que o acesso à informação e a liberdade de expressão instituem um novo espaço de construção social. A instantaneidade da comunicação, a interatividade livre entre usuários, e a globalização e democratização do conhecimento pareciam ser características a sinalizar uma infinidade de potencialidades educativas a serem compartilhadas pelos usuários conectados. Entretanto, nas últimas décadas, conforme Rodríguez Pérez (2019), assistimos à viralização de conteúdos informativos inverídicos, discursos deliberadamente falsos e intencionalmente disseminados com o intuito de enganar o receptor final. De acordo com Rodríguez Pérez (2019), se, por um lado, a difusão de mentiras e informações falsas é inerente à história da humanidade, por outro, a facilidade e velocidade de disseminação inéditas, somada às carências educacionais da população em geral, têm gerado uma rede de desinformação que atrai milhares de usuários e apresenta grandes e inesperadas dificuldades para detecção e combate das chamadas *fake news*, sobretudo quando plataformas sociais e

buscadores, deliberadamente ou não, ainda não desenvolveram mecanismos efetivos para sua contenção.

À desinformação soma-se a retórica do ódio. Como destacam Kiffer e Giorgi (2019), novas discursividades do ódio – que se desdobram em formas variadas de racismo, violência patriarcal, sexismo e classismo – espalham-se por contágio e parecem dilacerar pactos democráticos e civilizatórios que outrora pareciam sólidos; e como ressaltam os autores, trata-se da disseminação de um ódio que evidentemente se engendra por uma modelagem política, isto é, uma política do ódio que ergue a voz sobretudo nas *àgoras* contemporâneas que são as redes sociais, mas que também se desdobra nos inúmeros atos de violência física noticiados diariamente.

Os elementos constitutivos desses novos agenciamentos coletivos de enunciação dialogam, a nosso ver, com os paradoxos da democracia liberal contemporânea diagnosticados por Yascha Mounk (2019) – de um lado, o crescimento de uma democracia iliberal, no qual as maiorias de ocasião tendem a corroborar às tentativas de subordinação das instituições democráticas independentes aos caprichos do líder do executivo e a manifestar livremente sua intolerância com os direitos das minorias, apoiando tentativas de restrição de tais direitos; de outro, um liberalismo antidemocrático, no qual elites e poderosos grupos de interesse restrito assumem o controle político e, insensíveis às necessidades de bem-estar

social da maioria população, fortalecem seus privilégios econômicos através leis, decretos e regulamentos.

E é este segundo movimento que fortalece o primeiro, enquanto parcela significativa da população assiste à própria pauperização sem compreender as causas – tais como a globalização, a automação, a mudança dos empregos da indústria para a área de serviços e consequente redução de salários, a economia digital canalizando fortunas para poucas empresas, as políticas de austeridade fiscal que progressivamente precarizam o Estado de Bem-Estar Social e convertem direitos sociais tradicionalmente garantidos pelo Estado em mercadorias a serem comercializadas no setor privado etc. – políticos populistas, como destaca Mounk (2019), aproveitam-se deste descontentamento e incompreensão e se oferecem eleitoralmente como os únicos capazes de salvar “a nação”.

Eis o surgimento, conforme Casara (2020), do Estado Pós-Democrático, um Estado corporativo e monetarista, no qual o protagonismo na tomada das decisões de governo é assumido pelas grandes corporações financeiras, os interesses de pequenos grupos economicamente privilegiados passam a ser compreendidos como interesses comuns e a liberdade é entendida somente como liberdade para ampliar condições de acumulação do capital e geração de lucros. Por outro lado, agencia-se o esvaziamento da democracia participativa

através da demonização da política e do “comum”, as “minorias” e os direitos fundamentais são atacados, aos que creem ser neoempresários reserva-se a autoexploração e aos que sabem que são excluídos e explorados reserva-se, ao menor sinal de revolta, o poder disciplinar e a exclusão penal de um Estado punitivo exaltado pela mídia.

Assim, enquanto, de acordo com Brown (2021), toda classe baixa e média sofria a dizimação neoliberal da proteção ao trabalho, dos serviços públicos e da educação de qualidade, e enquanto o homem branco heterossexual perdia a sensação de supremacia (vivenciada mais no imaginário que nas condições reais de existência), o ressentimento rancoroso pelo declínio econômico e perda de legitimidade social foi sagazmente agenciado pela extrema direita, inicialmente em programas de TV e depois através de mídias sociais, sendo estas últimas a ferramenta essencial para conectar e direcionar o ódio de grupos diversos e outrora dispersos (racistas, sexistas, classistas, cristãos antisseculares, homofóbicos etc.) que, alimentados pela crescente segmentação de imaginários no universo das mídias sociais e aplicativos de troca de mensagens, foram unidos em torno de valores abstratos – tais como Deus, pátria e família –, ofertados como uma espécie de salvação conservadora a uma nação que supostamente havia sido pervertida pela libertinagem nos costumes e corrupção na política.

Em perspectiva semelhante, Jaques Rancière, em sua análise a respeito do ódio à democracia que ameaça a sua própria existência, também observa que esse indivíduo formado na modernidade, desprovido do sentimento de pertencimento a algo maior, afastado dos valores democráticos e da preocupação com o outro, passa a fazer parte de uma espécie de “reino de praguejadores que misturam as novas formas da publicidade da mercadoria e as manifestações que se opõem a suas leis, a tibieza do respeito da diferença e as novas formas do ódio racial, o fanatismo religioso e a perda do sagrado” (2014, p. 113). Assim, de acordo com Rancière (2014), o enfraquecimento da política (enquanto reflexão sobre o bem-viver na *pólis*) facilitou a formação de maiorias de ocasião manipuladas ideologicamente pelos detentores do capital, uma massa de eleitores que vão às urnas utilizando a lógica capitalista de escolher o produto mais adequado à sua necessidade de consumo imediata – o protesto. Em outras palavras, uma massa de eleitores que escolhe candidatos que transformam seu ressentimento em um discurso político orientado na proliferação e disseminação de ataques aos adversários políticos, caracterizados como os principais inimigos da nação, e os responsáveis pelo seu declínio econômico e moral.

No caso específico do Brasil, Jessé Souza (2019) sustenta a existência de um processo baseado no liberalismo e iniciado a

partir da década de 1930, coordenado pela elite financeira, pelo qual a classe média foi convencida a defender os interesses dos detentores do capital, justificando a dominação econômica que também a oprime, em uma espécie de pacto antipopular, engendrado com o auxílio da imprensa. Tal pacto, de acordo com Souza, exclui o sentimento de solidariedade de classe e pôde ser construído em virtude de um cenário de crescente precarização do trabalho e redução de direitos, motivado pelo desejo de preservação de seus próprios privilégios e de manter sua distinção das classes mais baixas, desejo que encontrou na extrema direita contemporânea seus porta-vozes.

Nesse movimento, conforme João Cezar de Castro Rocha (2021), o espaço público torna-se sitiado por convicções irreduzíveis, regidas por uma nova forma política conduzida por animadores de auditório que vivem à busca de inimigos fantasmagóricos (em síntese, todos que pensam de forma diferente e, conseqüentemente, precisam ser eliminados), enquanto manifestam a negação da realidade e o desprezo pela ciência; enfim, um projeto deliberado de desinformação que objetiva produzir o caos cognitivo sem o qual não assistiríamos ao sucesso da extrema direita. Assim surge o que Castro Rocha denomina de *idiotia erudita*, “o resultado do excesso de informações mal processadas e rapidamente mescladas em teorias conspiratórias difundidas nas redes sociais, gerando um número sempre maior de dados, que, por

sua vez, favorecerão teorias ainda mais intrincadas que, por sua vez..." (2021, p. 49); enfim, um círculo vicioso alimentado pela superabundância de informações e citações nunca desenvolvidas, mas conectadas por uma lógica problemática e uma inteligibilidade precária. Esses fragmentos discursivos desencontrados, unidos em aluviões conspiratórios e alimentados pelo ressentimento, que Bernardo de Carvalho ficcionaliza na voz do protagonista de *Reprodução*.

A “Reprodução” em Bernardo de Carvalho

Bernardo Teixeira de Carvalho nasceu no dia 5 de setembro de 1960, no Rio de Janeiro, e estreou em sua carreira como escritor com a coletânea de contos *Aberração*, publicada no ano de 1993. O autor, nos últimos anos, vem conquistando um espaço relevante na literatura brasileira contemporânea, tendo vencido por duas vezes o prêmio Jabuti, primeiramente com o livro *Mongólia*, premiado no ano de 2004, e posteriormente com o livro *Reprodução*, em 2014, ambos contemplados na categoria romance.

Bernardo, para além de sua carreira como escritor, também possui formação em jornalismo, atualmente é colunista do jornal Folha de S.Paulo, e tem como ponto comum em seus romances a produção artística que, ao mesmo tempo em que se aproxima da realidade, o faz sempre com o viés de

questionar ideias consensuais sobre a contemporaneidade. Seu romance mais recente, *Os substitutos*, foi lançado em outubro de 2023 e tem como pano de fundo o período da ditadura militar brasileira, reafirmando a tendência do autor em produzir uma literatura crítica e atenta às questões políticas do nosso tempo.

Em *Reprodução*, Bernardo Carvalho conta a história de um estudante de chinês que, após perder tudo no mercado financeiro e passar por um divórcio (em que sua mulher decidiu deixá-lo por uma relação com um quiroprático norte-americano), resolve viajar para a China, em uma tentativa de se afastar de uma vida decadente e solitária. A trama se inicia no aeroporto, enquanto o protagonista aguarda na fila para realizar check-in de seu voo com destino a Xangai, momento em que avista na fila para o mesmo voo a sua professora de chinês, de quem não tinha notícias há dois anos, desde um episódio até então inexplicado, quando ela abandonou as aulas individuais que ministrava e foi substituída por outra professora.

Surpreendido pela aparição e com a intenção de entender o que teria levado a professora a abandonar as aulas, o estudante de chinês se encaminha até a professora, que estava acompanhada de uma menina de aproximadamente cinco anos, para perguntar o que havia acontecido. Entretanto, antes mesmo de ser possível qualquer tipo de resposta,

surgem agentes da Polícia Federal, que interrompem a conversa, levando a professora e a menina para fora da fila e, logo em seguida, levando também o protagonista, que é conduzido a uma sala sem janelas a fim de ser interrogado. Logo descobrimos que a suspeita atribuída à professora é de tráfico de drogas e a detenção do protagonista ocorreu unicamente por ter se aproximado da suspeita, que dirigiu a ele uma frase em chinês que sequer foi compreendida.

O livro se organiza em três capítulos (“A língua do futuro”, “A língua do passado” e “A língua do presente”), cada um deles composto por uma narrativa ininterrupta, em que, após uma breve descrição inicial da cena a ser representada, o restante do capítulo é organizado em um único parágrafo. O que se desenvolve em cada parte da obra é um monólogo, sem interrupções, em que o interlocutor do discurso não participa efetivamente da conversa, assim criando, por meio de um fluxo narrativo vertiginoso, uma clara metáfora ao ritmo acelerado de circulação de dados e informações que temos na atualidade com a democratização da internet e das redes sociais.

O que se passa no primeiro capítulo é uma fusão entre trechos do interrogatório do protagonista com uma enxurrada de opiniões sobre os mais variados temas, que ele oferece ao seu interlocutor e interrogador com a plena convicção de que as inúmeras informações às quais têm acesso por meio dos jornais, da internet, dos blogs e dos colunistas o qualificam

como alguém com uma opinião própria, relevante e muito bem fundamentada. Pode-se observar, porém, já no início do romance, que a suposta sapiência do protagonista não se sustenta concretamente, uma vez que a própria decisão do estudante de aprender o idioma chinês é justificada pela sua impossibilidade de se expressar de maneira apropriada em seu próprio idioma:

Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer. É claro que isso significa, também, que a possibilidade de dizer não está no chinês propriamente dito, mas numa língua que ele apenas imagina, porque é impossível aprendê-la. É nessa língua que ele gostaria de contar sua história (CARVALHO, 2013, p. 6).

Podemos observar, portanto, o anúncio inicial de uma cisão entre a real tentativa de análise crítica da realidade e a exposição dos indivíduos à superabundância de informações e conteúdos fragmentados consumidos através da internet e reproduzidos ainda mais fragmentariamente, ilusoriamente amparados por uma errônea noção de autoridade das fontes, conectados por relações imprecisas e/ou equivocadas e, por fim, sustentados precariamente sob a autoilusão de uma compreensão racional da realidade em suas mais variadas dimensões – enfim, indivíduos que autoafirmam-se como polímatas renascentistas embora não façam mais do que reunir precariamente fragmentos superficiais e

desconectados de diferentes áreas do saber. Não é por acaso que passamos toda a obra sem conhecer o nome do estudante de chinês, escolha proposital do autor com o objetivo de realizar um paralelo com o conglomerado de pessoas que, escondidas por um suposto anonimato, informadas apenas pela internet e de forma absolutamente rasa, se prestam a discutir (ou reproduzir argumentos alheios) sobre praticamente qualquer tema, totalmente avessos a ouvir qualquer forma de contra-argumentação e incapazes de estabelecer um diálogo com a diferença. Além disso, conduzidos por algoritmos e reunidos em grupos em aplicativos de mensagens, são transformados em indivíduos ainda mais isolados no compartilhamento de opiniões sem contraditório, atomizados em bolhas de autoafirmação de preconceitos, fatos inverídicos e informações manipuladas.

O estudante de chinês, sob semelhante perspectiva, vangloria-se de ter ideias próprias, embasadas em muita informação, entretanto, destila através da obra diversos comentários evidentemente preconceituosos, xenofóbicos, gordofóbicos, machistas e homofóbicos, legitimados por meio de estratégias discursivas de autoridade que tradicionalmente ficavam restritas às teorias de conspiração, mas que se multiplicaram nas redes sociais nos últimos anos, tal como o apelo a um suposto discurso alheio legitimado pelo lugar de onde se produz, como se observa no trecho abaixo:

Vou ter que abrir outro parêntese, pro senhor entender, e isso sem nenhum racismo, não vai ficar chateado, pelo amor de Deus!, não precisa gritar, mas **um amigo meu, que aliás é judeu, e por isso não pode ser antissemita (o que prova que eu também não sou, não é?, porque sou amigo dele, amigo mesmo, de verdade, do coração), me disse outro dia que os chineses são os judeus da Ásia. E eu concordo, quer saber?** Chinês sempre odiou o comunismo. O senhor não perguntou a minha opinião? Mas é que se eu não disser, não vai entender a história. Muito bem, o.k., o senhor manda. Eu? Não, racista, não. Onde já se viu brasileiro racista? São dezenove novos milionários por dia em nosso país. O que eu queria dizer é que chinês não tem respeito pelo ser humano. Ainda mais por empregado. Chinês nasceu pra explorar os outros. Pra cometer abuso de autoridade. E não é pra menos. Vida na China não vale nada. Aqui? Aqui também não, mas pelo menos a gente fala a língua. Vai ver quantas pessoas são executadas por ano na China, por nada! Não sabe? Não faz a menor ideia? Onze por dia! É, é um montão de gente. E é uma gente dinheirista desgraçada. **Não é minha opinião, não. Todo mundo sabe** (CARVALHO, 2013, p. 23, grifos nossos).

No decorrer do primeiro capítulo, observamos o protagonista repetir frases feitas, uma espécie de relato em espiral que parte e volta diversas vezes para o mesmo ponto (sua história com a professora de chinês), mas sempre acrescentando inúmeros dados que em nada contribuem para a sua situação como alguém detido pela polícia. Porém, ao compartilhar todo o seu suposto conhecimento de mundo com o agente da polícia federal, evidencia-se o objetivo de caracterizar uma “nobreza intelectual”, um lugar de distinção que é reivindicado e autoafirmado tanto como forma de

diferenciação quanto como forma de desautorização do contraditório (uma divisão entre nós, os esclarecidos; e eles, os enganados, ignorantes, manipulados, incultos, atrasados). Ou como observa João Cezar de Castro Rocha (2021), a criação de uma inteligibilidade de alienista surda a tudo que não espelhe suas próprias convicções, em geral radicais.

A educação no Brasil acabou. Acabou mesmo! O nível está baixíssimo. Não dá pra conversar. Não tem interlocutor. Ninguém sabe nada. Tá difícil encontrar gente do meu nível. Sou um cara informado. Pronto, falei. O senhor lê as revistas semanais? O.k., o.k. Não vem ao caso? Pois eu acho que vem. Senão, eu não tinha ido estudar chinês. Pra ter alguém pra conversar! Por que é que o senhor acha que o país está nesse estado? Não tem ninguém pra conversar (CARVALHO, 2013, p. 37).

Em outros momentos, observa-se que a exaltação à superioridade de outros povos, quando comparados aos brasileiros, também é uma repetição constante do discurso do protagonista, especialmente em contraponto a americanos e chineses, que seriam naturalmente mais espertos (entretanto, a ele próprio tal regra não se aplicaria, pois afirma ser descendente de chineses e portugueses). Assim, na perspectiva do protagonista, aqueles que condenam as ações de países desenvolvidos o fazem em virtude de certo rancor ou inveja:

Todo mundo sabe que o antiamericanismo é a religião dos ressentidos e dos perdedores. Qualquer turista sabe. Pra ser franco, não tem nada melhor que americano, curti, adoro os elefantes também, e o

vinho! [...] Se a gente pudesse, também acabava com a privacidade pra combater o terrorismo; também se aliava com Arábia Saudita, Bahrein e o escambau; também defendia tortura fora das nossas fronteiras, em nome da democracia. Vai dizer que não defendia? (CARVALHO, 2013, p. 18).

A propagação do discurso de inferioridade atribuído ao povo brasileiro também presente no romance, conforme Jessé Souza (2019), é uma derivação do racismo que constitui nossas relações sociais desde a colonização. A aceitação, por parte de grande parte de nossa sociedade, de que o povo brasileiro seria naturalmente inferior ao povo americano ou europeu, que seríamos naturalmente mais corruptos, menos dedicados ou inteligentes, decorre de um preconceito “equivalente funcional do racismo fenotípico, realizando o mesmo trabalho de legitimar pré-reflexivamente a suposta superioridade inata de uns e a suposta inferioridade inata de outros” (2019, p. 19); um imaginário depreciativo que fora também sustentado por prestigiadas teses intelectuais, tais como a mestiçagem de Gilberto Freyre e a cordialidade de Sérgio Buarque de Holanda.

Outro ponto que podemos identificar nas falas do protagonista faz parte de um fenômeno que vimos surgir e se expandir de maneira vertiginosa nos últimos anos, alimentado por teorias da conspiração e informações falsas que circulam principalmente por meio das redes sociais, que é a contestação de fatos amplamente corroborados cientificamente por meio de argumentos frágeis e sem nenhuma comprovação. O

impacto das ações humanas nas mudanças climáticas, sobretudo no que se refere ao aquecimento global; a eficácia das vacinas; e até mesmo a defesa de que nosso planeta não teria um formato esférico são algumas das teorias dos negacionistas, grupo do qual o estudante de chinês demonstra fazer parte ao menos no que se refere à negação da responsabilidade da exploração desmedida de recursos naturais no aquecimento global, como se vê na passagem abaixo transcrita:

E esses imbecis agora falando de limite de recursos, aquecimento global etc. Que limite de recursos é o caralho! Fim do mundo. Me exaltei. Deus criou o universo que se expande! Sempre crescendo! [...] Mas se fosse acreditar em limite de recursos e aquecimento global, a China ia ter que parar, que é o que os Estados Unidos querem. Há duzentos e cinquenta milhões de anos, a Terra era um continente só e o oceano fervia nos trópicos — e, quer saber?, nós sobrevivemos. [...] Agora, quem é que está dizendo que os bichos tropicais vão migrar pros polos? Quem? Quem está dizendo que os oceanos vão ferver nos trópicos? Quem? Os americanos! É isso mesmo! Os americanos! Só brasileiro pra acreditar em limite de recursos e aquecimento global. [...] Uns poucos idiotas nas mãos dos interesses internacionais, basta uns poucos gritando no lugar certo pra aprovar lei contra o desmatamento e o escambau. Queria só ver se Israel fosse na Amazônia, se alguém ia falar em desmatamento (CARVALHO, 2013, p. 45).

O segundo capítulo do livro, que recebe o nome de *A língua do passado*, apresenta um diálogo entre o delegado que interrogava o protagonista no capítulo anterior e uma

delegada, em que o autor utiliza a mesma técnica do capítulo anterior, em que apenas uma voz se destaca (no caso a da delegada) e não há participação do interlocutor (o outro delegado). A narrativa, que segue vertiginosa e sem pausa, reforça a intenção do autor de reproduzir o ambiente no meio virtual, que inviabiliza o contraponto de ideias, e as informações trazidas pela delegada aos poucos se misturam com a situação da investigação referente ao estudante de chinês e à sua professora.

No segundo capítulo, entre informações entrecortadas, a história da professora de chinês e da menina que a acompanhava começa a ser esclarecida. Após a detenção de ambas na fila de embarque, o agente responsável desapareceu em companhia de ambas, a fim de salvar a menina, que estava em companhia da professora por ter perdido ambos os pais, vítimas de homicídio. A professora, então, teria resolvido levar a menina para a China e, a fim de conseguir o dinheiro das passagens, transportava cocaína em sua mala. A delegada, enquanto lida com o fato de que seu subordinado sumiu das dependências do aeroporto em companhia de uma suspeita de tráfico internacional de drogas, despeja sua frustração no delegado com o qual conversa, afirmando que a culpa do episódio seria dele, que solicitou junto à superintendência a lotação do agente desaparecido (que seria seu filho, uma

paternidade nunca reconhecida de maneira formal) junto à delegacia localizada no aeroporto e por ela chefiada.

A preocupação com a transmissão de um pensamento próprio e adequadamente informado, manifestada pelo estudante de chinês no primeiro capítulo, é afastada pela delegada em seu monólogo dirigido ao outro delegado. Isto porque, em sua análise, a sobrevivência do ser humano na atualidade está diretamente relacionada à sua capacidade de fortalecer os laços sociais, o que por sua vez se fundamenta no compartilhamento de opiniões e convicções em comum, tal como acontece com frequência em ambientes religiosos:

Ritual, pra mim, é isso: sobreviver em sociedade, Tem que se igualar, compartilhar, reproduzir. Não? Agora não é tudo coletivo? Todo mundo não faz a mesma coisa? E se todo mundo é crente... Achei que você já tivesse pensado nisso. Eu penso todos os dias. Ritual serve pra te convencer de que você não está sozinho. Não é melhor acreditar e pertencer? Quem vai ligar pro que eu penso ou você, sozinhos? Pense bem. Quem vai ligar daqui a dez, vinte anos, quando o país inteiro for só um amontoado de igrejas, disputando espaço a tapa umas com as outras? Daqui a vinte anos, é possível que o que a gente pensa nem seja mais pensamento (CARVALHO, 2013, p. 70).

O mesmo agente responsável pelo desaparecimento da professora, de acordo com a delegada, teria sido culpado pelo fracasso de uma missão realizada na Amazônia, que resultou na morte de um indígena. Os pontos de convergência entre o primeiro e o segundo capítulo vão surgindo no decorrer da

narrativa – um deles é a convicção da existência de um idioma que seria o único capaz de traduzir de maneira adequada uma espécie de conhecimento notável e singular. Para o protagonista, tal idioma seria o chinês, enquanto na trama narrada no segundo capítulo seria uma língua indígena ameaçada de extinção (falada apenas pelo indígena morto na operação mal-sucedida da polícia federal e por um missionário que vivia na mesma aldeia), como vemos no trecho abaixo:

Aqui diz que o agente entrou na mata pra ver o que o índio dizia e que não existe em nenhuma outra língua. O que é que ele achou que ia ver no escuro? Coisas que não podem ser ditas em nenhuma outra língua? A única língua capaz de dizer Deus! Uma língua diferente de todas as outras? E eu com isso? [...] A conclusão do relatório é que o missionário só atirou no índio pra defender o agente. Se não fosse pelo missionário, o agente não estaria entre nós e não teríamos que resolver mais esse problema hoje. Você não acha que o índio ia atirar no agente pelas costas? Tanto faz se o missionário mentiu. Porque ele não teria desculpa para atirar no índio se o índio não estivesse armado, concorda? (CARVALHO, 2013, p. 110).

Enquanto a conversa entre os delegados acontece, no decorrer do segundo capítulo, o estudante de chinês permanece em uma sala contígua, ouvindo. No terceiro capítulo, porém, quando o delegado volta à sala em que o protagonista foi deixado para continuar o interrogatório, afirma que a conversa com a delegada nunca ocorreu, que foi fantasiada pelo estudante de chinês e que seria ele o único delegado responsável pelo caso:

O que eu ouvi foi obra da minha imaginação. A realidade não existe. Eu não estou aqui. Não tem nenhuma delegada aí do lado. Tudo fruto da imaginação. Do quê? Ah, da minha loucura! Claro. Vou me fingir de crente, como o senhor. Imaginei uma delegada. Claro. Porque estou fodido. O que a mente humana não faz numa situação dessas? (CARVALHO, 2013, p. 138).

À medida em que o terceiro capítulo avança, observamos o aumento da intensidade do ódio expressado pelo protagonista, que se intensifica quando ele admite sua incapacidade de se comunicar de forma eficiente. O reconhecimento de sua inépcia na comunicação causa tamanha angústia por estar relacionada à perda da única característica que ele acreditava possuir e da qual se orgulhava, obrigando-o a admitir sua irrelevância e sua falta de competência para exercer o papel de comentarista qualificado dos fenômenos contemporâneos:

Está vendo?, é um círculo vicioso, não tem saída. Como é que não entendeu? **É que estou exausto, delegado. Exausto de esperar e de falar nessa língua que o senhor não entende. E que nem é chinês! É português.** Estou cansado de repetir em português. Não vejo a hora de sair daqui, de acabar tudo isso. E o senhor quem decide. Claro. E não só a hora! Já entendi (CARVALHO, 2013, p. 152). Grifo nosso.

A história de *Reprodução* termina com o estudante de chinês sendo liberado pelo delegado da Polícia Federal para embarcar em seu voo em companhia da menina chinesa órfã,

que é levada por ele à China, para ser cuidada pelos pais adotivos da professora de chinês, também liberada pela polícia por não ter sido encontrada em sua mala a cocaína que ela havia sido acusada de possuir. O protagonista retorna ao Brasil após cumprir a missão de conduzir a menina em segurança até a China, sem conseguir o que pretendia quando resolveu realizar a viagem que o salvaria de sua vida enfadonha – não foi capaz de provar sua visão de mundo única ou seu pensamento original e sequer soube se comunicar minimamente no idioma chinês, desfecho que revela uma metáfora ao que presenciamos na atualidade – a incapacidade de transformar em argumentos sólidos as informações consumidas por meio da internet e das redes sociais. Nesse sentido, o final do romance parece apresentar o confronto entre as convicções imaginadas do protagonista com a realidade, uma suspensão da ruptura entre real e imaginado, e o protagonista transfigura-se em um Dom Quixote contemporâneo a experimentar a dissolução dos gigantes imaginários em singelos moinhos de vento. No romance, tal momento ocorre quando o protagonista reencontra a professora de chinês e lhe conta que levara à menina em segurança à China, entretanto a mulher apenas responde que não é a professora de chinês (momento de tensão no qual a narrativa cria a expectativa de uma resolução final à atmosfera conspiratória na qual o protagonista está submerso durante todo o enredo). Porém

não nos deparamos com o retorno à realidade; ao contrário, o protagonista se nega a emergir, e termina a história reiterando discursos desconexos, unidos pela mesma lógica precária representada em todo o romance.

Considerações finais

A democratização do acesso à internet trouxe consigo a multiplicação da velocidade em que as informações são disseminadas e ampliou as possibilidades de comunicação em tempo real de uma maneira jamais imaginada há algumas décadas. Porém, com o advento das redes sociais, observamos um crescimento sem precedentes da produção e disseminação de notícias falsas e de discursos de ódio, que frequentemente estimulam atos de violência contra aqueles que representam pontos de divergência e contra as instituições democráticas que representariam um entrave à resolução dos problemas vivenciados.

A obra analisada, em tal contexto, para além de seu inegável valor artístico e de sua escolha acertada na composição narrativa, que simbolizou de forma precisa a exclusão da alteridade, conduz inevitavelmente à reflexão sobre o papel da literatura como instrumento de observação crítica das questões políticas e sociais, capaz até mesmo de antever formas de relações sociais que se manifestaram de

forma mais contundente nos anos posteriores à publicação de *Reprodução*.

Além disso, a obra também parece invocar a necessária dissolução do aglomerado de discursos monocórdios e sem contrapontos constituídos na contemporaneidade, a necessária ruptura das bolhas em que, sob o manto do aparente consenso, encontram-se sistemas de crença violentamente avessos ao contraditório. Assim, a ausência intencional do diálogo na obra é o diagnóstico da arte sobre a contemporaneidade, sobre a superficialidade com a qual fenômenos complexos e suas supostas soluções são apresentados, sobre a manipulação narrativa de acontecimentos com evidentes fins ideológicos, e sobre toda a pulsão ao autoritarismo que germina por meio da atomização dos indivíduos através das redes sociais e aplicativos de mensagens e culmina nos ódios discursivos e violência contra tudo que lhe é dissonante.

Referências

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. Trad. Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASARA, Rubens R. R. *Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

GIORGIO, Gabriel; KIFFER, Ana. *Ódios políticos e políticas do ódio: lutas, gestos e escritas do presente*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Trad. Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RANCIÈRE, Jaques. *O ódio à democracia*. Trad. Mariana Echalar. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RODRÍGUEZ-PÉREZ, Carlos. No diga fake news, di desinformación: Una revisión sobre el fenómeno de las noticias falsas y sus implicaciones. *Comunicación*, [S. l.], n. 40, p. 65–74, 2019. DOI: 10.18566/comunica.n40.a05. Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/comunicacion/article/view/437>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Capítulo 2

Divulgação científica, Cultura Científica e Saúde Única: reflexões e discussões

Juliana Michaela Leite Vieira ¹⁰

Benedito Dielcio Moreira ¹¹

Introdução

Este artigo apresenta um recorte do projeto da pesquisa *Saúde Única: Estudo de caso sobre o saber científico e tradicional na comunidade ribeirinha São Gonçalo Beira Rio* em âmbito de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT) na linha Comunicação e Mediações Culturais, com orientação do Professor Doutor, Benedito Dielcio Moreira e as contribuições da disciplina coletiva *Fronteiras Interdisciplinares – Produção de*

¹⁰ Juliana Michaela Leite Vieira – Jornalista do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT), membro do Grupo de Pesquisa Multimundos da UFMT e da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade, parceria entre a USP e o jornal "Folha de S.Paulo". E-mail: julianamichaela.ecco@gmail.com

¹¹ Pesquisador Associado, professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação (USP) e Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha. É líder do Grupo de pesquisa Multimundos (Multimundos.org). Temas de interesse: ensaios audiovisuais, cultura científica e educomunicação. E-mail: dielcio.moreira@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9947-5353>

Conhecimento-Ciência e Arte ofertada pelos seguintes Programas de Pós-Graduação: Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) de Foz do Iguaçu; Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP) e Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A pesquisa investiga se a forma de comunicar ciência, na atualidade, alcança as pessoas que não estão envolvidas diretamente com o saber e o fazer científico. Busca compreender como ocorre na comunidade São Gonçalo Beira Rio a circulação de informações científicas sobre o meio ambiente, saúde humana e animal. Para isso, neste artigo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre os seguintes temas: comunicação pública da ciência, divulgação científica e cultura científica.

O objetivo é verificar se a forma de comunicar a ciência na contemporaneidade, segundo os autores que discutem esses temas, tem alcançado a sociedade. Se não, o que os autores sugerem que seja feito para melhorar o atual panorama, como por exemplo o estímulo ao fortalecimento da cultura científica. Entendemos que a forma verticalizada de comunicar ciência dissemina a informação científica, mas não assegura a apreensão pelo receptor, não dialoga com a sociedade e abre

“brechas” para que uma pseudociência se instale, produzindo desinformação e negacionismo.

Ademais, refletimos sobre interdisciplinaridade na ciência como sendo uma nova forma de olhar/estudar/trabalhar (de modo holística e não apenas superespecializada) de uma maneira complexa, sistêmica e integrada. Adotamos como ponto de partida o conceito de Saúde Única (One Health), sobre o qual abordaremos mais à frente.

Vivemos no século XXI e podemos usufruir dos avanços da ciência, como as vacinas, as tecnologias digitais, os aparelhos eletrônicos, os eletrodomésticos, entre outros, que nos facilitam nas atividades do dia a dia, e não nos imaginamos mais sem eles. Uma das tensões contemporâneas geradas inclusive via tecnologias digitais de comunicação e informação foram as notícias falsas e o combate virtual contra as vacinas durante o período da pandemia do Covid 19, uma prática que perdura nas redes sociais.

A sociedade contemporânea não presenciou os horrores das mortes ou as sequelas que restaram aos sobreviventes de inúmeras doenças antes das vacinas, como Rubéola, Varíola, Caxumba, Catapora, Hepatite B, Tuberculose, Difteria, entre outras. “(...) Hoje em dia, curiosamente, tem gente que questiona a segurança e eficácia das vacinas. Essa atitude está gerando um grave problema de saúde pública, pois doenças

antigas estão voltando a circular, causando até mortes” (Pasternak, 2023).

O risco do analfabetismo científico foi alertado pelo cientista planetário, astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1996) há pelo menos 28 anos atrás:

Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais – o transporte, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, o entretenimento, a proteção ao meio ambiente e até a importante instituição democrática do voto – dependem profundamente da ciência e tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara”. (SAGAN, 1996, p. 39)

Essa desvalorização da ciência foi intensa durante a pandemia de Covid-19. Por conta do negacionismo e mentiras ficou exposta a dificuldade da ciência, dos cientistas e das universidades em se comunicar com a sociedade. Notícias falsas e manipulações de informação nas redes sociais colocavam em dúvida o papel do cientista e do conhecimento científico. Diante desses episódios recorrentes de desinformação e mentiras, nos questionamos até que ponto essa forma verticalizada de divulgar ciência, até então adotada no jornalismo científico, nos comunicados científicos e nos informes sobre descobertas da ciência alcança as pessoas que

não estão envolvidas diretamente com o processo científico. Elas têm conhecimento da importância da ciência no seu cotidiano, em suas atividades diárias?

A verticalização na forma de comunicar ciência a que nos referimos, segundo Araújo e Cardoso (2007), são os modelos informacional e desenvolvimentista em que basicamente o emissor é quem possui o conhecimento científico e o receptor não. A mensagem é emitida com o propósito de transferência de informação e assimilação do significado da mensagem desejada. Nestes modelos, o receptor acolhe a mensagem, como a um receptáculo, sem diálogos, troca de saberes e de conhecimentos.

Em toda relação humana notamos a interação de pelo menos duas vontades. No entanto, não é porque uma delas esteja talvez animada por excelentes intenções, por exemplo, a transmissão de conhecimentos, que a outra se abandona como uma esponja sedenta, ávida por desfazer-se de suas representações preexistentes, seus medos e repúdios. (...) O conhecimento particular e subjetivo que cada um amalha a respeito do mundo representa algo íntimo e essencial. Independentemente de seu valor em si, supor que seja possível transformá-lo com a varinha de condão da comunicação, com o pretexto de que as ciências modernas são as únicas dotadas de validade e explicação e poder, é consequência de uma ilusão totalitária e perigosa, além do mais ineficaz! (Carlos Vogt, 2006, p. 23)

Carlos Vogt (2006) discute ciência, comunicação e cultura científica e argumenta, mesmo com as ações de divulgação científica, o número de ingressantes nas carreiras de ciências e

tecnologia nas universidades federais tem caído nos últimos anos. Embora estudos¹² mostrem que a sociedade reconhece a importância das ciências e tecnologia, o avanço da ciência ainda caminha a distância da população.

Vogt destaca que existe uma tendência de colocar a comunicação da ciência como transferência de conteúdo, e não sua intenção inicial de aproximar, compartilhar e estimular:

Melhor do que alfabetização científica, popularização/vulgarização da ciência, percepção/compreensão pública da ciência, a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda, em seu campo de significações, a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda, do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história. (Vogt, 2006, p. 24-25)

Jean-Marc Lévy-Leblond (2006) aponta que hoje não existe mais uma “cultura científica”, sendo o problema mais preocupante do que simplesmente transmitir ao público leigo. “O problema está na (re)inserção da ciência na cultura, e isso

¹² Carlos Vogt se refere no texto a um movimento de ação cultural científico na França na década de 70 do século passado, que desenvolveu modalidades estratégicas indiretas, com interação, a partir de situações cotidianas com um público não especializado. Segundo Vogt, a modalidade indireta persiste em uma compreensão das situações que o público associe o conhecimento que ele possui com o que está sendo proposto, sem que isso seja notado. Esse movimento reconheceu que a palavra ciência assusta a maioria dos cidadãos, por fazer lembrar dos fracassos escolares ou por remeter aos doutores “franksteins” celebrados pela mídia.

requer uma profunda mudança do próprio modo de fazer ciência”.

Consideramos que isso inclui a forma como são ensinadas/transmitidas as ciências nas escolas, os cortes drásticos nos orçamentos, a falta de investimentos nos ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia e a falta de planejamento a longo prazo de uma política nacional sobre Ciência, Tecnologia e Educação.

Chagas e Massarani (2020) destacam que mesmo com os cortes no orçamento, os pesquisadores têm mostrado a importância da ciência brasileira e se colocam como parceiros imprescindíveis para o desenvolvimento econômico e social do país, como por exemplo as pesquisas feitas em 2015-2016, no período da epidemia de zika vírus¹³, importância foi a descoberta da causa da doença, a transmissão e suas consequências. Isso só foi possível porque à época foram lançados vários editais de apoio financeiro à pesquisa. E na recente pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2), os pesquisadores brasileiros também se colocaram à disposição da nação no combate à doença. “Um exemplo importante foi o sequenciamento do genoma do vírus do primeiro paciente no

¹³ Doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* causa microcefalia em bebês durante a gestação. Existem indícios que a zika vírus também pode ser transmitida para a gestante por relação sexual com o parceiro contaminado. Em adultos pode causar uma doença neurológica grave, chamada de síndrome Guillan-Barré. (Chagas e Massarani, 2020)

país, apenas 48 horas após o diagnóstico, mostrando que a rota de transmissão foi na Europa” (Chagas e Massarani, 2020, p. 18)

O vírus SARS-CoV-2 é uma zoonose, doença transmitida por animais aos seres humanos¹⁴, produzida por um coronavírus. De acordo com Schneider e Oliveira (2020), a origem desse novo coronavírus está sendo estudada, existem indícios que pode ter sido transmitido por morcegos (reservatório frequente de coronavírus) e o hospedeiro intermediário pode ter sido o pangolim, um mamífero ameaçado de extinção. Como o vírus “pulou” da população de animais silvestres e transmitiu para o ser humano é algo complexo e está sendo investigado. Os autores salientam que o surgimento da Covid-19 é um apelo para a utilização do enfoque de Saúde Única.

Saúde Única: abordagem para problemas complexos de saúde

O conceito de Saúde Única é uma visão integrada e unificadora entre a saúde humana, animal e ambiental, um modo interdisciplinar de questionar problemas complexos de saúde. Esse olhar sistêmico, de observar o todo (saúde humana, animal e ambiental) é uma nova forma de pensar a ciência e ver a vida, proposto pelo físico e educador ambiental Fritjof

¹⁴ Doença infecciosas transmitidas de animais para os seres humanos (Biblioteca Virtual em Saúde, Ministério da Saúde)

Capra. Ele propõe que saíamos de uma visão fragmentada (mecanicista) da ciência (e da vida) para sermos capazes de ver o todo (visão ecológica), com as influências dos atos que realizamos para as futuras gerações.

Essa proposta é uma forma de entendimento dos complexos e altamente integrativos sistemas da vida. “A partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções sustentáveis”, aponta Capra (1996). Para ele, nos últimos 30 anos tem ocorrido uma mudança de visão do mundo mecanicista, de Descartes e Newton, para uma visão holística, ecológica:

Esse paradigma consiste em várias ideias e valores entrincheirados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e - por fim, mas não menos importante - a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por eventos recentes. E, na verdade, está ocorrendo, na atualidade, uma revisão radical dessas suposições. (CAPRA, 1996, p. 20-21)

A percepção ecológica profunda, segundo Capra, é que todos nós estamos interligados, ser humano e sociedades, animais e meio ambiente, nos processos cíclicos da natureza, reconhecendo o valor intrínseco de todos os seres vivos, sendo os humanos, um fio particular dessa teia da vida. Para o

sociólogo e filósofo francês, Edgar Morin (2015), o pensamento complexo aspira a visão completa das coisas, onde se observa/analisa as relações e dinâmicas de um objeto/fato com os outros objetos.

Seguindo o raciocínio de Capra e Morin, nessa nova ciência que está se delineando para atender a problemas complexos, surge o conceito de Saúde Única. Conforme Xie T *et al.* (2017), esse conceito não é novo, sendo datado no final do século XIX com as interações da saúde humana e animal. Hoje o conceito tem sido utilizado como uma abordagem eficaz para problemas complexos de saúde, que envolvem várias disciplinas. Xie T *et al.* propõe a analisar o tema a partir do pensamento sistêmico para entender problemas de sistemas complexos. Gruetzmacher *et al.* (2021) alertam sobre a necessidade de se trabalhar com a abordagem Saúde Única para “direcionar a nossa saúde futura neste mundo de mudanças agudas e irrevogáveis. O COVID-19 nos mostrou o custo exorbitante da inação. A hora de agir é agora”.

A industrialização em larga escala planetária com acumulação de gases de efeito estufa sobre o clima, a drástica diminuição da biodiversidade e o consumo excessivo dos recursos naturais gerou o Antropoceno, isto é, uma era geológica causada pelas transformações ambientais globais pela interferência do homem com suas atividades no meio ambiente. O impacto da ação humana no ecossistema está

causando alterações no planeta e causando danos aos seres humanos, animais e meio ambiente.

Os autores afirmam que em 2008 houve um aviso da frequência dos transbordamentos (*Spillover*) virais na vida selvagem, aumentados significativamente nas últimas décadas. No ano de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) acrescentou em sua lista de prioridades uma “doença X” viral que poderia causar uma pandemia, com impactos à saúde e a economia no planeta.

Se tivéssemos adotado uma abordagem preventiva aos perigos e coordenado antecipadamente um plano de preparação global que preenchesse todos os silos setoriais normais, teríamos reduzido bastante os riscos e impactos de uma pandemia. Em vez disso, devido à desconexão entre ciência, economia e política, falhamos coletivamente. (Gruetzmacher et. al. 2021, tradução nossa)

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), a Organização Mundial para a Saúde Animal (OIE), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), lançaram um documento no dia 01 de dezembro de 2021, defendendo que a ideia de Saúde Única (One Health) aborda todo o espectro de controle de doenças – da prevenção à detecção, preparação, resposta e gestão – e é suficientemente forte para melhorar e promover a saúde e a sustentabilidade. A abordagem pode ser aplicada nos níveis comunitário, subnacional, nacional, regional e global, sobre governança,

comunicação, colaboração e coordenação compartilhada e eficaz.

A ideia de Saúde Única envolve vários elementos, como doenças zoonóticas (doenças transmitidas dos animais para os humanos, tanto domésticos como silvestres), resistência a antibióticos, qualidade e segurança dos alimentos, doenças transmitidas por vetores (malária, zika, chagas, toxoplasmose, febre amarela, leishmaniose, covid-19, etc.), saúde do ambiente (poluição, desmatamento, queimadas, agrotóxicos, etc.), saúde mental e saúde ocupacional. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 60% das doenças infecciosas humanas tem origem animal e 75% das doenças infecciosas emergentes são compartilhadas entre humanos e animais domésticos/selvagens.

Lima et al (2022) fala da necessidade de “uma nova ciência, sem fronteiras entre as disciplinas, mas também entre os países, em prol da solidariedade e cooperação global”. Essa ideia de uma ciência sem fronteiras considera o contemporâneo como um momento de ruptura da forma tradicional de se pensar a ciência, até então fortemente fragmentada. Há em gestação um olhar sistêmico, para o todo. Essa mudança do olhar, considerando a necessidade de se trabalhar em rede, foi vivenciada durante a pandemia de Covid-19, uma intercorrelação com o meio ambiente, animais e o ser humano. A proposta de se trabalhar em rede e tendo uma

visão preocupada com o ecossistema é uma urgência para os tempos atuais, em que não se deve pensar o ser humano como centro do universo, cujas atitudes antiambientais não irão repercutir para as gerações futuras.

A Comunicação pública para a ciência e as suas dificuldades

Diante desse cenário, uma comunicação científica eficaz permite que as pessoas possam compreender e adotar comportamentos de proteção em momentos de crise. Warren Burkett (1990) coloca que um dos desafios de comunicar ciência está na forma precisa e interessante, capaz de despertar o interesse de um público maior.

É importante destacar que a ciência não tem verdades absolutas, havendo uma mutabilidade e transitoriedade no conhecimento:

As “verdades” se baseiam em interpretações da realidade, constantemente revistas conforme a ciência amplia a autenticidade e a qualidade das informações necessárias à organização destas interpretações, as quais também dependem da capacidade de comunicação e, portanto, de troca de informações entre a comunidade científica e, de maneira abrangente, de toda população ou sociedade, a qual estrutura a ciência, apesar de termos a impressão de que não. (SILVA, 2017, p. 33)

André Chaves de Melo Silva (2017) entende que o jornalista não tem que ser um educador, mas mostrar para o seu público os resultados das pesquisas, o seu método (caminho percorrido pelo cientista), sua inserção social, retirando assim a

ciência do seu pedestal. Essa comunicação científica para o grande público está centrada no processo de mediação assumido pelo profissional jornalista. Para Ludwik Fleck (2010), a comunicação sem a valorização do caminho percorrido pelo cientista é o “reflexo da relação entre a elite e a massa: confiança nos especialistas, por um lado, e dependência da opinião pública, por outro”. E acrescenta, isso há 45 anos atrás, que a “ciência popular” está questionando o papel dos especialistas e a legitimação dos cientistas perante a sociedade.

Lima e Giordan (2021) entendem que a atividade de divulgação científica (DC) exercida pelo profissional jornalista seria uma tradução de um fato científico para o público leigo ou como um gênero discursivo próprio. Os autores concebem a divulgação científica “como uma prática que se materializa por meio de gêneros discursivos e tem como referente a cultura científica” (LIMA e GIORDAN, 2021, p. 388).

O sociólogo Yuri Castelfranci (2018) pontua que o conteúdo científico era limitado e definido por meio da educação escolar e da mídia, se assemelhando ao modelo da espiral da cultura científica, defendido por Carlos Vogt (2012). No século XXI, esse conteúdo se multiplicou nas redes sociais, podendo ser produzido pelos próprios usuários, sem ter intermediação da imprensa. “Na comunicação da ciência hoje existe a possibilidade de usuários e públicos produzirem e circularem

informações entre si, sem intermediação pela imprensa.” (Castelfranci, 2018).

A pandemia de Covid-19 pode ser considerada como um “marcador” por conta da necessidade mundial de informações e ações científicas para combater ao vírus. Nesse momento houve uma avalanche de notícias falsas que dominaram as redes sociais e a ciência teve e está tendo que se (re)posicionar na sociedade mostrando a sua necessidade.

Mirian Lellis (2022) coloca que cientistas/pesquisadores se tornaram mediadores científicos ou digital influencers, foram para as redes sociais discutir a pandemia, vivendo a ciência no cotidiano, interagindo o com o público, orientando, respondendo perguntas e não apenas traduzindo-a para o leigo. Foi um momento importante para a comunicação pública da ciência e para o jornalismo científico, pois todos os assuntos, desde política a economia, terminaram se tornando uma editoria de ciência.

Esse processo nas redes sociais tanto aproximou a ciência do grande público, com cientistas respeitados em suas áreas assumindo seus trabalhos e suas ideias, quanto promoveu relatos falsos, pesquisas discutíveis e ideias pseudocientíficas, como foi a defesa institucional feita pelo governo da época sobre a eficácia da cloroquina e do hidroxicloroquina no combate ao coronavírus.

A ciência desperta um sentimento sublime de admiração. Mas a pseudociência também produz

esse efeito. As divulgações escassas e malfeitas de ciência abandonam os nichos ecológicos que a pseudociência preenche com rapidez. Se houvesse ampla compreensão de que os dados do conhecimento requerem uma evidência adequada antes de poder ser aceitos, não haveria espaço para a pseudociência. (SAGAN, 1996. p. 20)

Antônio Gomes da Costa (2023) diretor da Unidade Ciência em Sociedade do Instituto Gulbenkian Ciência de Portugal ressaltou durante o painel “Ciência, Polarização e Desinformação” no XVIII Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPop), a necessidade de a comunicação de ciência apresentar ao público o seu modo de funcionamento, pois pesquisas realizadas mostram que a população possui uma incompreensão de como funciona a ciência, bastando ver os ataques sofridos durante a pandemia.

Yurij Castelfranci participou da mesma mesa e apresentou dados da pesquisa que colaborou no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), sobre o impacto da desinformação nas atitudes das pessoas. Para ele, é mais complexo e não linear. Ele pontuou que desinformação não é o contrário de informação, não é digital a diferença entre ser pró-ciência e anti-ciência, ser racional e desracional, conhecer e não conhecer. No entendimento de Castelfranci, a questão da construção social da ignorância é o ponto mais complexo:

O mais importante dessa discussão é que uma controvérsia pode ser construída para gerar ignorância, gerar desconfiança. Não é que as pessoas são ignorantes da ciência e, portanto, tem medo, portanto não aceitam nada do que a ciência recomenda. Às vezes é o contrário, você constrói artificialmente uma falsa controvérsia para que as pessoas deixem de confiar nas instituições, e a partir daí as pessoas só absorvem notícias que comprovam essas questões que são mais identitárias e de valor, e se tornam ignorantes. A ignorância não é causa do nosso problema, é um efeito planejado e proposital, e em muitos casos, não em todas obviamente, a dos fabricantes de mentiras. A ignorância é uma produção ativa, não é uma questão passiva, de falta de conhecimento. É um objetivo que você alcança de ser ignorante, não é um ponto de partida que você cura. (CASTELFRANCHI, 2023, *informação verbal*)¹⁵

Ele apontou que depois da campanha brutal de desinformação na ciência a maioria dos países ocidentais, incluindo América Latina e o Caribe, a confiança no cientista e na ciência aumentou. Essa pesquisa, feita depois da pandemia, mostra mais da metade, 60% dos brasileiros, confiantes na ciência. O fato que a desinformação aumentou, não significa que aumentou também o número de negacionistas.

Castelfranchi afirmou durante sua apresentação que algumas pessoas se tornaram mais fortemente fechadas nas teorias de conspiração, caíram no buraco e a maioria aumentou a confiança. Os dois grupos aumentaram, o processo foi de divisão. Ele relatou que a pessoa que não quer tomar a vacina contra a Covid-19 não depende somente de

¹⁵ Comunicação pessoal no Congresso RedPop 2023.

questões de letramento. A porcentagem é exatamente idêntica, pessoas que tem ensino superior e ensino fundamental, tem a mesma chance de não querer se vacinar. “[...] Alguns tipos de raciocínio ajudam ter acesso à informação, te faz mudar de posição, e outros não, porque dependem de outras coisas, como identitárias, de valores, políticas, entre outras”. (CASTELFRANCI, 2023)¹⁶

Como conclusão, Castelfranchi destacou que a desinformação é um problema sério, com impactos graves na saúde pública, no meio ambiente e ameaça a democracia. Ele salientou que injetar informação “correta” num oceano infodêmico de abundância comunicativa não é a única, nem a melhor solução. Mobilizar apropriação e catalisar participação, junto com regulação eficaz, pode ser mais efetivo. O contrário de desinformação é participação. Ele finalizou dizendo que os divulgadores têm que pensar em mecanismos que reconectam o tecido da sociedade civil para um pacto social. É reconstruir a confiança e não corrigir a informação.

A desinformação não foi pontual apenas na pandemia de Covid-19, ela permanece ativa nas redes sociais. Agora em 2024, com a epidemia de dengue no Brasil, o medicamento ivermectina, utilizado para tratar vermes e parasitas, retorna às redes sociais como tratamento eficaz para tratar a dengue, pois

¹⁶ *Ibid.*

reduziria as cargas virais, conforme foi erroneamente defendido pelos negacionistas para a Covid-19.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2024) emitiu uma nota no dia 05 de fevereiro de 2024 esclarecendo que é boato utilizar a ivermectina para o tratamento de dengue. “Para ficar claro: a ivermectina também não é eficaz em diminuir a carga viral da dengue. O Ministério da Saúde não reconhece qualquer protocolo que inclua o remédio para o tratamento da doença”, informa nota. Consideramos importante que a justiça brasileira analise essas ações de propagação de desinformação relacionada a saúde pública como crime cibernético.

Considerações finais

Perante o exposto, destacamos a relevância da educação e do fortalecimento da cultura científica. Ampliar a participação da sociedade nos processos de desenvolvimento da ciência é também dar corpo e voz à cidadania científica, reivindicando uma sociedade mais justa e sustentável. Isso, mais do que um processo transmissivo, é também dialógico, participativo. Não se trata apenas de ensinar ciências, mas de dialogar com a sociedade.

Indicamos algumas ações de pesquisadores/cientistas que atuaram como mediadores científicos e foram às redes sociais defender a ciência, combater a desinformação e o negacionismo. Esperamos que essas ações sejam continuadas

e não encerradas com o fim da pandemia de Covid-19. Destacamos a importância de renovar o conhecimento científico, com uma proposta por um pensamento sistêmico e complexo, sem fronteiras entre as disciplinas, como também entre países.

O impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente desde a industrialização está acarretando alterações no planeta. As mudanças climáticas e a perda dos ecossistemas são um dos reflexos desse impacto e somente com a ciência será possível enfrentar esses desafios.

Referências

ARAÚJO, Inesita Soares de.; CARDOSO, Janine Miranda. *Comunicação e Saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. Temas em saúde collection. ISBN 978-85-7541-309-8. Available form SciELO Books <http://books.scielo.org>

BRASIL. Ministério da Saúde. *Combate à Dengue*. É boato: ivermectina não é eficaz no combate à dengue. 05 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2024/fevereiro/e-boato-ivermectina-nao-e-eficaz-no-combate-a-dengue#:~:text=Para%20ficar%20claro%3A%20a%20ivermectina,para%20o%20tratamento%20da%20doen%C3%A7a..>

BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Tradução, Antônio Transito. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Editora Culturix Ltda., São Paulo, 1996. Tradução: Newton Roberval Eíchemberg.

CASTELFRANCI, Yuriy. *Divulgação Científica na Era da Informação*. FIOCRUZ. Introdução à Divulgação Científica (MOOC). 2018. Módulo 1 - vídeo.

CASTELFRANCI, Yuriy. Ciência, Polarização e Desinformação: Como estamos no Brasil? 13 jul 2023. In: *XVIII Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPop)*, Painel 4 - - Ciência, Polarização e Desinformação, ocorrido de 10 a 16 de julho de 2023, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://youtu.be/pAsYFg7VjAA>.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luísa. *Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde*. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2020. Temas em saúde collection. ISBN: 978-65-5708-087-0. <http://doi.org/10.7476/9786557080870>

COSTA, Antônio Gomes da. Ciência, Factos, Crenças. 13 jul. 2023. In: *XVIII Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPop)*, Painel 4 - - Ciência, Polarização e Desinformação, ocorrido de 10 a 16 de julho de 2023, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://youtu.be/pAsYFg7VjAA>

FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte:

FABREFACTUM.: *Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da Ciência*, 2010.

GRUETZMACHER, Kim; KARESH, William B.; AMUASI John H.; ARSHAD Adnan; FARLOW, Andrew; GABRYSCH, Sabine; JETZKOWITZ Jens; LIEBERMAN, Susan; PALMER, Clare; WINKLER, Andrea S.; WALZER, Chris. The Berlin principles on one health – Bridging global health and conservation. *Science of The Total Environment*, Volume 764, 2021, 142919, ISSN 0048-9697, <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.142919>. (<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048969720364494>)

LELLIS, Mirian Barreto. *Cultura Científica no Mundo da Vida: um estudo sobre a ciência, educação e informação na palma da mão* [recurso eletrônico]. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso,

Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2022.

LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. Cultura Científica: Impossível e Necessária*. In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura Científica: Desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006. ISBN: 85-314-0985-3

LIMA, Guilherme da Silva; GIORDAN, Marcelo. Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, abr.-jun. 2021, p.375-392.

LIMA, Nísia Trindade;; SÁ, Dominichi Miranda de; CASAZZA, Ingrid Fonseca; BRITO, Carolina Arouca Gomes de. As ciências na formação do Brasil entre 1822 e 2022: história e reflexões sobre o futuro. *Estudos Avançados*, v. 36, n. 105, p. 211–233, 2022. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.013>.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 120 p. ISBN: 978-85-205-0598-4

PASTERNAK, Natalia. *Ciência no cotidiano: Viva a razão. Abaixo a ignorância*. Natalia Pasternak e Carlos Orsi. 1. Edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023. ISBN 978-85-520-0179-9

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHNEIDER, Cristina; OLIVEIRA, Marília Santini de. Saúde única e a pandemia de Covid-19. In: BUSS, Paulo M.; FONSECA, Luiz Eduardo (org.). *Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho*. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz; Editora Fiocruz, 2020. p. 83-96. ISBN 978-65-5708-029-0. (Série Informação para Ação na Covid-19).

SILVA, André Moreira Chaves de Melo. As relações entre a ciência, o sistema brasileiro de pesquisa e o jornalismo científico. In: MOREIRA, Benedito Dielcio; SILVA, André Chaves de Melo (org.). *Divulgação científica: debates, pesquisas e experiências*. Cuiabá : EdUFMT, 2017. 349 p.

VOGT, Carlos. Introdução: Ciência, Comunicação e Cultura Científica. In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura Científica: Desafios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006. ISBN: 85-314-0985-3

VOGT, C. The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero-America. *Public Understand. Sci.*, v. 21, n. 1, p. 4-16, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Joint Tripartite (FAO, OIE, WHO) and UNEP Statement Tripartite and UNEP support OHHLEP's definition of "One Health"*. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/01-12-2021-tripartite-and-unep-support-ohhlep-s-definition-of-one-health> Acesso em: 03 dez. 2021.

XIE T, LIU W, ANDERSON BD, LIU X, GRAY GC. A system dynamics approach to understanding the One Health concept. *PLoS ONE*, v.12, n. 9, 2017: e0184430. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0184430> Acesso em: 08 out. 2022

Capítulo 3

Processos criativos em ciências: uma disciplina de arte e comunicação científica para físicos

Caetano R. Miranda¹⁷

Dindara S. Galvão¹⁸

INTRODUÇÃO

Quando questionadas sobre a possibilidade de intersecção entre os campos da ciência e da arte, salvo experiências muito específicas individuais de aproximação com as áreas, é provável que as primeiras imagens a emergir no imaginário das pessoas sejam aquelas mais difundidas em nossa cultura.

Estamos cercados por criações artísticas que utilizam da ciência, tanto por meio das tecnologias instrumentalizadas

¹⁷ Possui graduação em Bacharelado em Física Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1996), mestrado em Física pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e Doutorado em Ciências também pela Universidade Estadual de Campinas (2003) com sanduiche na University of Cambridge (Reino Unido). Foi Pesquisador Associado no The Abdus Salam International Centre of Theoretical Physics (ICTP) em Trieste - Italia (2003-2005) e realizou o Pos-Doutoramento no Department of Materials Science and Engineering no Massachusetts Institute of Technology (MIT) entre 2005 e 2007. Foi Professor Assistente na Kyoto University (Japao) entre 2007 e 2009 e Professor Adjunto da Universidade Federal do ABC entre 2009 e 2015. Atualmente é Professor Doutor no Departamento de Física dos Materiais e Mecânica do Instituto de Física da Universidade de São Paulo. Bolsa Produtividade em Pesquisa - PQ 1C - crmiranda@usp.br

¹⁸ Mestranda do Programa Interunidades de Ensino em Ciências (PIEC-USP). A elaboração da disciplina foi realizada enquanto ela ainda era graduanda junto ao Programa Unificado de Bolsas, que promove projetos relacionados à cultura e extensão - dindara.galvao@usp.br

pela arte, quanto como tema dessas criações. Livros, pinturas, filmes, e outras linguagens que retratam o(a) cientista e suas descobertas não são nenhuma novidade.

Também não é de surpreender a existência de pesquisas científicas que utilizam obras de arte como objeto de suas análises: restauração, análise de autenticidade, teste de propriedades de materiais em quadros, esculturas, artefatos arqueológicos, etc. (Rizutto, 2023). No entanto, a ideia de que a conexão e confluência entre os campos pode se dar para além de aplicações e usos, objetivos e temáticos, ainda é muito pouco difundida.

Charles P. Snow (1959, p. 11-20) aponta para como a sociedade ocidental cada vez mais foi se dividindo entre esses dois grupos polares, resultando em perdas intelectuais, práticas e criativas. Snow compara a experiência intelectual sob essa lente fragmentada com a privação de um sentido, e responsabiliza essa perda não por uma inabilidade inata da percepção, mas sim pela ausência de uma educação adequada. A crença numa educação especializada e uma tendência em deixar nossas formas sociais cristalizarem seriam aspectos culturais que agem para a manutenção desse quadro.

Silveira (2018, p. 22-25) defende tal perspectiva clivada entre ciência e arte como sendo um fenômeno relativamente recente em termos históricos, já que do nascimento da filosofia

na Grécia antiga até o advento do positivismo no século XIX, decorrem diversos indícios de que os campos da Ciência e Arte estiveram intrinsecamente ligados. Ambos os campos se confundiam e não havia hierarquias entre eles.

Inúmeros são os exemplos ao longo da história da ciência onde a aproximação dos cientistas com a arte desempenhou um papel importante nas revoluções científicas, contribuindo para uma nova perspectiva e a quebra de paradigmas. Dürer, em suas ilustrações para um atlas de medicina; Michelangelo, com suas obras, contribuiu para a difusão e detalhamento do que se conhecia até então sobre a anatomia humana; Galileu Galilei que, a partir de sua convivência com pintores e suas técnicas pictóricas de “chiaroscuro” que reproduz a profundidade tridimensional na bidimensionalidade e, ao apontar sua luneta para a lua, vislumbrou a possibilidade das “manchas” lunares como também sendo representações de um relevo acidentado do nosso satélite natural; (Sawada *et al*, 2017). Assim, exacerbando as “manchas” maiores ou menores, e como a visualização e posterior reprodução deste registro artístico do fenômeno auxiliou no processo de compreensão e difusão do conhecimento.

Antes do advento da fotografia, cabia ao cientista aprender a representar esquemas que correspondessem a suas novas descobertas ou ao menos saber traduzi-las a um artista que pudesse fazê-lo. A representação do átomo, da

dupla fita de DNA, e muitos outros são os momentos e conceitos científicos que recheiam o nosso imaginário devido a uma junção de habilidades artísticas, científicas e criativas. (Snow, 1969; Hoff, 1967; Bohm, 2011)

Ao se analisar a biografia de grandes nomes da ciência, para além dos estereótipos midiáticos, verifica-se que muitos tinham uma relação muito forte com as diversas áreas das artes: Albert Einstein tocava violino, Richard Feynman e seu bongô, Mario Schenberg tinha uma forte relação com as artes plásticas, entre muitos outros. Se voltarmos ainda mais no tempo, para a época dos grandes filósofos, ou para o renascimento, encontraremos ainda mais indícios, já que a polimatia era muito mais comum e socialmente aceita e bem vista na época do que hoje. Basta pensar no polímata inclassificável que foi Leonardo da Vinci (Burke, 2020).

Em contrapartida, ao longo do desenvolvimento tecnológico e social, as visões da natureza foram se segmentando e ficando cada vez mais compartimentalizadas. Por mais que esse movimento tenha sido muito importante para avanços nessas áreas, é preciso considerar que os fenômenos da natureza e a dinâmica da sociedade não acontecem de modo compartimentalizado. Mesmo a ideia romantizada e estereotipada de gênio isolado não corresponde mais à realidade da pesquisa científica. Requerendo cada vez mais o trabalho colaborativo, a diversidade de saberes e a

transversalidade entre disciplinas, que se mostram necessários para o avanço da ciência.

No campo da divulgação científica, isso fica ainda mais evidente. Na era atual, quando o fluxo de informações que recebemos é vertiginoso, com a facilidade que se tem hoje de que alguém distorça ou invente fatos sem nenhuma base e dissemine desinformação, se mostra ainda mais necessário que os(as) cientistas dialoguem diretamente com a sociedade.

Experiência durante a pandemia de Covid-19 mostrou a importância de que pesquisadores e sociedade tenham uma boa comunicação e uma relação de confiança. Isso não é apenas importante para a sociedade na totalidade, mas também ao próprio cientista, que, ao ter seu trabalho compreendido pelo público, tem mais chance de que ocorram reivindicações populares para um incentivo maior de fomento à pesquisa e educação. Construindo um ciclo benéfico que se retroalimenta, pois aí, por sua vez, em melhores condições de trabalho, o pesquisador pode devolver ainda mais conhecimento e os avanços científicos para a população.

Infelizmente, as universidades hoje, em contraposição a sua própria denominação, se encontram cada vez menos “universais” e os cursos cada vez mais herméticos. Diversos cursos, em especial os de ciência pura, acabam privilegiando o aspecto tecnicista.

Nesse contexto, os discentes não têm espaço para discussões quanto ao papel e impacto social do fazer científico, bem como a intersecção entre as diferentes áreas do conhecimento. E se não há espaço nem para essa conexão sociedade-cientista, que para muitos pode parecer óbvia, que dirá para espaços de exploração criativa. Espaços nos quais a finalidade não é exatamente chegar a uma resposta correta e fechada, e sim explorar onde o pensamento e o processo podem nos levar sem medo de errar ou de se deparar com o sensível ou com o desconhecido e novo (Hadzigeorgiou, 2016; Mcleish, 2019).

É nessa vanguarda que nasce a ideia da disciplina Processos Criativos em Ciências: da Imaginação à Divulgação Científica . Realçando a importância de contemplar as necessidades de desenvolver a criatividade e comunicação por conta da lacuna de disciplinas dessa natureza na grade curricular. A matéria foi desenvolvida a partir da colaboração docente-discente em todas as etapas do processo de sua criação e implementação no currículo, reforçando em sua origem a perspectiva discente no processo de fomentação do curso.

DESENVOLVIMENTO

A estrutura da disciplina foi pensada como uma fita dupla hélice de DNA, onde um lado representa as experimentações

artísticas e o outro a comunicação científica e que, embora separados, vão se aproximando e se distanciando, bem como tendo pontes entre si ao longo de todo o percurso da disciplina, como a Figura 1 abaixo ilustra. As explorações seguem uma trilha que começa pela palavra, passa pelo som, imagem, vídeo, performance e imersão. Contemplando, assim, diferentes formas de expressão artística e comunicação.

Figura 1 - Esquema visual da estrutura de dupla hélice que fundamenta o percurso da disciplina



Fonte: Autoria própria (2023)

A fase inicial do curso contextualiza as diversas possibilidades tanto de intersecções arte-ciência como de comunicação científica, apresenta casos e projetos dessas explorações e instituições que fomentam essa sinergia, ampliando o repertório dos discentes, trazendo discussões

sobre o tema e ainda incentivando que compartilhem suas referências.

Cada atividade foi elaborada seguindo três etapas: a) Concepção, b) Exploração e Experimentação, c) Realização e Disseminação. Na primeira, a depender dos disparadores de cada aula, das linguagens e ferramentas disponíveis, os alunos elegem o tema, decidem individual ou coletivamente o conteúdo de suas explorações; essa escolha ocorre por meio de pesquisas, discussões, debates, etc. Em algumas aulas são convidados especialistas do meio artístico ou da comunicação científica para auxiliar no contato com as linguagens.

Na etapa de explorações e experimentações é iniciada a prática artística de fato, é onde são incentivados a buscar o novo, abandonar autojulgamentos e explorar possibilidades em suas variadas formas. Por último ocorre a exibição, uma abertura de processo criativo, incentivando o compartilhamento e divulgação do conteúdo produzido.

Palavra

Logo em seguida, adentramos a seara da palavra, que explora atividades como: os estereótipos de cientistas no cinema e na sociedade (fazendo recorte de gênero nessas representações); relações históricas envolvendo Literatura e Física, explorações de narrativas a partir de gráficos onde os pontos mais altos do enredo coincidam com os pontos mais

altos no eixo cartesiano, como forma de disparador para a criação literária; construção de personas e mapas de empatia, evidenciando a importância de se refletir sobre a que público alvo nos direcionamos ao produzir divulgação científica; além da edição de verbetes da Wikipédia relacionados a conceitos físicos atrelados a fake news popularmente disseminadas.

Som

Esse eixo conta com explorações de Física e Música, Sonificação de dados experimentais, explorações com sintetizadores e música eletrônica, e termina na criação coletiva de um podcast de ciência e arte ou de comunicação científica. Os alunos se iniciam na utilização de softwares livres relacionados a essas explorações, tendo também à sua disposição um estúdio para a gravação de áudios de qualidade para as suas experimentações sonoras. Estabelecendo um espaço onde os discentes possam realizar produção de conteúdo para divulgação científica, experimentações pessoais e/ou outros projetos em que couberem captações de áudio, independente da conexão com a disciplina.

Imagem

Neste eixo são apresentadas visualizações científicas e arte digital; criação de infográficos; e o desenvolvimento de um *Storyboard*. São também exploradas expressões artísticas

como pintura com borra de café e criações de arte visual a partir de uma fita de Moebius, exemplo famoso de superfície não orientável da topologia. Concomitantemente, são analisadas ícones de ilustrações e capas de jornais científicos de alto impacto.

Vídeo, Performance e Imersão

Os discentes exploram nesta fase: animação; criação de vídeos; experiências imersivas, realidade virtual, e artes cênicas. Em realidade virtual são vistas simulações moleculares, bem como a apresentação de um curta-metragem 360° baseado em relatos reais de Mulheres na Ciência (Galvão et al, 2022). A partir do vídeo narrativo é feita uma simulação de uma coletiva de imprensa com a roteirista e diretora do curta.

Dentro da parte de Performance são apresentados a competições que ocorrem mundialmente com o *Dance your PhD*, bem como outras explorações de dança que fazem analogias com os movimentos das moléculas; leituras dramáticas de obras na intersecção entre ciência e arte, tanto obras que contam momentos históricos da Ciência (Brecht, 1991; Frayn, 2000), como por obras que exploram conceitos da ciência de forma poética (Lightman, 2014), até mesmo a produções como *Insubmissas* (Abi, 2022), que usam a liberdade poética para colocar cinco cientistas de anacronicamente no

mesmo espaço compartilhando suas dificuldades pessoais em cada narrativa.

Há ainda mais um aspecto teatral: o de jogos teatrais de Teatro do Oprimido (Boal, 2015), tais jogos exploram e revelam opressões e dinâmicas de poder sociais, sendo adaptados sempre ao conjunto de espect-atores e o que eles têm em comum. Espect-atores é uma denominação que Boal cunha para o papel que os participantes têm dentro do T.O. saindo da passividade e assumindo uma posição ativa de influência no que ali se passa, rompendo as paredes entre ator-espectador. Nas duas primeiras edições os jogos focaram mais no universo da vivência universitária e da ciência, e, já na edição mais recente, em futuros climáticos possíveis relacionados ao antropoceno.

O Projeto Final

A partir da segunda metade do curso é iniciado um processo de orientação para os discentes poderem desenvolver um projeto final, que fará parte da avaliação da disciplina. Nesse projeto eles têm total liberdade para criar - em coletivo ou individualmente -, com o único direcionamento de escolherem uma ou mais das linguagens artísticas apresentadas, e que ao final devem apresentar para a turma, num sarau, o processo criativo que se deu na criação da obra. Ao longo de toda disciplina é enfatizado que ela se baseia

numa lógica muito distinta da de encontrar soluções analíticas, e sim no Processo Criativo, como se refere o próprio nome da disciplina. Compartilhar como se deu esse processo de criação. Assim sendo, a maneira de avaliar não se pauta sobre a qualidade ou complexidade que o projeto alcançou, mas sim na evolução de cada discente, bem como sua disposição e protagonismo para sair de sua zona de conforto e pular no abismo do desconhecido e inesperado, da criatividade.

Em todas as edições um formulário inicial para mapear o perfil dos discentes era aplicado, bem como um questionário final com suas perspectivas e apontamentos sobre a disciplina. Substituiu-se também a cobrança de presença pelo preenchimento de um formulário, com espaço a cada aula para que discentes compartilhassem suas opiniões e sugestões para um ajuste fino ao longo do percorrer dos temas.

O Caderno do Artista

Outro foco de avaliação e acompanhamento é um caderno artístico, sendo estimulado que eles criem no início da disciplina e disponibilizem para a equipe periodicamente. A ideia desse caderno é que eles possam registrar, da maneira mais criativa que conseguirem, como são influenciados pelas discussões das aulas. Em alguns encontros existem orientações de atividades para serem feitas, como análises de filmes ou produção de áudios sinestésicos, mas, em geral, é

livre para o aluno ser atravessado pela disciplina e registre ali esse processo. Novamente ao final é verificada a dedicação a essa exploração, respeitando as limitações de cada aluno, bem como a evolução de suas explorações.

Justamente pelo caderno do artista buscar sair do convencional em sua concepção, a maneira de atribuir devolutivas parciais também era inusitada. Especialmente para esse aspecto da disciplina, as devolutivas acompanhavam o eixo no qual as correções parciais estavam situadas. A saber: na Palavra as devolutivas são provérbios chineses ou *haikus*; no Som são trechos de músicas e na imagem eram usados memes. A ideia era convidar o aluno a exercitar também sua interpretação diante de mensagens passadas por meio de códigos não usuais.

Estudos de Caso

Primeira Edição (2021)

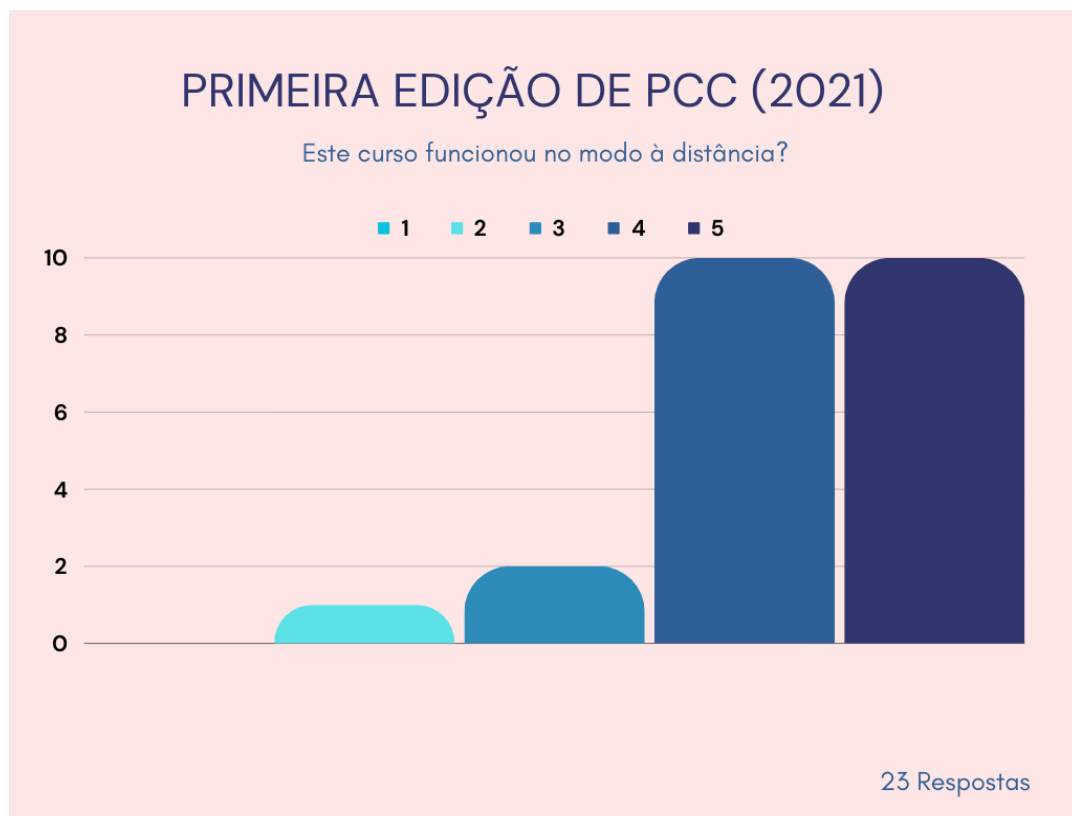
A primeira edição da disciplina ocorreu ainda sob o regime de quarentena, logo, tendo de ser adaptada para a uma versão online. Contou para 50 discentes efetivamente matriculados. O que havia sido programado para uma interação intensa, teve de ser mediado por telas, tornando aulas como a de jogos teatrais limitadas aos quadrados da chamada de vídeo.

Por outro lado, foi observado que a versão online aumentou o senso de experimentação, a forma virtual da disciplina e seu contraste com a natureza dos temas abordados permitiram essa ocorrência. Todos ali estavam compartilhando uma vivência sem precedentes, vivendo uma experimentação (extremamente negativa, ainda que inédita). Essa suspensão de normal parece ter facilitado um pouco o salto ao desconhecido de muitos. Ao mesmo tempo que sabemos que as realidades dos alunos, as peculiaridades de suas vivências durante esse momento também devem ter dificultado o aproveitamento de outros deles.

Ao serem perguntados num formulário espontâneo de avaliação da disciplina o quanto o curso funcionou a distância numa escala de 1(menor) a 5 (maior). Considerando conjuntamente as duas maiores gradações - operação que será usada ao longo do trabalho como resposta positiva às questões colocadas - , temos que 87% entendeu que a disciplina funcionou mesmo nos moldes do EAD, como pode ser visto na Figura 2. Talvez pelo seu teor imagético e criativo, as limitações digitais acabaram sendo diluídas em comparação com o prejuízo para outras disciplinas tradicionais, ou ao menos as adaptações feitas pela equipe podem ter sido efetivas para mitigar as dificuldades. O formato EAD trouxe vantagens também, como, por exemplo: o uso de salas virtuais permitia aos alunos transitarem por todos os grupos a

qualquer momento, discutindo mais amplamente, e o uso e apresentação de tela em softwares aconteciam de forma mais prática.

Figura 2 - Respostas dos discentes quanto ao funcionamento da disciplina nos moldes do EAD.

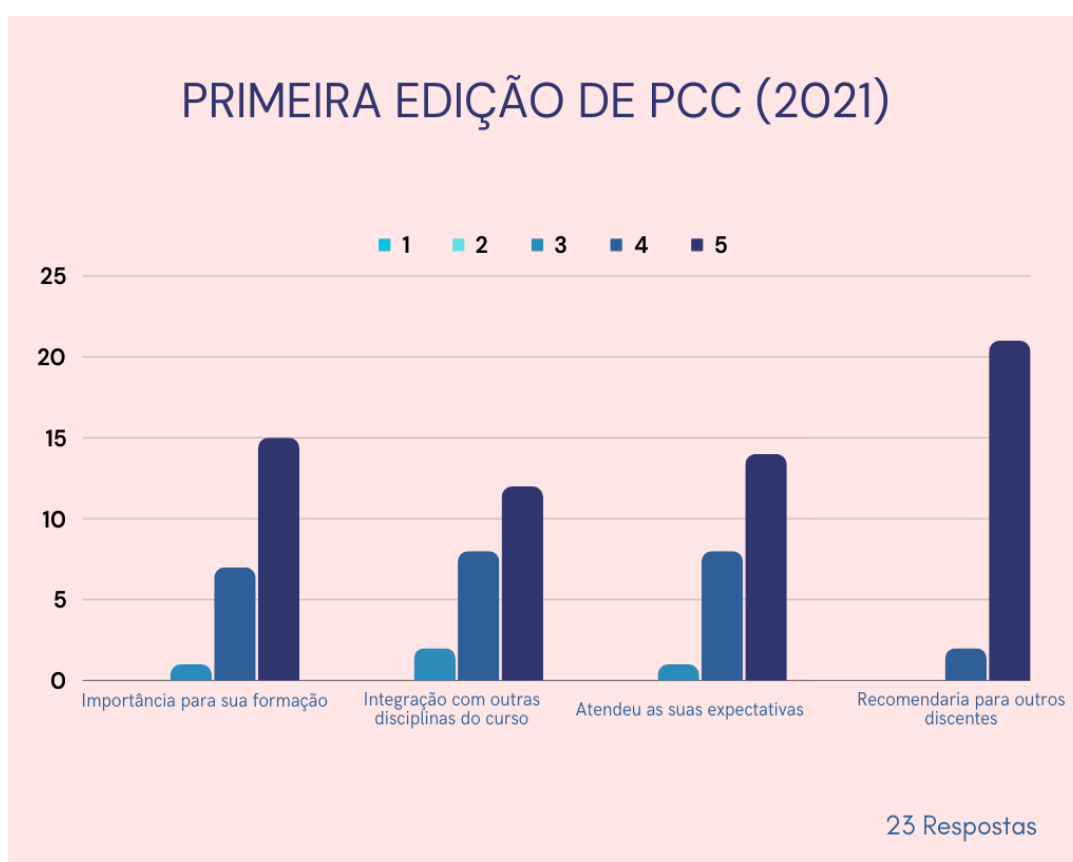


Fonte: Formulário Google de avaliação da disciplina de Processos Criativos em Ciências: da Imaginação a Divulgação Científica

Em relação à importância da disciplina, 95,6% reconhecem como significativa para sua formação; 86,0% reconhecem a integração do conteúdo dela com outras matérias do curso, algo muito importante considerando a natureza da disciplina de intersecção, tema que muitas vezes

não é compreendido como relevante. O curso atingiu satisfatoriamente as expectativas de 95,7% da turma e 100,0% recomendariam o curso para outros discentes, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 - Resposta da turma 2021 quanto a : a) Importância da disciplina para sua formação; b) Integração da disciplina com outras disciplinas do curso; c) O quanto a disciplina atingiu as expectativas da turma e d) Se a recomendariam para outros discentes.



Fonte: Formulário Google de avaliação da disciplina de Processos Criativos em Ciências: da Imaginação a Divulgação Científica, 2021.

Dentre os pontos positivos citados temos: o conteúdo inédito da disciplina; o arcabouço de ferramentas para a produção própria de conteúdo tanto para divulgação,

exploração ou para docência provido pelo curso; o caráter colaborativo e o compartilhamento dos exercícios criativos; a possibilidade de explorar seus lados artísticos; a liberdade e flexibilidade na execução dos temas e como isso cria um curso único para cada aluno; a quebra da dicotomia entre arte e ciência; como a disciplina permitiu transparecer um lado mais humano e artístico dos colegas, o que não era possível até então em outras disciplinas, e em especial no modelo online; o reconhecimento de aplicações diferentes de nosso conhecimento.

Nos pontos negativos predominou a questão de a disciplina não ser presencial, houve também críticas ao fato que, mesmo disponibilizando as aulas gravadas *a posteriori*, elas não possuíam todo o conteúdo, uma vez que para preservar os estudantes presentes, para que se sentissem mais à vontade para criar, se fez necessário desligar as gravações quando as aulas exigiam mais da exposição dos estudantes.

Algumas pessoas têm dificuldades de se expressar online e isso aparece como prejuízo também para o aproveitamento da disciplina. Surgiu também a demanda de trazer mais inspirações de profissionais que utilizam esses conhecimentos de arte e ciência como carreira. Por último, é pedido que os alunos deem uma nota a disciplina, e nessa primeira edição a média das respostas foi de **9,4** numa escala de 0 a 10.

Segunda Edição (2022)

Na segunda edição, o número de inscritos atingiu 130 alunos, o que em si já denota que a primeira edição foi bem sucedida, que efetivamente recomendaram-na aos amigos. Devido a limitações de infraestrutura, do número de monitores e para garantir a qualidade da disciplina e a atenção dada a cada aluno, apenas 59 foram efetivamente matriculados. Nessa primeira edição presencial, finalmente os planejamentos iniciais poderiam ser executados plenamente. Não fazia sentido, no entanto, que se fingisse que não tínhamos acabado de voltar de uma experiência avassaladora. Então, ao invés de apenas esconder esse passado como nossos rostos atrás das máscaras, a angústia foi convidada à ribalta e produzimos uma intervenção artística no instituto: um mural com máscaras pretas, e, ao retirar cada máscara, um futuro não vivido por conta da pandemia se revelava, a Figura 4 é um registro dessa exposição.

Figura 4 - Imagem da intervenção artística “Futuros Não Vividos”, feita pelos discentes da edição de 2022 da disciplina.

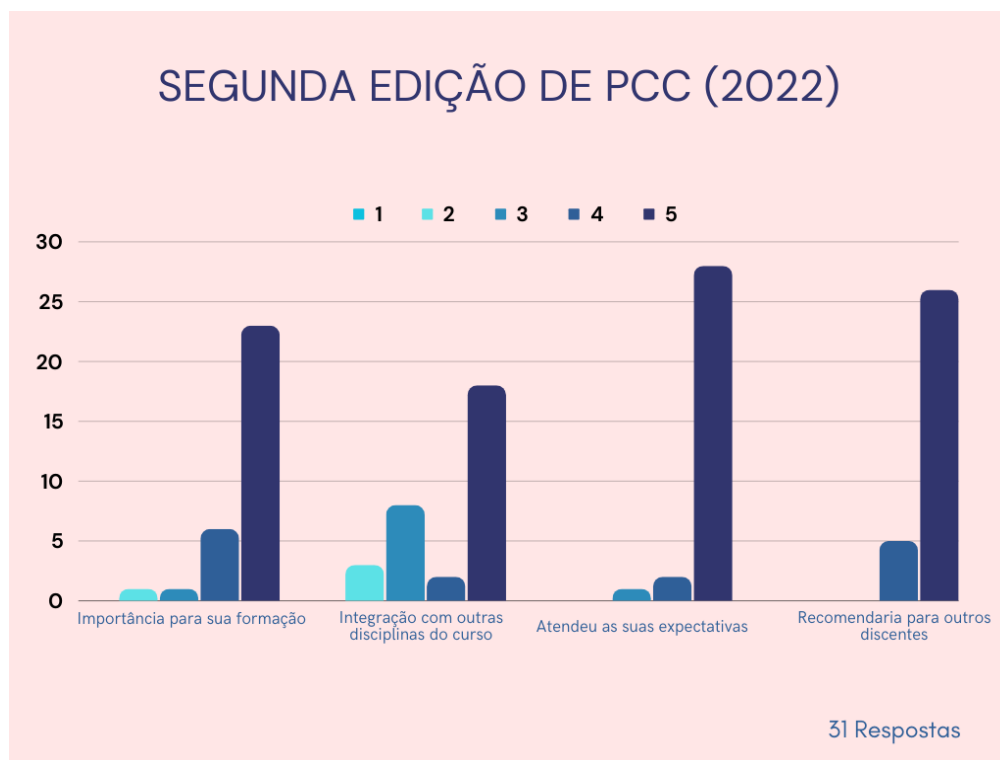


Fonte: Autoria própria (2022)

Nessa edição, como ilustrado na Figura 5, a seguir, 93,6% reconhecem a importância da disciplina para sua formação; 64,6% percebem uma grande integração do conteúdo com as outras disciplinas da graduação. O curso atendeu as expectativas de 96,8% dos discentes, dos quais novamente 100% recomendariam o curso para outros alunos.

Aspectos positivos mencionados foram: o conteúdo criativo; a revitalização que causou do amor à Física; as discussões sobre arte e ciência; experimentações; a fuga do comum que a disciplina representa; a liberdade de registrar o caderno pelas expressões artísticas próprias; o repertório cultural trazido durante as aulas como bibliografia; novamente as ferramentas que o curso oferece para criar e comunicar; ambiente sem pressão e limitação de uma maneira muito engessada de abordar os problemas; desenvolvimento da percepção crítica e fomentar desejo pela arte; o estímulo a criatividade, com referências artísticas e sem esquecer do foco científico; abandono de julgamentos e conhecimento do professor e da equipe bem como o ambiente acolhedor.

Figura 5 -Respostas da turma de 2022 quanto a : a) Importância da disciplina para sua formação; b) Integração da disciplina com outras disciplinas do curso; c) O quanto a disciplina atingiu as expectativas da turma e d) Se a recomendariam para outros discentes.



Fonte: Formulário Google de avaliação da disciplina de Processos Criativos em Ciências: da Imaginação a Divulgação Científica, 2022.

Nos pontos negativos, apareceram comentários quanto à quantidade de tempo de dedicação fora da aula, mas sempre com o contraponto de estarem gostando muito das experimentações; a sugestão de talvez experimentar se demorarem mais em algumas atividades, mesmo que signifique renunciar a outras.

Para a melhora global do curso foi sugerida a criação de atividades paralelas para pessoas introvertidas quando a atividade exigir mais desinibição; maior fomento a desenhos; a

realização de aulas em outros espaços de cultura e comunicação da universidade, como CINUSP (cinema da USP), ou em algum museu das demais unidades; considerar entregas físicas e não apenas virtuais; lista de presença impressa; e até mesmo a criação de uma parte II ou enfoques da disciplina para que pudessem continuar as experimentações.

Adicionaram também mensagens sobre a significância que a matéria teve e de como superou as expectativas de maneira muito positiva; desejo de que mais disciplinas como essa existam na grade; pessoas dizendo que pela primeira vez se sentiram humanas dentro do curso; sobre aumento na socialização, e o aprendizado. Quanto à nota do curso dada pelos discentes na escala de 0 a 10, manteve-se a mesma média: **9,4**.

Terceira Edição (2023)

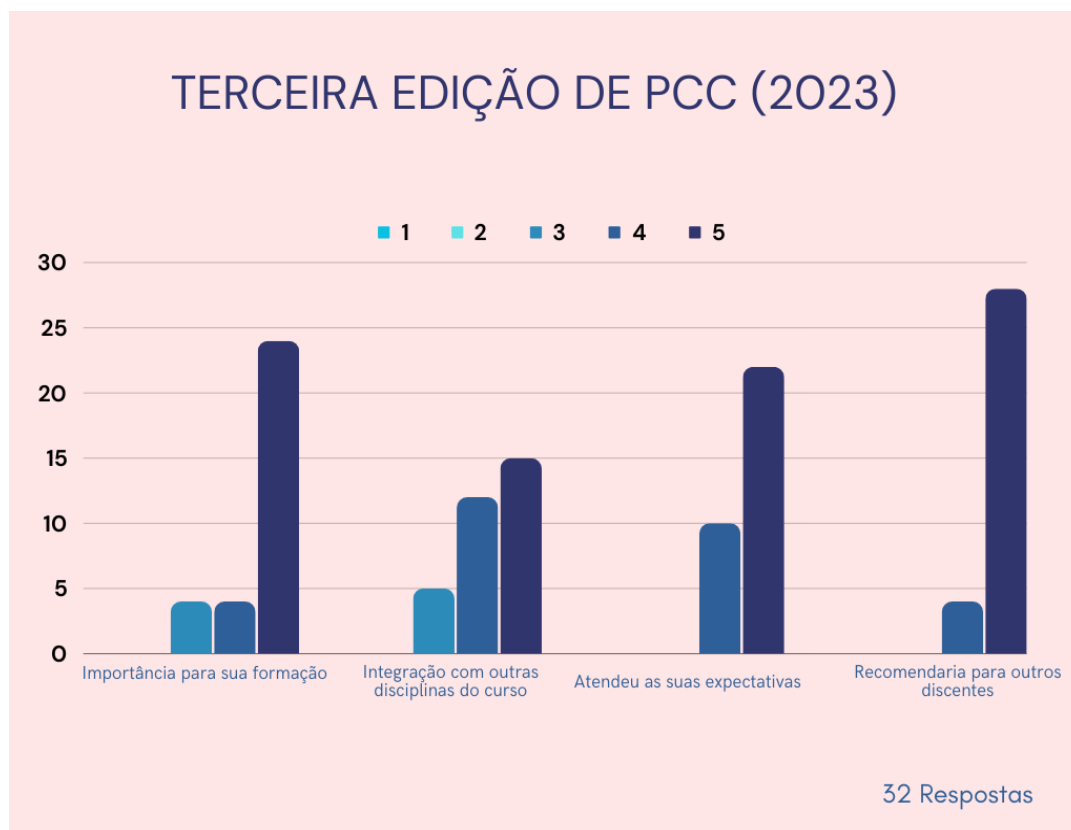
Já nessa mais recente edição, o número de inscritos cresceu de maneira célere: 180 alunos, dos quais 68 foram matriculados efetivamente. Uma intempérie de outra natureza interrompeu o fluxo da disciplina: uma greve estudantil ocorrida na fase inicial do curso. Trabalhamos com um cronograma reduzido, mas, mesmo assim, as avaliações ainda foram muito positivas.

87,0% reconhecem a importância da disciplina para sua formação; 84,4% percebem uma grande integração do conteúdo com as outras disciplinas de seu curso. 100% sentiram que ela excedeu suas expectativas, dentre os quais 100% recomendariam o curso para outros alunos, como a Figura 6 mostra.

Nos pontos positivos: compartilhamento de ideias e projetos; conteúdo da disciplina; arcabouço de ferramentas de experimentação; o formato inusitado; a qualidade final dos projetos como reflexo dos ensinamentos da disciplina; referências culturais; ambiente acolhedor; estímulo a liberdade e criatividade; o caráter coletivo da disciplina; relembrar a parte humana e da comunicação da física; o acolhimento e postura da equipe.

Negativos: dificuldade em compreender os métodos de avaliação; adaptação a sair da zona de conforto; o pouco tempo para trabalhar tudo. Tais aspectos parecem se dever, ao menos em parte, às adaptações por conta da greve. A redução significativa no número de aulas, e conseqüentemente de acompanhamento das criações, parece ter desempenhado um papel relevante. Foi sugerida também a inclusão de aulas de oratória; e aparece novamente o desejo da construção de uma segunda disciplina como continuação dela.

Figura 6 - Respostas da turma 2023 quanto a : a) Importância da disciplina para sua formação; b) Integração da disciplina com outras disciplinas do curso; c) O quanto a disciplina atingiu as expectativas da turma e d) Se a recomendariam para outros discentes.



Fonte: Formulário Google de avaliação da disciplina de Processos Criativos em Ciências: da Imaginação a Divulgação Científica, 2023.

Para além do questionário, alguns discentes compartilharam o impacto que a greve e outros eventos durante o período sem aulas, bem como explicitando - em mais um caderno - a importância que aquele ambiente de criação teve nesse período conturbado. Quanto a nota do curso dada pelos discentes em 2023: **9,3**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados levantados, do desempenho dos discentes em suas criações, seus apontamentos, a constância da nota média atribuída por eles à disciplina, observa-se que a disciplina *Processos Criativos em Ciência* vem atendendo aos seus objetivos iniciais: preencher a lacuna de liberdade criativa e discussão para além das soluções analíticas do curso em que foi implementada, criar um ambiente seguro e acolhedor para essas explorações, fomentar a divulgação científica e refletir quanto a suposta dicotomia entre arte e ciência. Bem como é possível perceber que os alunos estão se apropriando desses espaços, ferramentas e oportunidades de uma maneira positiva, produtiva e benéfica.

Espera-se que a disciplina permaneça no quadro de possibilidades dos estudantes, e que possa continuar cumprindo sua importância na formação dos discentes, que seja a semente para muitos outros projetos de divulgação e interdisciplinaridade em sua trajetória acadêmica e na instituição. Que, cada vez mais, aqueles que se desconectaram ou sequer tiveram oportunidade de se conectar com seu lado artístico, criativo, divulgador possam abraçar esse lado ou desenvolvê-lo mais a partir do que lhes é fornecido neste curso. Criando cada vez mais no Instituto de Física uma cultura de explorações de projetos pessoais para além da disciplina.

Também é possível identificar pontos para evolução da disciplina, aumentando a conectividade e diálogo com as Artes e a Comunicação Científica, com a contribuição de convidados(as) especialistas. Bem como, transcender os muros da Universidade com a divulgação mais ampla do conteúdo gerado ao longo do curso. Em forte sintonia com o processo de curricularização da extensão que está sendo implementado.

Que a disciplina continue cumprindo o seu papel em evidenciar que não é necessário abandonar a arte, a leveza, criatividade, sociabilidade e diversão para exercer o ofício de cientista. Ao mesmo tempo, que tenha aberto um precedente na promoção de explorações entre Ciência e Arte em sinergia, fomentando que mais disciplinas desse calibre com novas experiências pedagógicas a serem propostas e implementadas.

REFERÊNCIAS

ABI teatro apresenta "Insubmissas", de Oswaldo Mendes. Após a peça, debate. Peça dirigida por Carlos Palma. 2022. 1 vídeo (111 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HLW8VrGhG2k>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. São Paulo, SP: Edições Sesc, 2015.

BOHM, David. *Sobre a criatividade*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011.

BRECHT, Bertolt; BENTLEY, Eric. *Galileo*. 1st Evergreen ed. New York: Grove Weidenfeld, 1991.

BURKE, Peter. *O Polímata: Uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2020.

FRAYN, Michael. *Copenhagen*. New York: Anchor Books, 2000.

GALVÃO, Dindara. *et al.* Women in Science: a Brazilian experience through immersive narratives in 360° vídeos. *International Journal of Science Education*, 2022 Part B, 12:4, 309-327, DOI: [10.1080/21548455.2022.2076293](https://doi.org/10.1080/21548455.2022.2076293)

HADZIGEORGIOU, Yannis. *Imaginative Science Education: The Central Role of Imagination in Science Education*. Cham: Springer International Publishing, 2016.

HOFF, Jacobus Henricus. *Imagination in Science*. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 1967.

LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. São Paulo, SP: Companhia Digital, 2014.

MCLEISH, Tom. *The poetry and music of science: comparing creativity in science and art*. First edition. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2019.

RIZZUTTO, Marcia. A Professora Marcia Rizzutto fala sobre “Análises mostram como Portinari produzia suas obras” [Depoimento]. *Revista Pesquisa FAPESP*. São Paulo: Agência

FAPESP. Disponível em:
<https://revistapesquisa.fapesp.br/analises-mostram-como-portinari-produzia-suas-obras/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Sawada, Anunciata & Ferreira, Francisco & Araujo-Jorge, Tania Cremonini De. (2017). Cienciarte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. *Revista Educação, Artes e Inclusão*. 13. 158-177. 10.5965/1984317813032017158.

SILVEIRA, João Ricardo Aguiar da. Arte e Ciência: uma reconexão entre as áreas. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 70, n.2, p. 23 - 25, Apr. 2018. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252018000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 14 May 2024. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602018000200009>.

SNOW, C. P. *The two cultures; and, a second look: an expanded version of "The two cultures and the scientific revolution"*. London: Cambridge U.P, 1969.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Ementa da disciplina Processos Criativos em Ciências, da Imaginação à Divulgação Científica*. Disponível em:
<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=4300220&verdis=1>.

Capítulo 4

Redes sociais, arte, mídia e o futebol amador

Pedro Henrik Ferreira Lopes¹⁹

Francisco Xavier Freire Rodrigues²⁰

INTRODUÇÃO

O futebol amador, além de ser uma prática esportiva, desempenha um papel significativo na criação de uma rede cultural e na facilitação de processos alternativos de comunicação dentro de uma comunidade.

¹⁹Professor de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Várzea Grande, estudou na rede pública estadual durante o ensino fundamental e no Instituto Federal de Mato Grosso no ensino médio, (IFMT, 2010) e graduou-se em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Várzea Grande (2018). Especializou-se em Comunicação e Design Digital (2020). É mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT)..e-mail: pedro_h_lopes@outlook.com

²⁰ Professor Titular da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, lotado no Departamento de Ciência e Tecnologia, Centro Multidisciplinar de Caraúbas, Campus UFERSA, Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMT. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/IL- UFMT. Pesquisador Membro do Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania NIEVCi/UFMT. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000). Coordenador do Comitê de Pesquisa Sociologia do Esporte da Sociedade Brasileira de Sociologia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade (GEPECS) CNPq/UFMT. Tem experiências em atividades de ensino, pesquisa e extensão na área da Sociologia do Esporte, Sociologia da Violência e Sociologia da Educação. Leciona Sociologia no Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da UFERSA, Campus Caraúbas. Lecionada Teoria Social Clássica e Sociologia do Esporte no PPG Sociologia UFMT. Tem experiência na área de Teoria Sociológica Clássica e Contemporânea, Sociologia Urbana, Sociologia da Educação, Sociologia das Organizações, Sociologia do Esporte, Sociologia do Trabalho, Sociologia da Comunicação. francisco.rodrigues@ufersa.edu.br

No entanto, apesar de sua relevância, ainda há lacunas no entendimento de como o futebol amador cria uma rede cultural e processos alternativos de comunicação dentro das comunidades. Esta realidade levanta a questão: Como o futebol amador se torna um catalisador para a construção de redes culturais e processos comunicativos alternativos?

Nesse sentido por meio de uma análise documental e observação participante em jogos de futebol amador, o objetivo desse trabalho visa compreender de que forma essa prática esportiva contribui para a formação e manutenção de redes culturais e processos comunicativos alternativos.

REDES SOCIAIS

Ao considerarmos as teorias de Raquel Recuero (2009) e Manuel Castells (2017) sobre redes sociais e movimentos sociais em rede, podemos compreender melhor como o futebol amador transcende seu papel esportivo para se tornar um veículo de expressão cultural e um meio de interação social que vai além das fronteiras físicas do campo.

As relações sociais contemporâneas são amplamente influenciadas pelas oportunidades de conexão com outras pessoas. As inúmeras interações que estabelecemos possibilitam o surgimento de novas formas de relacionamento. O advento das novas tecnologias digitais tem transformado a maneira como nos comunicamos, tornando o tempo um

desafio na adaptação a essas novas linguagens. Vivemos em uma era de constante conexão, onde diferentes gerações navegam pelos vastos oceanos da internet (CASTELLS, 2017).

O impacto desse fenômeno tornou-se evidente a partir de 2008, durante a eleição presidencial nos Estados Unidos entre Barack Obama e John McCain. Foi possível observar as diversas bolhas de opinião e comentários que circulavam sobre a eleição. Simultaneamente, enquanto conteúdos viralizavam na internet, os Estados Unidos registraram um dos maiores índices de comparecimento de eleitores em suas eleições. Esse processo destacou a transformação em curso na forma como as pessoas se comunicam entre si, revelando-se como um dos pilares da sociabilidade, conforme observado por Georg Simmel (2010).

No livro "Redes Sociais na Internet", é evidenciado que os estudos sobre redes sociais atravessaram todo o século XX, trazendo a perspectiva da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy (RECUERO, 2009).

Essa teoria sugere que, de uma maneira ou de outra, somos compelidos a abordar fenômenos como complexos "totalidades" ou "sistemas" em todos os campos de conhecimento. Isso implica que devemos abordar os fenômenos sociais em sua totalidade, não mais como entidades independentes. Em outras palavras, é necessário compreender as interações entre esses fenômenos (RECUERO, 2009).

Antes mesmo da popularização da internet, já existiam culturas, formas de arte e grupos que se conectavam e

interagem, dando origem a diversas comunidades unidas por interesses comuns.

ARTE

Na primeira metade do século XX, o termo "arte" passou a designar um domínio autônomo que englobava obras, interpretações, valores e instituições, dando origem ao que hoje reconhecemos como o sistema moderno das belas artes (MACHADO, 2007).

Progressivamente, "arte" deixou de ser simplesmente uma categoria para se tornar, sobretudo, um contexto de autonomia. Dentro desse novo paradigma, as obras começaram a ser analisadas e debatidas com base nas noções de "forma". Essa abordagem interpretativa foi estabelecida e refinada em um cenário que poderia ser caracterizado como um vazio cultural, desvinculado de práticas, experiências e significados do cotidiano. Notavelmente, esse formalismo fundamentava suas proposições na subordinação ao próprio objeto de arte, contribuindo para a consolidação de uma compreensão mais distante das realidades cotidianas (MACHADO, 2007).

Esse modelo de interpretação desempenhou um papel crucial no processo de consolidação da arte como um domínio autônomo e distinto. Paralelamente a essa ascensão, as teorias formalistas ganharam influência considerável entre críticos

literários, críticos de arte e estetas. Em virtude desse estatuto elevado da arte, a divisão entre arte e artesanato não apenas se aprofundou, mas também foi explorada com propósitos específicos (MACHADO, 2007).

Essa demarcação foi utilizada para a discriminação e/ou apropriação da arte de outras culturas, revelando como o status autônomo da arte não apenas moldou seu entendimento intrínseco, mas também teve implicações mais amplas e complexas no cenário cultural (MACHADO, 2007).

O conceito de sociabilidade de Simmel se refere às complexas interações sociais que se caracterizam pelo deleite inerente à interação social, pela incessante busca de novidades e pela capacidade de adaptação. Simmel sustenta que a sociabilidade é um elemento fundamental na vida social, pois viabiliza relações interpessoais mais profundas e significativas. Ela pode manifestar-se em diversas formas, tais como conversações, celebrações festivas, encontros, viagens e outros eventos sociais.

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses - sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados - se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (SIMMEL, 2010, p. 60)

SOCIABILIDADE

Em sua teoria, Simmel (2010) explora a interação humana como a essência da vida social, destacando que as formas mais básicas e elementares de associação entre os indivíduos são fundamentais para a construção das complexas estruturas sociais. A sociação, portanto, engloba as diversas maneiras pelas quais as pessoas se conectam e interagem, desde encontros casuais até relações mais duradouras, como as amizades e os grupos sociais.

Essa abordagem enfatiza a importância dos indivíduos e suas ações na moldagem das sociedades, ao mesmo tempo em que considera a influência das instituições e normas sociais na dinâmica dos relacionamentos interpessoais. Ao analisar o conceito de sociação, Simmel oferece uma perspectiva única e profunda sobre a natureza da vida em sociedade e suas complexas teias de interação e significado (SIMMEL, 2010).

Além disso, Simmel também discute a relação entre a vida na cidade e a formação de comunidades. Ele analisa como a urbanização e a aglomeração de pessoas nas grandes cidades podem levar ao desenvolvimento de subculturas e grupos sociais distintos, oferecendo a possibilidade de novas formas de sociabilidade e comunidades baseadas em interesses compartilhados. Em suma, a teoria de Simmel aplicada ao conceito de comunidade enfatiza a interação social como base para a formação dessas entidades sociais,

destacando a complexidade das relações humanas, o equilíbrio entre a integração e a exclusão social e o impacto do ambiente urbano na dinâmica comunitária.

As redes sociais na internet e as ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC) têm desempenhado um papel fundamental na criação de novas formas de expressão e sociabilização. Essas plataformas não apenas servem como meios de interação, mas também como ambientes nos quais os atores sociais podem ativamente construir suas identidades, interagir com outros membros da comunidade e comunicar suas perspectivas. Através dessas ferramentas, a expressão ganha dimensões além das limitações geográficas e temporais, possibilitando que participantes se conectem e compartilhem experiências de maneiras inovadoras (RECUERO, 2009).

As redes sociais digitais se tornaram espaços dinâmicos e participativos, onde a construção de significado e o desenvolvimento de relações sociais ocorrem de maneira fluida, influenciando a forma como os atores se percebem e interagem na esfera digital. Essa abordagem enfatiza o impacto significativo das tecnologias de comunicação na evolução das interações sociais contemporâneas (RECUERO, 2009).

MOVIMENTOS SOCIAIS

Na era da informação, os movimentos sociais são moldados e impulsionados pela lógica das redes, destacando a

importância das interconexões digitais, esses movimentos são caracterizados por uma estrutura descentralizada e flexível, possibilitada pelas tecnologias de comunicação em rede (CASTELLS, 2017).

Castells (2017) enfatiza a capacidade das redes sociais digitais em facilitar a mobilização, organização e disseminação de ideias entre os participantes, transcendendo barreiras geográficas. Além disso, destaca a natureza multifacetada dos movimentos sociais contemporâneos, que podem emergir em resposta a uma variedade de questões, desde políticas até sociais e culturais. Sua teoria destaca a importância de compreender os movimentos sociais não apenas como eventos isolados, mas como parte integrante de uma sociedade em constante transformação, onde a conectividade digital desempenha um papel central na dinâmica social (CASTELLS, 2017).

Os movimentos sociais em rede com a ascensão da internet não apenas intensificaram essas conexões entre comunidades, mas também transformou significativamente a dinâmica desses movimentos. Com a era da informação surge uma nova forma de ativismo, onde as redes digitais desempenham um papel central na mobilização e na disseminação de ideias nesse sentido os movimentos sociais em rede caracterizam-se por uma estrutura descentralizada,

permitindo a participação e colaboração de indivíduos em diferentes locais geográficos (CASTELLS, 2017).

A conectividade digital proporciona um espaço para a expressão coletiva e para a construção de identidades compartilhadas, influenciando profundamente a forma como as comunidades se organizam e buscam transformações sociais ressaltando a importância das redes na configuração dos movimentos sociais contemporâneos, destacando a interconectividade como uma força propulsora na busca por mudanças e na construção de narrativas coletivas (CASTELLS, 2017).

FUTEBOL AMADOR

Munidos dessas teorias o futebol amador promove a integração social e o fortalecimento dos laços interpessoais por meio de seus campos. Ao proporcionar um espaço para que os moradores se reúnam em torno de um interesse comum, o esporte fomenta um senso de pertencimento e identidade coletiva na comunidade. Além disso, a comunicação cotidiana é enriquecida pelo futebol amador, uma vez que a discussão sobre os jogos, a formação de times e a organização de eventos esportivos se tornam temas frequentes nas conversas locais (BENITEZ, 2022).

Zygmunt Bauman (2001), em suas reflexões sobre a modernidade líquida, apresenta uma visão crítica sobre o conceito tradicional de comunidade. A comunidade sólida,

baseada em laços duradouros e relações estáveis, foi substituída pela comunidade líquida, caracterizada pela fluidez e pela fragilidade dos vínculos sociais. Nesse contexto, as relações humanas tornam-se mais superficiais e transitórias, refletindo a natureza volátil e instável da sociedade contemporânea. Enquanto a comunidade sólida proporcionava um senso de pertencimento e segurança, a comunidade líquida é marcada pela incerteza e pela falta de compromisso, dificultando a formação de laços profundos e significativos entre as pessoas (BAUMAN, 2001).

Podemos contextualizar a problemática do futebol amador como um espaço onde as relações sociais são moldadas pela fluidez e fragilidade dos vínculos sociais. Nesse sentido, o futebol amador pode ser visto como uma forma de resistência à liquidez das relações contemporâneas, oferecendo um espaço onde os participantes podem experimentar uma sensação de pertencimento e construir laços sociais mais sólidos. Ao mesmo tempo, a dinâmica do futebol amador também reflete a natureza transitória e volátil das relações na sociedade atual, apresentando um cenário onde as relações são construídas e desfeitas com facilidade, à medida que os jogadores e espectadores transitam entre diferentes contextos sociais (BENITEZ, 2022).

Essa perspectiva lança luz sobre a complexidade das interações sociais no futebol amador, destacando como esse

fenômeno esportivo pode ser ao mesmo tempo um reflexo e uma resistência às transformações sociais contemporâneas. Ao considerarmos as teorias de Raquel Recuero (2009) e Manuel Castells (2017) sobre redes sociais e movimentos sociais em rede, percebemos que o futebol amador não se limita a um jogo, mas é também um espaço onde as pessoas constroem e compartilham significados, fortalecendo laços sociais e culturais.

A indústria cultural ocupa um papel central na sociedade contemporânea, sendo um poderoso mecanismo de produção e disseminação de significados e valores. Em seu olhar crítico, Martín-Barbero analisa como os meios de comunicação de massa, juntamente com outras instituições culturais e econômicas, moldam e padronizam as formas de expressão e consumo cultural.

Parte-se do sofisma que representa a idéia de "caos cultural" -" essa perda do centro e conseguinte dispersão e diversificação dos níveis e experiências culturais descobertas e descritas pelos teóricos da sociedade de massas - e afirma-se a existência de um sistema que regula, dado que a produz, a aparente dispersão. A "unidade de sistema" é enunciada a partir de uma análise da lógica da indústria, na qual se distingue um duplo dispositivo: a introdução na cultura da produção em série "sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguia da do sistema social", e a imbricação entre produção de coisas e produção de necessidades de modo tal que "a força da indústria cultural reside na unidade com a necessidade produzida [...]" (BARBERO, 1997, p. 65).

A indústria cultural, com sua capacidade de produção em massa, tem o poder de homogeneizar a cultura, levando a uma aparente universalização de gostos e padrões de comportamento. Esse processo, no entanto, também gera desafios, pois pode resultar na marginalização de manifestações culturais locais e na perda de identidade das comunidades. Nesse contexto, Martín-Barbero (1997) enfatiza a importância da mediação cultural como uma abordagem que reconhece as tensões e negociações entre as produções culturais dominantes e as expressões culturais locais, permitindo uma abertura para a diversidade cultural e para as vozes subalternas.

Ao considerar a diversidade cultural, Martín-Barbero (1997) aponta para a importância de uma abordagem comunicacional que leve em conta as particularidades de cada contexto e grupo social. A mídia e a cultura são vivenciadas e apropriadas de maneira diferente por diferentes grupos, e ignorar essas especificidades pode levar à perpetuação de desigualdades e estereótipos. Nesse contexto globalizado, as culturas não permanecem isoladas, mas interagem, influenciam-se mutuamente e se transformam. Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental nesse processo de hibridização, pois facilitam o encontro e o diálogo entre diferentes culturas.

A ascensão da internet é uma reinvenção das práticas cotidianas de comunicação. A internet tornou possível para as pessoas se comunicarem com outras pessoas em todo o mundo de maneiras que não eram possíveis antes. Essa mudança teve um impacto significativo na cultura, pois permitiu que as pessoas compartilhassem ideias e informações de maneiras novas e inovadoras (CASTELLS, 2017).

Com isso o filósofo e teórico social alemão Jürgen Habermas, conceituou a ação comunicativa, como algo que representa um pilar fundamental na compreensão da interação social e da formação de consenso em uma sociedade democrática. Essa abordagem destaca a linguagem como uma ferramenta central para a construção de significados compartilhados e para a resolução de conflitos por meio do diálogo. Habermas enfatiza a importância da comunicação livre e não coercitiva, onde os indivíduos buscam compreender um ao outro de maneira aberta e racional. Através da ação comunicativa, as pessoas engajam-se em discussões fundamentadas em argumentos e evidências, visando alcançar um entendimento mútuo e cooperativo. Essa teoria desempenha um papel crucial na análise das estruturas comunicativas da sociedade e na promoção de uma esfera pública saudável, onde a troca de ideias e a deliberação coletiva são essenciais para uma democracia participativa e inclusiva.

Para complementar a compreensão pode-se incorporar a perspectiva do sociólogo Anselm Strauss sobre identidade, que de acordo com sua abordagem não é um conceito estático, mas sim um processo contínuo de interação entre o indivíduo e a sociedade. Strauss argumenta que a identidade é moldada através de uma interação constante entre os papéis que assumimos, as expectativas que os outros têm de nós e as narrativas que criamos sobre nossa própria vida. Sua teoria nos convida a refletir sobre a fluidez da identidade humana e a compreender como as diversas influências sociais e culturais contribuem para a construção de quem somos ao longo do tempo.

Qualquer discussão da identidade tem como ponto central a linguagem. Usei a palavra 'central' de propósito. A linguagem, muitas vezes, é analisada apenas como mais um tipo de comportamento - ao lado da fala, da leitura, da escrita e do ouvir - numa longa lista de outros tipos de comportamento. (STRAUSS, 1999, p. 35)

A linguagem desempenha um papel central no processo de construção e negociação de significados sociais. Por meio de suas pesquisas no campo da sociologia, especialmente na abordagem da pesquisa qualitativa, Strauss enfatiza a importância da linguagem como uma ferramenta que possibilita a compreensão e a expressão das experiências humanas em contextos sociais específicos. A linguagem é vista como um meio fundamental de comunicação e interação

entre os indivíduos, permitindo-lhes atribuir significado aos eventos, situações e relações que vivenciam em suas vidas cotidianas. Além disso, a linguagem também é entendida como uma estrutura simbólica que reflete e molda a realidade social, influenciando a forma como os atores sociais interpretam e constroem suas identidades e relações dentro de uma sociedade em constante mudança. Assim, a abordagem de Anselm Strauss destaca a importância de analisar cuidadosamente a linguagem em suas pesquisas, pois ela revela insights valiosos sobre como os indivíduos e os grupos sociais entendem e constroem seu mundo social.

Um nome pode revelar muita coisa, tanto de quem o deu quanto de quem o porta; se formos observadores, descobriremos que ele diz milhares de coisas.
(STRAUSS, 1999, p. 35)

O nome também desempenha um papel significativo no processo de construção de identidade e no estabelecimento de relações sociais. Ele considera o nome como uma forma de linguagem simbólica que vai além de sua simples designação. Para Strauss, os nomes têm um valor simbólico, carregando consigo significados culturais e sociais que influenciam a percepção dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros. Os nomes atribuídos a indivíduos e grupos podem refletir características culturais, valores, tradições e hierarquias presentes na sociedade. Além disso, os nomes também podem ser utilizados como uma estratégia de identificação e

diferenciação, ajudando a estabelecer uma identidade pessoal ou grupal, bem como uma posição social dentro de uma comunidade.

Num panorama abrangente, examinamos como as dinâmicas sociais se transformaram com o advento das redes sociais na internet, redesenhando a interação entre comunidades e indivíduos. À luz da teoria de Manuel Castells (2017) sobre movimentos sociais em rede, destacamos a descentralização e flexibilidade que caracterizam essas formas contemporâneas de engajamento social. Adicionalmente, ao considerar as contribuições de Raquel Recuero (2009) sobre as ferramentas de comunicação mediada pelo computador, enfatizamos a capacidade dessas plataformas de amplificar a expressão, sociabilização e construção de identidades. Essas perspectivas foram então aplicadas ao contexto do futebol amador, onde a interseção entre redes sociais, arte, mídia e comunidades locais revela uma dinâmica rica e complexa.

Incorporando as teorias de Martín-Barbero (1997), exploramos como o futebol amador não é apenas um esporte, mas um espaço cultural dinâmico, onde a negociação constante entre produções globais e expressões locais enriquece a diversidade cultural. No entanto, também reconhecemos a existência de desafios, como a discrepância entre imagens projetadas e produção real. Ao integrar essas

teorias, emergiu uma compreensão mais profunda das interações sociais no cenário atual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após esse breve levantamento evidencia-se como a prática esportiva transcende suas dimensões físicas, transformando-se em um ambiente onde os meios de comunicação, a cultura e as comunidades se entrelaçam.

O futebol amador não é meramente um jogo, mas sim uma narrativa cultural compartilhada, influenciada por fatores midiáticos, valores locais e experiências pessoais. Esta prática cria um terreno propício para a apropriação, reinterpretando as mensagens midiáticas de maneiras únicas e integrando-as ao contexto das comunidades locais.

Ao relacionar Redes Sociais, Arte, Mídia e o Futebol Amador, torna-se evidente como as teorias de Martín-Barbero (1997) podem lançar luz sobre os complexos processos de interação entre mídia, cultura e comunidade. Essa abordagem nos recorda a riqueza da diversidade cultural, das vozes subalternas e das formas únicas de interpretação que emergem quando a mediação cultural é ativamente engajada. A teoria de Martín-Barbero (1997) nos instiga a reconhecer o poder do futebol amador não apenas como um esporte, mas como um espaço dinâmico onde a cultura é continuamente

negociada, reinventada e enriquecida através do diálogo entre produções globais e expressões locais.

Ao integrar a teoria de Raquel Recuero (2009) a essa análise, podemos aprofundar nossa compreensão dos complexos entrelaçamentos entre Redes Sociais, Arte, Mídia e o Futebol Amador. No contexto do futebol amador, as redes sociais digitais proporcionam plataformas para interações dinâmicas, onde os praticantes e entusiastas não apenas consomem, mas também contribuem ativamente para a produção de narrativas culturais. As interações nesses espaços digitais possibilitam a criação de comunidades virtuais que transcendem as barreiras físicas, permitindo a troca de experiências, a construção de identidades compartilhadas e a influência na interpretação do futebol amador. Portanto, ao considerar as teorias de Martín-Barbero (1997) e Recuero (2009) em conjunto, podemos entender mais profundamente como as práticas culturais, como o futebol amador, são moldadas, compartilhadas e reinterpretadas em um contexto mediado pela tecnologia e permeado por redes sociais digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a ascensão do futebol como um dos principais objetos de entretenimento global destaca-se no cenário contemporâneo, impulsionada por sua poderosa maquinaria midiática que quebra recordes de faturamento. Paralelamente,

no contexto das comunidades brasileiras, o futebol amador emerge como uma força significativa, construindo redes culturais resilientes apesar dos desafios organizacionais, da violência e da ausência de políticas públicas. Em meio ao fervor pelo esporte, o futebol torna-se não apenas um jogo, mas o fio condutor de uma cultura colaborativa e compartilhada, intrinsecamente ligada à identidade cultural.

No âmbito do futebol amador, as dinâmicas envolvendo os participantes, espectadores e a comunidade em geral delineiam uma intrincada teia de interações, onde diferentes papéis são desempenhados pelos indivíduos, cada qual revelando nuances interpretativas. Duas perspectivas distintas emergem nesse panorama: a primeira relacionada à construção da imagem do futebol de várzea, frequentemente moldada pelo senso comum e pelos meios de comunicação, notadamente a rádio. A segunda, por sua vez, manifesta-se nas criações secundárias oriundas do envolvimento com o futebol, gerando uma discrepância entre a imagem projetada e a realidade produzida.

Essas interações complexas transcendem representações superficiais, refletindo dinâmicas subjacentes que moldam a experiência coletiva do futebol de várzea na sociedade contemporânea. Assim, a influência cultural e social do futebol amador não se limita ao campo de jogo, mas permeia as interações cotidianas, contribuindo para a tessitura da

identidade cultural periférica e consolidando-se como um fenômeno multifacetado que vai além das dimensões físicas do esporte.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta, *O futebol em Mato Grosso: história, legado e projeções*. Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2022.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros : ZAHAR, 2017.

HABERMAS, J. (1984). *A teoria da ação comunicativa (Vol. 1). A razão e a racionalização da sociedade*. Boston: Beacon Press.

HABERMAS, J. (1987). *A teoria da ação comunicativa (Vol. 2). Mundo da vida e sistema: uma crítica da razão funcionalista*. Boston: Beacon Press.

MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Editora Zahar, 3ª ed. 1ª ed. abril de 2007.

MARTINS, Raimundo, *Das Belas Artes à Cultura Visual*. In: MARTINS, R. (Org.) *Visualidade e Educação*. Goiânia: FUNAPE, 2008.

RECUERO, Raquel, *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro. Zahar Ed, 2010.

STRAUSS, Anselm L., *Espelhos e máscaras: A busca de identidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Capítulo 5

Racionais MC'S: história, periferias musicais e lutas sociais

Marcos Leite Martins Jr.²¹

Dorival Bonfá Neto²²

Júlio César Suzuki²³

Introdução

No artigo intitulado *Hip-hop & Sarau: O Capão Redondo como centro da luta cultural*, de Eduardo Cardoso Rocha (2012)

²¹ Possui graduação em Geografia pela Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. e-mail: marcosjr@usp.br

²² Doutor em Geografia pela Universidad Nacional de Colombia (UNAL, 2024) e em Ciências (Sociedade, Estado, Economia e Ambiente) pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP, 2023). Geógrafo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP, 2017) e licenciado em Geografia pela mesma faculdade (FFLCH/USP, 2018). Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), na área de Políticas Públicas, Planejamento e Desenvolvimento Regional. Experiência acadêmica nas áreas de Geografia Humana, Geografia Ambiental, Políticas Públicas e Ecologia Política. Experiência profissional em ensino e educação, atuando desde 2015 na Educação Básica como professor e na gestão pedagógica. Membro pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre Espaço, Política e Emancipação Social (NEPES), da Universidade Federal do Oeste do Pará e do grupo de pesquisa Território, desenvolvimento e agricultura, da Universidade de São Paulo. E-mail: bonfaneto@hotmail.com

²³ Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, graduação em Química pelo Instituto Federal de São Paulo, mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo, doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e Livre-Docência, em Fundamentos Políticos, Sociais e Econômicos da Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente, é Professor Associado da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Integração da América Latina (PROLAM/USP), onde também atua como vice-coordenador. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Agricultura, Urbanização, Geografia e Literatura e Teoria e Método. jcsuzuki@usp.br ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7499-3242>

para a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), o autor estuda a periferia como esfera e objeto cultural. Assim, é possível compreender o papel social da arte como objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento, bem como sua relação com algumas lutas sociais:

No caso da juventude negra do Brasil, trata-se de reconhecer sua história social. Herdeira da subordinação racial numa sociedade estruturada, em todas as instâncias de poder e em vários momentos de transformações políticas, sob a prática e a ideologia racista. Este é o pressuposto da representação crítica sobre si mesmo. Neste mesmo movimento, age no sentido de destruir um projeto de dominação, com um discurso que não é aprendido na escola nem tão pouco tem sido, ao longo de nossa história cultural, transpostos pelos símbolos hegemônicos escolhidos para representar o Brasil, a exemplo, da “democracia racial” que afirma a ausência de racismo nas práticas sociais entre brancos(as) e negros(as). Descobre-se nesse movimento que a harmonia racial brasileira é um ideal ou quiçá possibilidade, cuja afirmação no presente tem fins políticos estratégicos para o aprofundamento da dominação racial (Rocha, 2012, p. 5).

A citação acima vai ao encontro do trabalho do grupo musical Racionais MC's, que define a própria arte como um produto desenvolvido para seus semelhantes, em uma busca de gerar identificação e trazer possibilidades diferentes a uma população cujo acesso às políticas públicas e possibilidades de ascensão e desenvolvimento sempre foram limitadas ou negadas (Racionais MC's, 2018).

O texto *Geografia e música: uma introdução ao tema* (2011), de Lucas Manassi Panitz, publicado pela *Revista*

Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales da Universidad de Barcelona, traz uma intersecção dos temas centrais a partir de diferentes óticas - sendo elas a francesa, a estadunidense, a inglesa e a brasileira, fazendo referência a diferentes autores e músicos. Em especial, quando o texto aborda a perspectiva francesa, o enfoque trata o espaço geográfico como objeto central da chamada “geografias da música”, termo usado para explicar a ocupação dos espaços dentro da origem das músicas.

Nesse mesmo texto, é apresentado o pesquisador francês Yves Raibaud, que, em 2008, publicou um artigo chamado *Música e Território: O Que a Geografia Pode Dizer a Partir da França*, no qual questiona o que os geógrafos podem oferecer para o debate do tema. Aqui, usando esse texto como base, mas na edição traduzida por Alessandro Dozena e Lucas Panitz, compartilhamos a reflexão do autor sobre diferentes maneiras de compreender as relações entre música e espaço geográfico. A citação abaixo traz o pensamento desenvolvido por Raibaud através da interpretação de Panitz (2011):

Primeiro, a música como indicador geográfico, um elemento para descrever e decifrar realidades espaciais. Conforme o autor, “captar o universo sonoro dos espaços permite escapar da tirania do mapa e da ditadura das imagens”. [...] Em terceiro lugar, a música aparece como um fixador das adesões territoriais, ou seja, ajuda a criar laços entre os indivíduos e o território, sejam esses laços mais efêmeros ou mais duradouros. Em quarto lugar, a música se configura como um construtor de imagens regionais; a

regularidade da repetição em um mesmo lugar se inscreve na materialidade. [...] Em quinto lugar, diz o autor, a música aparece como um modo de governança territorial. Ela revela também ser um dos recursos políticos usados por aqueles que foram excluídos da política tradicional. Ela pode servir como ferramenta para o desenvolvimento cultural e territorial em áreas fragilizadas, ajudando a recompor o território e sua população (Panitz, 2011).

Vale ressaltar que esse é um texto que fala sobre a realidade francesa. De qualquer modo, os pontos da citação acima conversam diretamente com o tema proposto aqui, já que, ao observar o desenvolvimento da cidade de São Paulo, com enfoque nas periferias, e no contexto do surgimento do hip-hop, entendemos, por exemplo, como a música é sim um objeto marcador da regionalidade, de acordo com o local onde ela é criada, além de representar um produto de seu tempo, com a marcação de termos da época e as referências inseridas nas letras e melodias. Além disso, fica evidente o fato da música ser também usada como instrumento político, apontando as discrepâncias dos desenvolvimentos territoriais e culturais em regiões marginalizadas - o que gera conscientização, contextualização e identificação para muitos dos ouvintes.

Dessa forma, busca-se demonstrar as relações geográficas/espaciais/territoriais entre música, cultura periférica e lutas sociais, com base na história e na trajetória do grupo musical Racionais MC's. Posteriormente, é dado um enfoque para algumas obras do grupo, que são aqui

analisadas: *Capítulo 4, Versículo 3*²⁴, do álbum *Sobrevivendo no inferno* (1997), e *Da Ponte Pra Cá*²⁵, do álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* (2002). A escolha dessas canções se deu pelo entendimento da influência de suas letras dentro do contexto aqui proposto e pela magnitude do alcance delas dentro da discografia do grupo, já que essas são algumas de suas músicas com mais “streams” nas plataformas online.

A metrópole paulistana e suas periferias

A cidade de São Paulo, intensamente industrializada e desigualmente desenvolvida, foi consolidada como um importante centro financeiro e econômico, mas também cultural. A chegada de empresas multinacionais, o alto investimento nos mais diversos setores - principalmente em tecnologia - começam a gerar as chamadas “centralidades secundárias”, termo discutido no capítulo *Transformações e Resistências nos Centros Urbanos* (2015), da geógrafa brasileira Glória Alves, presente na obra *Crise urbana*, organizada pela também geógrafa brasileira Ana Fani Alessandri Carlos. Entende-se que, a partir dos anos 1980, mas com ainda mais força durante os anos 1990, o impacto da globalização e da difusão da tecnologia, aliada aos investimentos nacionais e

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/YLa77FGfkY8?si=BlsoFNJRPG05JOaO>. Acesso em: 10 nov. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xe8DN92jtbg>. Acesso em: 10 nov. 2024.

internacionais na cidade, geraram “sub centralidades”, localizadas nas periferias da cidade de São Paulo.

No trecho a seguir, a autora expõe com clareza como foi dado o desenvolvimento dos espaços periféricos da cidade de São Paulo para que fossem moldados da forma em que são encontrados na atualidade, com movimentação cultural, social e, principalmente, econômica, possibilitando gerar pequenos sistemas que rodam de maneira independente - no sentido de que, em certa escala, a dependência do centro para realizar diversos tipos de trabalhos, questões burocráticas e até mesmo de lazer, fosse diminuída significativamente.

Esses espaços, até anos 1990, eram reconhecidos e denominados de periferias, áreas distantes do centro, com concentração de população de baixo poder aquisitivo e onde a vida era gerada pela precariedade de todos os bens e serviços sociais. Entretanto, ao longo processo de produção/reprodução desses espaços, a centralidade entendida como a concentração de serviços/bens/comércio/população foi se estabelecendo pela necessidade da sobrevivência da própria população residente nesses espaços. Nas vias de maior circulação, onde havia pontos ou paradas de ônibus, moradores com alguns recursos acabam por conseguir gerenciar um bar, uma quitanda, um bazar, um salão de beleza (em geral na própria casa da cabeleireira), local de culto religioso, ou seja, temos o início do processo de constituição de uma centralidade local, que passa a concentrar pessoas e atrair, nessa escala, mais empreendimentos locais e, assim, concentrando ainda mais população (Alves, 2015, p. 49).

O crescimento das periferias acaba por ressignificar o que esses espaços eram: antes, locais precários e com

pouquíssimos recursos e acessos, mas que, pouco a pouco, foram recebendo empreendimentos e investimentos do Estado e da iniciativa privada. O que acontece, então, é a criação de novas periferias, ainda mais distantes dos centros principais e adjacentes às centralidades secundárias. Assim, locais como Jardim Ângela, Campo Limpo e Capão Redondo tornam-se, por ora, centralidades periféricas. Isso não isenta, todavia, a baixa disponibilidade de empregos nessas regiões, fazendo ainda, com que grandes massas populacionais tenham que se movimentar para as três grandes centralidades principais de São Paulo: o “Centro antigo” (República e Sé), o “Centro novo” (Avenida Paulista) e o “Centro super-novo” (Berrini, Itaim Bibi e Vila Olímpia).

A periferia sempre possuiu relações com a cultura e a musicalidade, produzindo de maneira inovadora mesmo com os baixos recursos e acessos que lhes são ofertados - como é o caso do livro *Capão Pecado*, do autor Reginaldo Ferreira da Silva Ferréz, publicado no ano 2000. A obra, definida como “literatura marginal”, trata de um romance entre dois jovens adolescentes. A partir do texto, são refletidos os extremos de uma sociedade extremamente desigual, baseada no machismo, no crime e na realidade periférica, destacando a vivência de um jovem que busca sair do meio da violência. Refletindo sobre as relações da periferia dentro da metrópole,

a partir do conceito de cultura, o autor ressalta no prefácio do livro:

É muito raro um favelado parar para ver as estrelas numa grande e farta cidade que só lhe entrega cada dia mais a miséria, mas que é sua cidade. Uma metrópole definidora de destinos cruzados, inutilmente ligados pela humanidade e pelo carinho que os cercam (Ferréz, 2000).

O enxerto acima associa o “ver as estrelas” à beleza e à noção de arte e cultura. Dessa maneira, compreende-se a limitação imposta à maior parte da população periférica para que seja possível enxergar a poesia - mesmo que nas coisas mais simples e banais, como é o caso das estrelas. Assim, as estruturas da sociedade acabam por definir tais destinos, como mencionado, para que as vivências sejam, majoritariamente, definidas para a sobrevivência - ou seja, pela busca do trabalho, da habitação e da alimentação, negando outras dimensões existenciais, como aquelas promovidas e acessadas pela arte e pela cultura e que são representadas através da trajetória e das produções do grupo Racionais MC's.

Racionais MC's: história, atuação e relação com a metrópole

O surgimento do hip-hop na cidade de São Paulo ganha força a partir da segunda metade da década de 1980 - mais precisamente nas regiões centrais como a Praça Roosevelt e a Estação São Bento. Sua eclosão no centro urbano foi de extrema importância para a pluralidade de pensamentos,

origens e ideias. Todavia, apesar da formação central, o movimento ressoou até as mais diversas e distantes periferias ao longo da década de 1990, recebendo, assim, diferentes pontos de vista e vivências.

O conjunto musical Racionais MC's, fundado em 1988, é formado pelos integrantes Mano Brown, Ice Blue, KL Jay e Edi Rock. Sendo considerado o maior grupo de hip-hop/rap da história do Brasil. Originários da Zona Sul de São Paulo - mais especificamente do bairro do Capão Redondo - as letras de suas canções tratam de temas como a segregação social, violência policial, racismo e as vivências jovens e periféricas nos anos 1990. Em entrevista para a Rádio Brasil de Fato, o DJ do grupo, KL Jay, comenta:

Eu acho que os Racionais influenciaram de uma maneira muito boa uma geração aqui no Brasil, mudou uma mentalidade e revolucionou. O termo salvar, eu acho que é um pouco apelativo. A gente ouve isso dos pretos, brancos, pobres, ricos, "vocês salvaram minha mente". Então, os Racionais tem uma grande participação na mudança de mentalidade e isso vale mais do que a fama. O que me deixa contente, não me envaidece, é o respeito, a moeda mais cara²⁶.

Os principais projetos do grupo, *Sobrevivendo no inferno* (1997) e *Nada Como Um Dia Após o Outro, Vol. 1 & 2* (2002), são os álbuns universalmente aclamados e reconhecidos por conta

²⁶ KL Jay para o Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/12/racionais-3-decadas-revolucao-do-rap-nacional-em-30-anos-de-historia>. Acesso em: 15 jun. 2024

das composições, melodias e pelo impacto na cultura nacional e internacional. Veículos relevantes como a revista *Rolling Stone* e o site de críticas *Allmusic* são alguns dos grandes portais de mídia e entretenimento que divulgaram *reviews* sobre os álbuns previamente mencionados. O crítico musical Matt Rinaldi analisa, para a *Allmusic*:

No que diz respeito ao hip-hop inabalável e baseado na realidade, não fica muito melhor do que *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*. Mais uma vez, os Racionais MC's se colocam como um forte contraponto à grande maioria dos artistas da MPB conhecidos principalmente por seus *grooves* descontraídos e refrões contagiantes e alegres (Rinaldi, s.d., tradução dos autores).

Em 2022, o grupo lançou o documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*, disponível na plataforma *Netflix*, que compartilha momentos da origem, ascensão e da atualidade do grupo, com cortes inéditos do acervo de filmagens do grupo e entrevistas com os integrantes, familiares e amigos. O projeto mostra, também, as densas relações do grupo com a periferia e os impactos de suas letras nos espaços da cidade.

No ano de 2023, o grupo completou 35 anos, com oito discos lançados e colecionando prêmios relevantes como VMBS, Prêmio Multishow e melhor álbum de 2015, pela consagrada revista *Rolling Stone*. Em atividade, os artistas têm feito shows por todo o mundo, sendo destaques em grandes

festivais como Cena 2k22, The Town, STL Festival e Encontro das Tribos. O rapper e destaque do grupo, Mano Brown, também seguiu com projetos solos.

O conjunto musical também é objeto de estudo em diversas universidades brasileiras, por conta de suas letras e histórias, suas opiniões e posicionamentos críticos sobre a violência, o racismo, a segregação social etc., além de ser, constantemente, objeto de estudo em salas de aulas com objetivos pedagógicos.

Em um excerto da obra *Capão Pecado*, que, de maneira poética, expõe a motivação principal do surgimento dos Racionais MC's, o autor afirma:

É muito raro um favelado parar para ver as estrelas numa grande e farta cidade que só lhe entrega cada dia mais a miséria, mas que é sua cidade. Uma metrópole definidora de destinos cruzados, inutilmente ligados pela humildade e pelo carinho que os cercam (Ferréz, 2000, p. 12).

Durante a década de 1990, ocorreram, no Brasil, três grandes massacres realizados por policiais: o primeiro, em 1992, foi o Massacre do Carandiru - no qual mais de uma centena de detentos foram brutalmente assassinados pela Polícia Militar durante uma intervenção. No ano seguinte, em 1993, no Rio de Janeiro, a polícia militar atacou cerca de cinquenta crianças em situação de extrema vulnerabilidade social enquanto dormiam nas escadarias da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Ainda no Rio, apenas algumas semanas depois, outra chacina

ocorreu na qual policiais sem uniforme assassinaram 21 pessoas em Vigário Geral. (Racionais MC's, 2018).

As frequentes tragédias, ligadas à forma como as periferias são construídas e tratadas, além de outras vivências e histórias, inspiraram o surgimento de uma das maiores obras de arte nacionais, produzida pelo grupo: o livro *Sobrevivendo no inferno*, publicado pelo grupo em 2018 - e que leva o mesmo nome do álbum lançado em 1997. No livro, os autores destacam:

A compreensão profunda dessas tragédias - não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional - estará no centro de diversas mudanças ocorridas no campo cultural, que progressivamente tornariam possível o surgimento daquele que seria um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país, um disco no qual o massacre do Carandiru seria reconhecido como o acontecimento decisivo da nossa época (ocupando literalmente o centro do álbum), revelador da verdade maior do Estado brasileiro, contra o qual era necessário reagir. O ano é 1997 e o disco é *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's (Racionais MC's, 2018, p. 11).

Com o efervescente surgimento da cena de hip-hop na cidade de São Paulo, dois pontos de encontro da cena se destacavam: a estação São Bento - na linha azul do metrô - e a região da Bela Vista. Milton Sales, figura conhecida do cenário cultural paulistano, frequentava ambos os espaços e, ao observar os jovens que ali iam para rimar, produzir e consumir a cultura, realizou o encontro dos membros do grupo: Paulo

Eduardo Salvador, vulgo Ice Blue, e Pedro Paulo Soares Pereira, vulgo Mano Brown, que vinham do extremo sul da cidade, Kleber Geraldo Lelis Simões, o KL Jay, e Edivaldo Pereira Alves, o Edi Rock, originários da região norte de São Paulo.

O primeiro lançamento do grupo veio dois anos após a formação: o álbum *Holocausto Urbano* (1990). O disco contou com dois singles previamente divulgados e que fizeram números importantes para a construção da imagem pública do grupo, sendo eles *Tempos Difíceis*, de Edi Rock, e *Pânico na Zona Sul*, de Mano Brown.

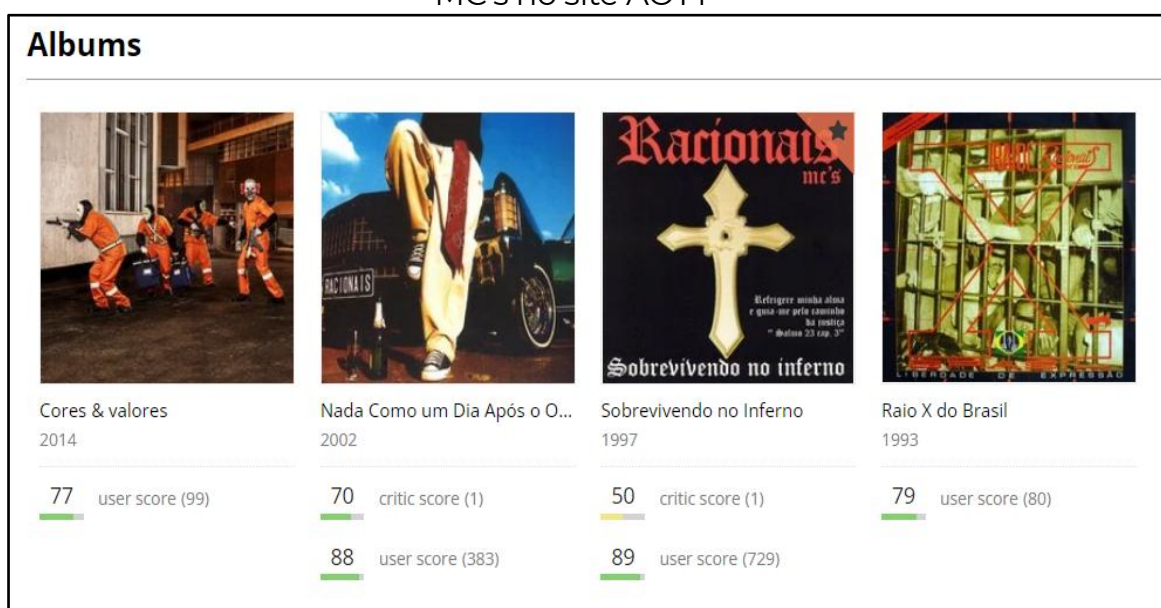
Alguns outros lançamentos foram realizados no início dessa década, como o disco *Escolha seu caminho*, em 1992. Todavia, foi em 1993 que o grupo atingiu o auge da carreira até o momento, com o lançamento do álbum *Raio X do Brasil*, considerado um dos maiores marcos do hip-hop brasileiro, impactando diversas populações periféricas.

Foi em 1997, porém, que o grupo atingiu o *mainstream* nacional, com o lançamento do disco *Sobrevivendo no inferno*, com mais de 1,5 milhão de cópias vendidas. Vale reforçar, que o grupo sofria um constante boicote por parte da grande mídia para a divulgação de seu trabalho, ficando fora de grandes programas de rádio e televisão. “ Afinal, como ‘negociar’ com as instâncias hegemônicas de legitimação sem abdicar do radicalismo de sua posição de classe? ” (Racionais MC’s, 2018, p. 12). Tal obra trouxe diversas músicas que são consideradas

clássicos brasileiros pela crítica especializada. Destacamos aqui, a canção *Capítulo 4, Versículo 3* - objeto de estudo no presente texto.

O próximo álbum do grupo, *Nada como um Dia Após o Outro Dia* (2002) trouxe uma excelente sequência ao *Sobrevivendo no Inferno* (1997), atingindo a média de 88/100 no site *Album Of The Year* (AOTY) que armazena e calcula notas da crítica e do público geral. A seguir é possível ver a nota dos álbuns do grupo que estão registrados no site:

Figura 1 - Notas das críticas sobre alguns dos trabalhos dos Racionais MC's no site AOTY



Fonte: Album Of The Year, 2024.

O álbum *Nada como um Dia Após o Outro Dia* (2002) traz uma ótica mais sensível, olhando com mais atenção para a humanidade e os sentimentos de quem sofre diversas injustiças. O projeto trouxe alguns dos maiores singles do grupo, como *Vida Loka, parte 1*, *Vida Loka, parte 2*, *Nego*

Drama e Da Ponte Pra Cá. Com 21 faixas, o álbum acumula a expressiva marca de mais de 1 bilhão de *streams* na plataforma *Spotify* (dados acessados em Julho de 2024).

Outros diversos lançamentos foram realizados pelo grupo até os dias de hoje - no qual os membros mantêm o grupo em ativo junto a outros projetos pessoais paralelos. Os discos lançados após o de 2002, foram: *1000 Trutas 1000 Tretas*, de 2006, *Racionais MC's*, de 2013, *Cores & Valores*, de 2014, e *Racionais 3 Décadas*, de 2023. Todos esses projetos são importantes e relevantes no cenário musical e cultural brasileiro. Todavia, para a continuidade deste texto, focaremos especificamente na primeira década do grupo, com os lançamentos deste período.

Voltando para *Sobrevivendo no inferno*, a relevância lírica e melódica da obra foram, pouco a pouco, se expandindo em diferentes espaços sociais brasileiros, entre eles, o ambiente acadêmico. Hoje, o livro que trata sobre o álbum homônimo se tornou leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além disso, é possível encontrar inúmeras teses, artigos e análises acadêmicas sobre as obras dos Racionais MC's. Para colocar em perspectiva, o trecho a seguir retrata sua importância, comparando-o à outras obras nacionais:

Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exageros ao de outras grandes obras pertencentes aos mais diversos campos culturais,

como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Terra em transe*, de Glauber Rocha, e *Chega de saudade*, de João Gilberto. Em termos políticos, contudo, é praticamente sem paralelo. Para o ensaísta Francisco Bosco, por exemplo, o reconhecimento obtido pelo grupo após o sucesso nacional de “Diário de um detento” foi o grande responsável por fazer com que os debates promovidos pelos movimentos identitários extrapolassem as fronteiras mais estreitas da academia e dos movimentos sociais, ganhando assim o campo mais amplo da cultura (Racionais MC’s, 2010, p. 13).

Esse excerto, aliado a outros pontos importantes da carreira e da arte dos Racionais MC’s, exemplifica muito mais do que uma vivência particular ou restrita a uma região específica: torna-se um conjunto de obras universais. Além disso, a potencialização das músicas e dos visuais dos artistas geram identificação e identidade às pessoas que, muitas vezes, estavam alheias ao tema. O sujeito periférico passa, portanto, por um processo de existência dentro da resistência que já lhe é imposta desde o nascimento, podendo afirmar, com firmeza, que possui, também, cultura e potencial. Ressalta-se aqui que o grupo-tema dessa pesquisa não é o fator singular e único para o desenvolvimento de tal identidade, mas que possui um papel importantíssimo dentro desse processo.

É interessante observar a forma na qual as mensagens são passadas: apesar de atingir todos os públicos e camadas sociais, o rap (e, especialmente, os Racionais MC’s) não estão preocupados com a conscientização no sentido de mostrar a

realidade da periferia para quem é externo à ela, mas sim gerar debates dentro dos espaços periféricos. É a partir da construção melódica e lírica falando “com os seus” e “contra os de fora” que se constrói sensação de pertencimento, comunidade e união. É verdade que o rap e o hip-hop não são os únicos gêneros que conversam e trazem a realidade periférica para a grande mídia: o samba, a MPB e, mais recentemente o funk, também fazem. O excerto a seguir argumenta e justifica os fatos aqui apresentados:

A aposta dos Racionais, ao contrário, está na construção de uma identidade formada a partir da ruptura com essa tradição conciliatória, por meio da afirmação de uma comunidade negra que se desvincula do projeto de nação mestiça concebido até então (Racionais MC's, 2018, p. 16).

Outro importante papel do grupo é relacionado a cultura e a tradição negra. Em *Sobrevivendo no inferno* (2018) é possível compreender a ótica dos Racionais MC's com esse papel que é, ao mesmo tempo, imposto e abraçado por suas obras. O texto afirma que o hip-hop brasileiro se distancia dos outros gêneros ao fazer algo que foge da compreensão da miscigenação brasileira como algo poético e bonito, como muitas vezes é retratado.

[...] a identidade nacional pensada em termos de conciliação racial, via mestiçagem, e de classe, via nacional-desenvolvimentismo. É como se o gênero tomasse forma a partir dos destroços desse projeto de formação do país, comprometendo-se de modo radical com aqueles que ficaram socialmente

relegados às margens de um projeto de integração que nunca chegou a se completar (Racionais MC's, 2018, p. 16).

Olhando por tal perspectiva, a forma de consumir o rap acaba mudando - não somente para compreender esse gênero em específico, mas também (e talvez, principalmente) para consumir e enxergar outras obras sob uma perspectiva alternativa, que recapitula os caminhos pelos quais o Brasil foi construído a partir da colonização. Vale dizer que essa forma de produzir e compartilhar a música foi um dos grandes motivos pelo qual a crítica especializada, principalmente na época de lançamento, foi parcialmente relutante à compreensão do álbum - e isso reflete na atualidade, na medida de que, apenas gradualmente o álbum foi reconhecido pela sua genialidade.

Recupera-se, aqui, a obra *O Direito à Cidade*, do filósofo francês Henry Lefebvre, cuja primeira publicação é datada em 1968. É possível, nessa obra, discorrer sobre diversos pontos de atenção sobre a forma na qual as grandes cidades são construídas, ocupadas e socializadas. O autor busca entender a lógica urbana de forma sistemática, dentro do período que foi produzido. Aqui, a recuperação dessa obra serve como uma tentativa de traçar um paralelo ao tema das periferias paulistas e suas relações com o espaço urbano.

No capítulo homônimo ao livro, Lefebvre trata sobre utopias - questionando quais seriam os locais nos quais elas teriam sucesso. Além disso, a conversa ronda os projetos

urbanísticos e o papel fundamental deles para a busca da sociedade pela plenitude. Nesse sentido, o trecho abaixo nos permite interpretar ainda melhor a relação entre os Racionais MC's, a cidade e a ocupação de espaços públicos:

A sociedade em que vivemos parece voltada na direção da plenitude, ou pelo menos na direção do pleno (objetos e bens duráveis, quantidade, satisfação, racionalidade). Na verdade, permite que se cave em si mesma um vazio colossal; nesse vazio agitam-se as ideologias, espalha-se a bruma das retóricas. [...] Entre os subsistemas e as estruturas consolidadas por diversos meios (coação, terror, persuasão ideológica) existem buracos, às vezes abismos. Esses vazios não provêm do acaso. São também os lugares do possível. Contêm os elementos deste possível, elementos flutuantes ou dispersos, mas não a força capaz de os reunir. Mais ainda: as ações estruturantes e o poder do vazio social tendem a impedir a ação e a simples presença de semelhante força. As instâncias do possível só podem ser realizadas no decorrer de uma metamorfose radical (Lefebvre, 1968, p. 115).

O trecho busca compreender e estabelecer a projeção e o pensamento aos espaços não pensados pelo planejamento urbano. Quando o autor usa o termo “lugares do possível” ele fala sobre espaços que possuem potencial para o florescimento de ideias, de teorias, de cultura, de arte etc. Esse é o papel aqui colocado aos Racionais MC's: um grupo que canta da periferia, com a periferia, para a periferia e sobre a periferia. A partir de suas vivências pessoais, o grupo reflete a forma como inúmeras pessoas vivem e convivem, experimentam e experienciam, descobrem e desenvolvem. Se a arte é sempre colocada em caráter de subjetividade e sujeita à interpretação,

compreender essas músicas, letras e melodias como, também, uma forma de viver a cidade, torna possível compreender, mesmo que parcialmente, a pluralidade de histórias e processos que uma cidade abriga.

Por último, apesar de não ser o objetivo deste trabalho, é impossível falar dos Racionais MC's sem mencionar o importante papel com a população encarcerada. A revolta gerada pelos massacres realizados pelas polícias no início dos anos 1990 foi forte inspiração no desenvolvimento do disco *Sobrevivendo no inferno*. A música *Diário de um detento*, por exemplo, foi composta em parceria com Jocenir, um dos sobreviventes do massacre do Carandiru.

[...] os cadernos de Jocenir circularam pelo presídio para serem aprovados pelo coletivo carcerário antes de sua versão final. Nesse sentido, trata-se de uma canção que foi de fato composta por toda a comunidade carcerária, cujo sistema de valores é definido coletivamente a partir de múltiplos olhares que se sobrepõem na canção (Racionais MC's, 2018, p. 20).

Essa foi uma das formas encontradas de trazer para fora, a realidade dos presídios. Outras canções no álbum exercem esse papel, como é o caso de *Capítulo 4, versículo 3*. Além de transmitir tal realidade para outras pessoas, a produção de tais músicas, aliada ao impacto do grupo nas periferias, tem papel de “pastor-marginal” - termo encontrado no livro *Sobrevivendo no inferno*. Esse personagem, que toma o eu-lírico durante o álbum, tem como objetivo fazer o papel de salvador - mas por

meio dos relatos. O objetivo, ali, é muito mais do que narrar, e sim compartilhar conhecimentos e vivências.

O termo “pastor-marginal” não foi criado de forma aleatória. A influência religiosa nas periferias sempre foi forte, e ela está deveras presente nas obras dos Racionais MC’s. Além das convicções dos membros do grupo, essa também foi, com certeza, uma forma de conversar e atingir diversos grupos diferentes da periferia, já que, apesar de compartilharem muitos pontos em comum, as comunidades são heterogêneas - por diversos fatores, mas, principalmente, pelas diferentes origens. O trecho a seguir justifica tais afirmações.

Sendo conduzido por um pastor-marginal, não é de espantar que o disco assuma a forma de um culto evangélico — em diálogo com o crescimento vertiginoso das igrejas neopentecostais, que progressivamente assumiam centralidade nos processos de sociabilização das comunidades periféricas. São vários os elementos do imaginário cristão presentes no disco, a começar pela capa, que traz em seu centro uma cruz amarelada, juntamente com uma transcrição do Salmo 23 (“Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça”) — cântico de proteção entoado pelo rei Davi ao ver-se cercado por seus inimigos num oásis (Racionais MC’s, 2018, p. 24).

Não há dúvidas que o impacto e a relevância do grupo vão muito além do que foi aqui descrito. Todavia, passando pelos pontos principais, é possível compreender como o grupo surgiu, as motivações iniciais e as posteriores, como o desenvolvimento artístico. Além disso, considerando o objeto

principal deste trabalho - que é a compreensão das vivências periféricas por meio de suas obras, os pontos aqui apresentados constroem aportes e reflexões suficientes para analisar algumas músicas do grupo.

O conteúdo aqui está pautado, principalmente, nas lutas sociais - sejam elas destacadas de forma implícita ou explícita. Ressaltamos que essas são apenas interpretações, sem que haja o objetivo de estabelecê-las como algo fixo ou imutável, já que a mutabilidade da arte e de suas interpretações são alguns dos grandes motivos pelos quais ela existe.

Foram analisadas aqui duas canções: *Capítulo 4, Versículo 3* (1997) e *Da Ponte Pra Cá* (2002), com uma breve introdução contextualizando-as e, em seguida, partindo para os versos que foram selecionados para análise nesse estudo.

Capítulo 4, Versículo 3

A canção, lançada no álbum *Sobrevivendo no inferno* (1997), é uma das mais emblemáticas e mais polêmicas do grupo, tratando diretamente sobre desigualdades sociais, problemas com drogas e outros temas. Com pouco mais de 8 minutos de duração, a música apresenta o uso de diversas *samples*, sendo elas: *Sneakin' In The Back* (1974) lançada por Tom Scott & The L.A. Express, *Slippin' Into Darkness* (1971), da banda War e *Pearls* (1992), de Sade. Cabe ressaltar que a música foi o objeto de uma questão do Exame Nacional do Ensino

Médio (Enem), principal avaliação aplicada pelo Ministério da Educação (MEC), em novembro de 2024.

A canção é iniciada com uma fala do produtor cultural Primo Preto, que traz dados e informações estatísticas sobre o racismo, violência policial e outras desigualdades no Brasil. Essa introdução é importante pois define o tom político da música.

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência
policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são
negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos
são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre
violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente
(Capítulo 4, Versículo 3, 1997).

Da introdução já pulamos para o segundo verso da canção. Nele, Mano Brown e Ice Blue fazem o rap em forma de diálogo, no qual a melodia e a cadência das rimas de cada um faz o interlocutor compreender a música como uma conversa.

Colou dois mano, um acenou pra mim
De jaco de cetim, de tênis, calça jeans
Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola
Não vale a pena dar ideia nesse tipo aí
Ontem à noite eu vi na beira do asfalto
Tragando a morte, soprando a vida pro alto
Ó os cara, só o pó, pele e osso
No fundo do poço, mó flagrante no bolso
(Capítulo 4, Versículo 3, 1997).

Essas estrofes descrevem um possível traficante que, ao ver Mano Brown, tenta lhe vender drogas. O amigo, Ice Blue, todavia, repreende a atitude e pede que o outro não caia na tentação. O restante do verso aponta, com mais clareza, a problemática das drogas na cidade.

Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A, ninguém tava numa
Mó estilo de calça Calvin Klein, tênis Puma, é
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um Funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Exemplo pra nós, mó moral, mó lbope
Mas começou a colar com os branquinho do shopping
(aí já era)
Ih, mano, outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinques
Putta de boutique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
Faz uns nove anos
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no
ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as tias sentem medo
(Capítulo 4, Versículo 3, 1997).

Continuando a retratar a realidade do uso de drogas, nesse verso Mano Brown descreve um jovem negro e periférico que tinha foco e era usado como exemplo pelo grupo. A problemática do verso está na estrofe “Mas começou a colar com os branquinho do shopping” na qual nos é narrado que, por conta da companhia, o sujeito descrito na música acabou “perdendo o caminho”. A expressão “preto tipo A” denota, também, caráter de qualidade ao sujeito. Tal expressão será

recuperada em outro verso, no qual pode-se compreender melhor qual é essa posição dentro deste recorte social.

No verso abaixo, há uma tentativa de conversar com outras periferias, o eu-lírico da música menciona a Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, e a Ceilândia, em Brasília, como exemplo de outros locais periféricos do país.

Para os mano da Baixada Fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro, é foda
Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
(Capítulo 4, Versículo 3, 1997).

Ao contrapor tais locais contra a Disneylândia, nos é evidenciado um pouco mais das desigualdades vividas em outros pontos do Brasil. Novamente aqui, o termo “preto tipo A” é apresentado. Nessa situação, ao mencionar propaganda e dizer que “Não dá pra ter aquilo pra você”, uma interpretação possível é a de que, mesmo que uma pessoa negra e/ou periférica consiga atingir algum nível mais alto de status socioeconômico, nada do que é vendido e produzido é pensado para aquele perfil - trazendo reflexões sobre representatividade na mídia. Em alguns versos seguintes, inclusive, o narrador reforça o posicionamento de que sua arte não é para os outros, mas sim para os seus semelhantes, recusando estar presente nestes formatos de mídia.

Encerramos a análise de *Capítulo 4, Versículo 3* pontuando que essa canção tem caráter mais social, mas, quando consideramos a música um instrumento para o estudo da Geografia, é possível perceber nela como a desigualdade espacial afeta a forma de consumir, produzir e pensar. Ao compreender, também, a heterogeneidade do território - no caso, a cidade de São Paulo -, pode-se identificar um pouco mais dos motivos pelos quais os Racionais MC's possuem papel fundamental como referência e argumento de autoridade.

Da Ponte Pra Cá

A canção está presente no álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* lançado em 2002 pela gravadora Cosa Nostra. A canção possui 8 minutos e 47 segundos de duração e conta com uma introdução inspirada em programas de rádio. Após a introdução pelo radialista, a música de fato começa. Mano Brown, aqui, traz alguns apontamentos importantes sobre o bairro Capão Redondo: o primeiro, ao mencionar a lua como um fator que o ilumina, mas que vai muito além do tom poético, questionando a infraestrutura pública do espaço. Em seguida, nos é narrado um contexto cotidiano para os jovens da região, e o verso é finalizado com o trecho “Mesmo céu, mesmo CEP no lado sul do mapa”, que aponta a divergência entre estar na mesma cidade (“mesmo céu”) porém na região

periférica (“lado sul do mapa”), contrapondo, portanto, a origem do ritmo e sua nova abordagem.

Um triplex para a coroa é o que malandro quer
Não só desfilar de Nike no pé
Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai
Mas no rolê com nós cê não vai
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar
Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?
Se é o crime ou o creme, se não deves não teme
As perversa se ouriça, os inimigo treme
E a neblina cobre a estrada de Itapeirica
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica
(*Da Ponte Pra Cá*, 2002).

Aqui, os artistas tratam diferentes pontos das relações sociais de quem convive em uma metrópole tão desigual como a cidade de São Paulo. Primeiro, ao mencionar “triplex” e “Nike no pé”, é possível compreender o sonho do jovem periférico em ter muito mais do que lhes é ofertado nas condições impostas pela sociedade. Assim, o triplex ali não significa exatamente um grande apartamento, mas sim a busca por moradia digna e de qualidade. É possível realizar tal interpretação pois o verso descreve um diálogo com um “playboy”, criando o cenário de alguém de fora da periferia indo até lá para comprar droga (“crime ou creme”), no qual o narrador reforça o posicionamento de que não quer se misturar com os outros. O verso ainda finaliza com a descrição de uma morte na Estrada de Itapeirica, que atravessa parte do extremo sul da cidade. Em seguida, a música segue para o que pode ser considerado o refrão, no qual vozes distorcidas dizem “Não adianta querer

ser, tem que ter pra trocar; O mundo é diferente da ponte pra cá; Tem que ser, tem que pá” (Racionais MC’s, 2002), intensificando as diferentes vivências das periferias em relação à quem mora “do outro lado da ponte”.

E cada favelado é um universo em crise
Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém
Quantos caras bom, no auge se afundaram por fama
E tá tirando dez de Havaiana
E quem não quer chegar de Honda preto em banco
de couro
E ter a caminhada escrita em letras de ouro
[...]
Eu nunca tive bicicleta ou videogame
Agora eu quero o mundo igual Cidadão Kane
Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola
Minha meta é dez, nove e meio nem rola
(*Da Ponte Pra Cá*, 2002).

Acima, nas primeiras três estrofes, entende-se a vontade do sujeito periférico em ir atrás dos seus sonhos, tornando-se o protagonista da própria história. Em contraponto, por conta da baixíssima acessibilidade de boas possibilidades, a estrofe seguinte aponta os riscos que muitos destes sofrem ao ir atrás dos próprios desejos, e, em seguida, reforça novamente alguns dos sonhos - como o carro com banco de couro, que é símbolo de poder.

No verso seguinte, voltando para a realidade, como quem acorda de um sonho, o eu-lírico informa que nunca teve bicicleta e videogame, itens que muitos jovens sonham em ter. Ainda no mesmo verso, cita como objetivo se tornar o *Cidadão*

Kane - filme do diretor Orson Welles lançado em 1941 que retrata a história de um jovem pobre que acaba se tornando uma das pessoas mais ricas do mundo. Por fim, o verso se encerra com a busca por tal sonho, equiparando-o à uma nota, na qual ele não vai parar de ir atrás até atingi-la e não vai se contentar com menos.

Hey truta, eu tô louco, eu tô vendo miragem
Um Bradesco bem em frente a favela é viagem
De classe A da TAM tomando JB
Ou viajar de Blazer pró 92 DP
Viajar de GTI quebra a banca
Só não pode viajar cos mão branca
Senhor, guarda meus irmãos nesse horizonte cinzento
Nesse Capão Redondo, frio sem sentimento
Os manos é sofrido e fuma um sem dar guela
É o estilo favela e o respeito por ela
Os moleque tem instinto e ninguém amarela
Os coxinha cresce o zóio na função e gela
(*Da Ponte Pra Cá*, 2002).

Ao tratar de São Paulo e seu imenso espaço urbano, significa, também, poder contar com o pleno acesso de transportes públicos. “É aqui que os Racionais insistem: falar a verdade, mostrar o real, recolocar o conflito em primeiro plano, desmanchar consensos, apresentar o outro lado” (D'Andrea, 2013, p. 148).

Vale ressaltar que as reorganizações territoriais que ocorrem em locais de carência são frutos da organização política da população que ali vive - sejam elas acompanhadas ou não de partidos políticos. Aqui entra a teoria do "direito à cidade", de Henry Lefebvre, que, em síntese, trata do direito de

lograr dos serviços, bens e espaços que a cidade oferece, sendo essa a expressão mais clara de cidadania urbana.

Considerações finais

A intensa e rápida formação e crescimento de São Paulo acabou por transformar a cidade em um espaço desigual e conflituoso. As periferias, hoje, não correspondem somente ao que era definido como um ambiente afastado do centro - e sim como locais marginalizados em diferentes pontos da cidade. Durante as últimas quatro décadas, a produção desses espaços construiu novas e pequenas centralidades, com comércios como mercadinhos e bares, além de locais de serviço como pequenas lojas e salões de beleza, e espaços para cultos religiosos, principalmente aos entornos dos pontos de acesso, como pontos de ônibus ou estações de metrô (Alves, 2015). Dessa maneira, as dinâmicas de ocupação da cidade passam a ser definidas por conta de demandas de trabalho, e os principais centros tornam-se, cada vez mais, locais de movimentação econômica, enquanto as regiões periféricas desenvolvem suas próprias práticas sociais, culturais e econômicas em diferentes graus - ainda que haja, em diferentes instâncias, a dependência de outros centros, como é comum em qualquer grande cidade. Percebe-se, também, a integração de periferias de diferentes regiões, que consomem

a arte e a cultura umas das outras, por questões de identificação e compartilhamento de ideias.

O entendimento da dinâmica periférica pela ótica histórico-geográfica auxilia no uso da música como instrumento de estudo para a compreensão do uso desses espaços por parte de quem ali vive. Dessa maneira, pode-se afirmar que as canções dos Racionais MC's possuem papel fundamental na representação do sujeito periférico em diferentes esferas. A influência em caráter nacional das obras do grupo nos ajuda a entender parte da formação identitária brasileira a partir de seus recortes e interpretações, valorizando produções alternativas e que conversem com pessoas de diferentes regiões. Canções como *Capítulo 4*, *Versículo 3* e *Da Ponte Pra Cá* expressam processos extremamente importantes, como o problema das drogas, a violência policial e a situação carcerária do país, todos eles perpassados pelo racismo estrutural.

A música também exerce o papel de transformadora social: a partir das letras e dos relatos trazidos, quem é de fora pode compreender a realidade periférica, mas quem ali habita, se inspira e se revolta com frequência das vivências do “pesadelo periférico” (Racionais MC's, 2018). Essas passagens mostram como a relação do sujeito com o espaço influenciam a sua forma de produzir e pensar, e vice-versa.

Nas músicas analisadas, assim como em toda a discografia do grupo, pode-se compreender o porquê de as mensagens serem produzidas daquela forma: o objetivo é que o interlocutor se sinta representado e ouvido. Assim, quando retomamos o posicionamento do grupo em produzir suas obras para atingir os seus semelhantes, entendemos a relevância e a importância de enxergar quem está fora das mídias tradicionais. Nas periferias também são produzidas artes, reflexões e cultura, e os Racionais MC's são prova disso.

Assim, pode-se concluir que a música é um instrumento para o estudo das lutas sociais e que pode ser interpretada como um mecanismo para compreender o desenvolvimento espacial/territorial. Nesse sentido, expandem-se as possibilidades de estudar locais e espaços que, apesar de terem ganhado significativa atenção nos últimos tempos, nem sempre são observados pelas mídias e pela academia com a valorização¹⁷⁴ que merecem.

Logo, quando voltamos ao tema desta pesquisa, essa análise compreende, dentro da subjetividade das letras e melodias, que o Capão Redondo conversa com o restante do espaço urbano de maneira universal, na medida que, ao compartilhar as experiências vividas nesse bairro e em seus adjacentes, pessoas das periferias de outras partes da cidade e do país também se sentem vistas e representadas.

Referências

ALVES, Glória. Transformações e Resistências nos Centros Urbanos. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Crise urbana*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 143-153.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2013.

FERRÉZ, Reginaldo Ferreira da Silva. *Capão Pecado*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2000.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Centauro, 2011.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 17, n. 978, 2012. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>. Acesso em: 10 nov. 2024.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RACIONAIS MC'S. *Capítulo 4, Versículo 3*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6Wt61AZLG0bN2KasopE2sj?si=80ccbe32854b403b>. Acesso em: 17 jun. 2024.

RACIONAIS MC'S. *Da Ponte Pra Cá*. São Paulo: Zimbabwe Records, 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl->

pt/track/77ZXEJcwC7r4gfodNwERJz?si=47a8edf8458e40ef.
Acesso em: 17 jun. 2024.

RINALDI, Matt. *Nada como um dia após o outro dia* review.
Blog All Music. Disponível em:
<https://www.allmusic.com/album/nada-como-um-dia-apos-o-outro-dia-mw000051662>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ROCHA, Eduardo Cardoso. *Hip-hop & Sarau: O Capão Redondo como centro da luta cultural*. Grupo de Pesquisa Corpo e Política, 2012. Disponível em:
https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/rocha_e_-_hip-hop_sarau.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

Capítulo 6

Kafka no mundo digital: marcas de intertextualidade entre suas obras e o jogo eletrônico Metamorphosis

João Pereira da Silva Filho ²⁷

Vinícius Carvalho Pereira ²⁸

INTRODUÇÃO

A literatura clássica é parte integrante das produções contemporâneas. Grandes obras desempenham um papel importante como inspiração de diversas obras atuais e exercem influência sobre meios artísticos, incluindo livros, filmes, séries de TV, bem como jogos eletrônicos. A narrativa atemporal, as questões fundamentais da condição humana e os temas universais apresentados em obras canônicas, que continuam relevantes ao longo do tempo, oferecem um terreno fértil e, muitas vezes, lucrativo para que os criadores contemporâneos as explorem, adaptem e reinterpretem. Essa ligação entre o antigo e o moderno contribui para a criação de obras que conectam gerações, mantém o cânone vivo,

²⁷

²⁸

enriquecem as expressões artísticas contemporâneas e contribuem para a massificação das obras clássicas.

Similar ao que o estudioso Omar Rincón teoriza sobre as características do termo *Cooltura*, que é uma forma de entretenimento voltada à diversão, à conexão, ao fluxo e ao espalhamento dessa cultura em larga escala, em sua obra, *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*, Néstor Canclini, além de abordar a cultura massiva, também versa sobre culturas eruditas e populares. A cultura erudita é formada por expressões artísticas difundidas em instituições e espaços de elite social. É um produto cultural de longa tradição histórica e comumente associado às artes clássicas, à música clássica e à literatura canônica. De maneira geral, são expressões artísticas consideradas de alto prestígio.

Por sua vez, a cultura popular abarca manifestações folclóricas, festividades tradicionais, músicas populares, danças de rua e outras formas de expressões artísticas que emergem da vida cotidiana nas comunidades. Essa cultura se caracteriza por manifestações espontâneas e informais. Ela não é necessariamente ligada a demandas comerciais. Por outro lado, a cultura massiva está, por muitas vezes, intimamente ligada aos interesses do mercado. Televisão, cinema, música comercial e a indústria do entretenimento em geral são exemplos de expressões artísticas da cultura ou *cooltura*, se preferir, de massa. Um ponto interessante a se destacar é que

por conta de a cultura massiva buscar atingir um público o mais amplo possível, não é incomum a incorporação de elementos da cultura erudita e da cultura popular em busca de uma maior propagação nas mais diversas camadas sociais. Sobre isso, Canclini exemplifica:

Hoje há uma visão mais complexa da relação entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos. Mais livros e edições maiores são publicados do que em qualquer outro momento. Há obras eruditas e ao mesmo tempo massivas, como *O Nome da Rosa*, tema de debates hermenêuticos em simpósios e também best-seller: havia vendido no final de 1986, antes do lançamento do filme rodado sobre aquele romance, cinco milhões de cópias em vinte e cinco idiomas. (Canclini, 1990, p. 17, tradução nossa)

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os jogos eletrônicos, por muitas vezes, navegam nessa zona fronteira entre a cultura erudita e a cultura massiva. Embora sejam massivamente produzidos e comercializados pela indústria, os videogames são complexos e desafiam simplesmente serem classificados como um produto massivo. Frequentemente incorporam elementos narrativos elaborados, enredos complexos e mecânicas muito sofisticadas, fatores que podem ser, em alguma medida, equiparados à produção cultural erudita. Fazer uso do cânone como fonte para criação de jogos

também é uma forma de exemplificar essa mistura cultural, como é o caso dos objetos de estudo deste artigo.

Por sua vez, a intertextualidade, que é a maneira como uma obra se relaciona e dialoga com outras obras pré-existentes, pode ocorrer de diversas formas, conforme explica Gérard Genette:

Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio (em Lautréaumont, por exemplo), que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete (Genette, 2010, p. 14).

Paródias, referências, temas, personagens e estrutura narrativa similares também são consideradas características da intertextualidade. Há, ainda, a possibilidade de intertextualidade entre diferentes mídias. Os jogos eletrônicos, por exemplo, revelam maneiras fascinantes de estabelecer relação entre esses dois meios (os livros e os jogos) aparentemente distintos. Os videogames, de forma cada vez mais frequente, incorporam elementos de narrativas clássicas, seja através de adaptações diretas ou de referências mais sutis que enriquecem a experiência dos jogadores. Personagens icônicos, enredos e dilemas morais explorados em obras

literárias encontram eco em muitos jogos da atualidade. Além disso, essa forma de adaptação proporciona aos jogadores a oportunidade de explorar o universo literário de forma interativa e, em alguma medida, vivenciar histórias clássicas ao comandar os personagens jogáveis, pois, conforme afirma Linda Hutcheon, “quando jogamos adaptações de filmes [livros] para o videogame, nós na realidade ‘nos tornamos’ um dos personagens e agimos em seu mundo ficcional” (Hutcheon, 2013, p. 34). Essa abordagem expande o alcance das histórias clássicas e introduz esses conceitos a um público mais amplo, muitas vezes mais familiarizado com o mundo dos jogos eletrônicos do que com a leitura. Obviamente, há também um fator de apelo financeiro envolvido com essas produções, conforme pontua Hutcheon:

O fenômeno recente dos filmes “musicalizados” para o palco tem motivação obviamente econômica. (...) Tal como sequências e prequelas, DVDs, “versões do diretor” e spin-offs, as adaptações para videogame baseadas em filmes [e livros] são ainda uma outra maneira de tomar a “propriedade” de uma “franquia” e reutilizá-la em outra mídia. (...) As multinacionais que hoje têm estúdios cinematográficos já possuem os direitos para histórias em outras mídias, para que dessa forma possam reciclá-las para os videogames, por exemplo.” (Hutcheon, 2013, p. 26).

No entanto, podemos ver as adaptações também por outra ótica. Essas reinterpretações podem ser feitas visando

contestar valores, subverter elementos das obras originais para refletir mudanças na sociedade, oferecer novas perspectivas das obras originais ou para superar limitações de mídia e atualizar a história para um novo público. Há uma ampla gama de razões para escolher uma história e transcodiá-la para uma mídia ou gênero específico. A vontade de contestar valores estéticos e políticos do texto adaptado é tão comum quanto o de prestar homenagem (Hutcheon, 2011, p. 28). O sucesso de uma adaptação, por muitas vezes, é medido pela sua capacidade de equilibrar esses elementos, respeitando a obra original enquanto oferece algo novo e significativo para a audiência contemporânea. Em contrapartida, vale ressaltar que o *valor* de uma adaptação, no fim, de acordo com Hutcheon, está contido nela mesma:

(...) vista a partir da perspectiva do seu processo de recepção, a adaptação é uma forma de intertextualidade; nós experienciamos as adaptações (enquanto adaptações) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação. Em resumo, a adaptação pode ser descrita do seguinte modo: (...) um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada. Assim, a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica (Hutcheon, 2013, p. 30)

Genette, ao discorrer sobre a relação entre o hipotexto e o hipertexto, corrobora com Hutcheon ao afirmar que “o prazer

do hipertexto é também um jogo. A porosidade das divisões entre os regimes deve-se, sobretudo, à força de contágio, neste aspecto da produção literária, (...) e esta contaminação constitui uma grande parte de seu valor” (Genette, 2010, p.145).

Dentro do campo das adaptações dos clássicos para jogos eletrônicos, A Ovid Works, empresa produtora de jogos *indies*²⁹ da cidade de Varsóvia, Polônia, se aventurou a produzir um jogo baseado na obra canônica de Kafka, *A Metamorfose*. A produtora classifica o jogo como quebra-cabeças de plataforma³⁰ em primeira pessoa³¹. A obra digital, lançada em agosto de 2020, está disponível em todas as plataformas modernas de distribuição de jogos eletrônicos: Nintendo Switch, Playstation 5, Xbox One S/X e Windows 10/11. Nessas plataformas, o título do jogo é listado exclusivamente com seu nome em inglês *Metamorphosis*.

A versão usada neste artigo é a que está disponível na Steam³² para Windows 11. Na Steam, os jogadores atribuíram ao jogo os marcadores de aventura, boa trama, quebra-cabeças e

²⁹ Jogos indie ou independentes “são aqueles produzidos fora da estrutura da indústria dominante de videogames, embora possam eventualmente encontrar formas mais tradicionais de publicação” (Pearce, 2014, p. 273, tradução nossa).

³⁰ Jogo de plataforma é um subgênero dos jogos eletrônicos de ação conhecido também como jump ‘n’ run (pule e corra), em que o objetivo principal do jogador é mover um personagem jogável entre diferentes pontos do ambiente.

³¹ Jogo em primeira pessoa é uma classificação referente à câmera do jogo (posicionada na perspectiva de visão do jogador). Normalmente são jogos baseados em avatares, nos quais a tela exibe o que o avatar do jogador veria com seus próprios olhos.

³² Steam é a maior loja virtual de jogos eletrônicos nos dias atuais.

sombrio. Até novembro de 2023, a obra acumula 369 análises feitas por usuários, das quais 84% são positivas, conforme aponta o portal Steam Database. De acordo com o site How Long to Beat, o tempo médio para se completar a história principal desse jogo é de 2 horas e 45 minutos.

Na renomada obra de Kafka, reconhecida mundialmente, temas como alienação, solidão, desolação, abandono da racionalidade e incomunicabilidade humana permeiam as páginas do livro. No que se refere à sua transposição para o meio eletrônico, observamos que alguns desses temas reverberam de maneira marcante no contexto do jogo digital. Na próxima seção, veremos como a intertextualidade está marcada entre o jogo da Ovid Games e o texto-fonte escrito por Kafka.

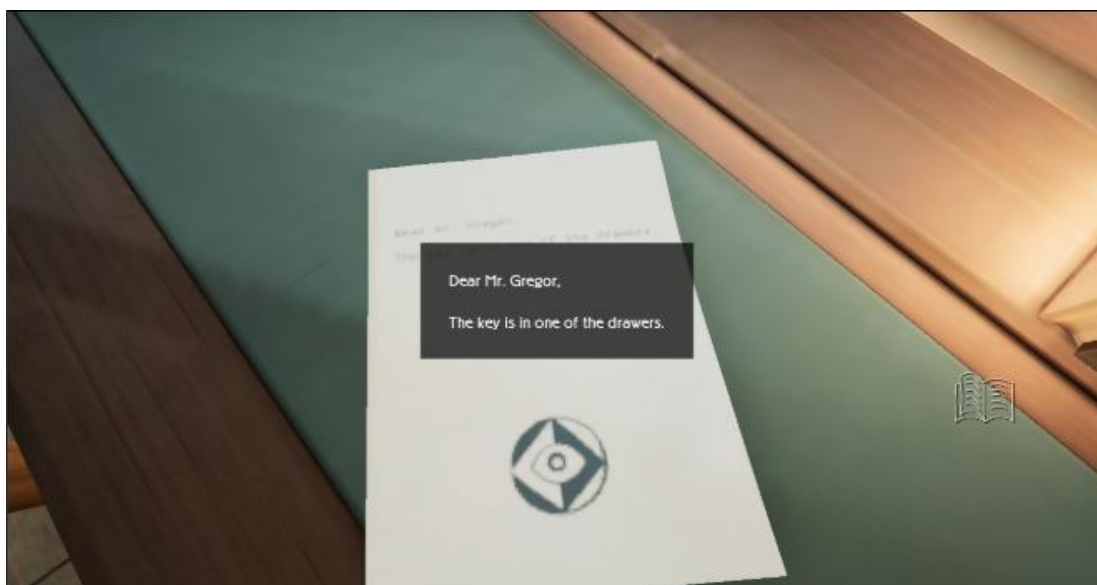
2. AS OBRAS DE KAFKA PRESENTES NO JOGO METAMORPHOSIS

Para fazermos esse paralelo entre o jogo e a obra escrita que são os objetos desta análise, faremos uso das duas primeiras partes da versão digital de *A Metamorfose: Preface* (Prefácio) e *Joseph's Room* (Quarto do Joseph).

Ao iniciar o jogo, através de uma visão em primeira pessoa, podemos ver o teto de um cômodo e uma pintura pendurada na parede ao lado direito da tela. O personagem

principal se levanta da cama e questiona “Onde estou? O que são essas pinturas?”, então, o personagem anuncia que estava, na noite anterior, na comemoração do seu amigo chamado Joseph e que aquele havia dormido na casa do amigo após beber demais.

Figura 1 - Captura tela de cena em que o nome do personagem principal é revelado



Fonte: Metamorphosis, 2020.

Pouco depois, o personagem jogável encontra um recado sobre um móvel e descobrimos que o seu nome é Gregor (Figura 1)³³. O recado, em um papel timbrado com uma logomarca, porém, sem assinatura, está sobre a penteadeira e informa que o quarto está trancado e que a chave está em uma

³³ “Caro Sr. Gregor, a chave está em uma das gavetas.” (Metamorphosis, tradução nossa)

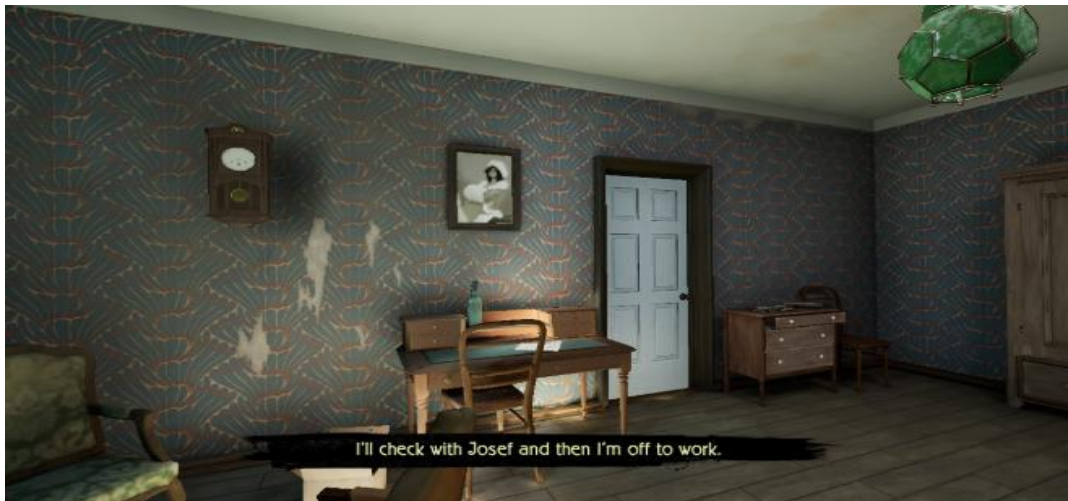
das gavetas do móvel. Após uma breve busca, localizamos a chave e temos acesso à primeira versão do corredor da casa do amigo Joseph.

Neste curto trecho de *gameplay*³⁴, já temos as primeiras marcas de intertextualidade do jogo com as obras de Kafka. Ambos os personagens apresentados até o momento possuem nomes de personagens das obras kafkianas. Por conta do título do jogo, *Metamorphosis*, como esperado, o personagem jogável é Gregor, protagonista do livro *A Metamorfose*.

Além de Gregor, o enredo apresenta um segundo personagem chamado Joseph, nome do protagonista da obra *O processo*, também de Franz Kafka. Essa mescla de personagens de obras diferentes em um novo universo é um recurso conhecido como *crossover*. O termo "crossover" é geralmente utilizado para descrever a fusão ou combinação de elementos de diferentes obras, universos ou personagens em uma única narrativa. Essa prática é comum em várias formas de mídia, incluindo televisão, cinema, quadrinhos, videogames e literatura.

³⁴ "O conceito de *gameplay* é amplamente usado nos estudos, desenvolvimento e cultura de jogos para descrever "(...) como se joga um jogo: como o jogador interage com as regras e experiencia a totalidade dos desafios e escolhas que o jogo oferece" (Jesper., 2014, p. 216, tradução nossa).

Figura 2 - Captura de tela com declaração de preocupação de Gregor



Fonte: Metamorphosis, 2020

Ainda no quarto de Joseph, sem prestar atenção em si, Gregor manifesta sua preocupação com o trabalho. Ele diz, “Vou encontrar o Joseph e, então, vou trabalhar” (Figura 2 - tradução nossa). Essa marca de ansiedade e alienação pelo trabalho é um tema central da obra de Kafka. Há aqui uma diferença entre o jogo e o livro, Gregor não percebe sua transformação desde que desperta. No entanto, do mesmo modo que na obra original, sua preocupação inicial é em se apresentar em sua função laboral, independentemente de seu estado físico ou mental.

Figura 3 - Captura de tela com imagem da primeira figura insetóide do jogo



Fonte: Metamorphosis, 2020.

O gameplay segue e Gregor tem acesso ao corredor da casa. O protagonista comenta que já esteve muitas vezes na casa de Joseph, mas não se lembrava daquele corredor, por outro lado, as inúmeras fotografias emolduradas e penduradas ao longo das paredes do sinuoso corredor lhe parece familiar. É nessa área que temos nosso primeiro contato com uma figura insetoide. Ao observar as fotos na parede, Gregor, diferentemente da obra escrita, revela que tem amigos e, pelo que se observa nos retratos, costumavam fazer diversos passeios juntos. Seguindo com sua caminhada pelo corredor, em dado momento, Gregor se depara com uma foto em que um dos amigos está transformado em inseto (Figura 3)³⁵. No

³⁵ A legenda na figura diz: "Éramos tão jovens naquele tempo..." (Metamorphosis, tradução nossa). Não há narração nessa cena. Aqui, temos acesso ao pensamento de Gregor por meio da legenda.

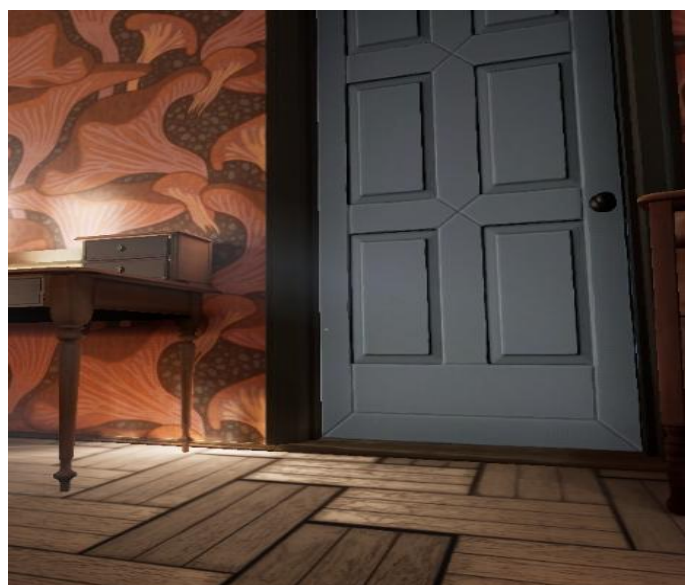
entanto, isso não é matéria de espanto ou de questionamento do personagem, que segue seu caminho em busca da saída da casa de Joseph.

Figura 4 - Segunda versão do quarto de Joseph.



Fonte: Metamorphosis, 2020.

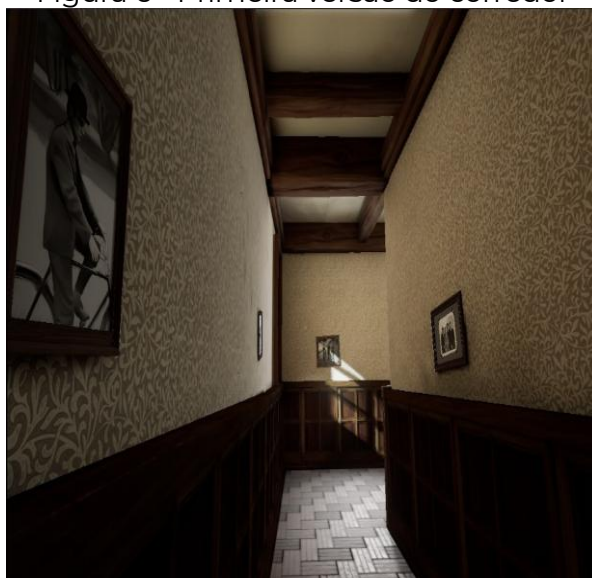
Figura 5 - Escala de tamanho dos cômodos.



Fonte: Metamorphosis, 2020

Ao final do corredor, Gregor passa por uma porta e entra no que parece ser novamente o quarto de Joseph. Porém, a escala de tamanho do cômodo e dos móveis está completamente diferente da versão anterior do quarto. Agora, após descer por uma pilha de livros, notamos que a visão da câmera em primeira pessoa está bem mais próxima ao solo e, inclusive, podemos nos mover por baixo dos móveis que compõem o quarto de Joseph (Figura 5). Gregor percebe a diferença entre os espaços e declara que o quarto é “bizarro” (Figura 4). O novo desafio é escalar os móveis, saltando de plataforma em plataforma, para acessar novamente o corredor da casa. Antes de solucionar esse quebra-cabeça, Gregor novamente se mostra preocupado com o trabalho e afirma: “*If I don’t go out soon, I’ll be late for work.*”³⁶

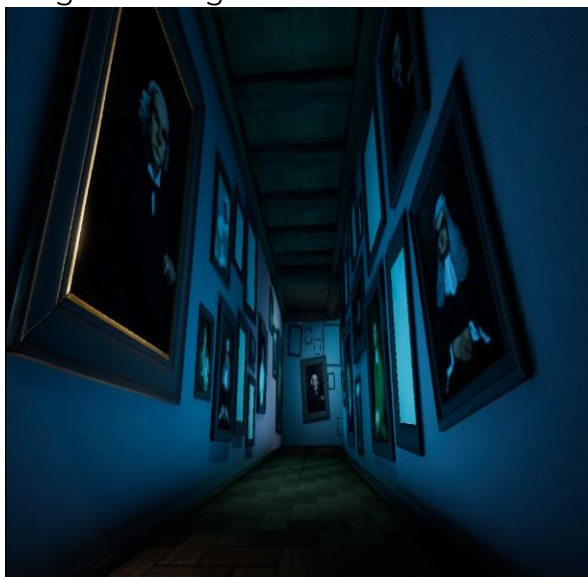
Figura 6 - Primeira versão do corredor



Fonte: Metamorphosis, 2020

³⁶ “Se eu não sair logo, vou me atrasar para o trabalho” (Metamorphosis, tradução nossa)

Figura 7 - Segunda versão do corredor



Fonte: Metamorphosis, 2020.

Vencida essa etapa, entramos na segunda versão do corredor. Diferente da primeira passagem por esse trecho, dessa vez, o local está muito mais sombrio, com quadros pendurados de formas irregulares e repletos de pessoas que vão se transformando em insetos conforme o personagem avança pelo local. A sonorização, antes ambiente, assume um tom sinistro e misterioso. Assim como antes, as formas animais presentes nos retratos não são estranhadas por Gregor. A intertextualidade se faz presente mais uma vez ao apresentar um espaço depreciado e desolado. Fortes características das obras kafkianas. Ao chegar no final do corredor, Gregor percebe que, de alguma maneira, saiu do corredor e está passando por um duto de ventilação, ele se questiona como ele coube naquele espaço e, finalmente, nota sua transformação em inseto e declara: *“These aren’t the legs*

*I'm used to! I know this sounds ludicrous... but can it be... that I'm... a bug?!*³⁷ (Figura 8). Nesse ponto o som dos passos de Gregor muda para um barulhinho agudo e apressado, bem como a voz do personagem torna-se mais gutural e quase ininteligível em algumas sentenças. Há uma forte ligação entre o jogo eletrônico e o livro nessa passagem. A dificuldade ou incapacidade de comunicação de Gregor é uma condição marcante na personagem ao longo de toda a obra escrita.

Figura 8 - Captura de tela em que Gregor nota sua transformação.



Fonte: Metamorphosis, 2020.

A partir dessa parte, podemos ver na tela duas patinhas de inseto que passam a guiar a movimentação de Gregor pelo

³⁷ "Essas não são as pernas com as quais estou acostumado! Eu sei que isso parece ridículo... mas pode ser... que eu sou... um inseto?!" (Metamorphosis, tradução nossa)

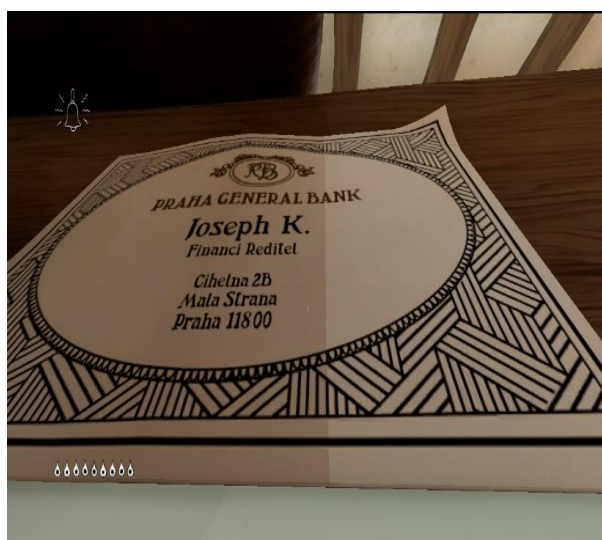
ambiente, sinalizando ao jogador que a transformação do personagem jogável, de fato, havia se concretizado (Figura 9). Assim, ao passarmos pelo duto de ar, entramos uma última vez no quarto de Joseph. Durante um desafio de quebra-cabeça, exploramos a gaveta da cômoda do amigo e podemos confirmar sua identidade através de um cartão de visitas deixado no móvel (Figura 10).

Figura 9 - Captura Gregor metamorfoseado em inseto



Fonte: Metamorphosis, 2020.

Figura 10 - Captura com cartão de visitas de Joseph K.



Fonte: Metamorphosis, 2020.

O cartão apresenta o nome e o local de trabalho do personagem: Joseph K., e o local de trabalho é o Phara General Bank, referência ao mesmo nome, sobrenome e profissão do protagonista de *O processo*. Após superar outros desafios impostos pelo jogo, Gregor se depara com um inseto que, assim como ele, se comunica por meio de idioma humano com certa dificuldade. Esse novo personagem orienta Gregor a encontrar um local conhecido por “A Torre”.

Em relação a essa nova localização, supomos que A Torre, de alguma maneira, faz referência a fortificação presente no livro *O Castelo*, de Kafka. A confirmação dessa desconfiança será tema de pesquisa dos próximos capítulos da obra digital. Por fim, após conversar com a figura animalesca, Gregor parte para uma nova área do jogo e o capítulo “O quarto de Joseph” se encerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo eletrônico de plataformas e quebra-cabeças em primeira pessoa da Ovid Games, apesar de carregar o nome de *Metamorphosis*, se mostra arrojado ao realizar um *crossover* de *A Metamorfose* com a obra *O Processo*, título que, assim como o primeiro, faz parte do legado canônico deixado por Kafka. A distribuidora opta por realizar diversas modificações e arranjos ao longo desse trecho inicial do enredo, característica que pode ser vista como algo negativo aos olhos dos leitores/jogadores mais conservadores e já conhecedores das obras de Kafka.

Assim, ao notarmos as diferenças entre o texto-fonte e a obra adaptada, podemos ser levados a pensar que a falta de fidelidade ao material fonte, em alguma medida, degrada a qualidade da primeira obra. Contudo, vale ressaltar a afirmação de Hutcheon:

Há várias lições compartilhadas entre a teoria da intertextualidade de Kristeva, a desconstrução de Derrida, a rejeição de Foucault à ideia de uma subjetividade unificada e as abordagens radicalmente igualitárias (em todas as mídias) tanto da narratologia quanto dos estudos culturais. Uma dessas lições nos diz que ser um segundo não significa ser secundário ou inferior; da mesma forma, ser o primeiro não quer dizer ser originário ou autorizado. Contudo, (...) as opiniões depreciativas sobre a adaptação como um modo secundário - tardio e, portanto, derivativo - persistem.

Retomando o que foi mencionado, as adaptações de obras canônicas desempenham um importante papel na preservação e renovação cultural e literária ao longo do tempo. Essas obras clássicas muitas vezes abordam temas universais e atemporais, e suas adaptações proporcionam às gerações contemporâneas uma nova maneira de se conectar com essas histórias. A intertextualidade também desempenha um papel fundamental tanto em obras escritas quanto em jogos eletrônicos, tecendo uma teia de referências e conexões que enriquecem a experiência do público.

Nas obras canônicas, a intertextualidade permite que autores dialoguem com textos anteriores, construindo camadas de significado e oferecendo novas perspectivas sobre os diversos temas tratados em seus enredos. Ao incorporar elementos de outras obras, essas criações se tornam parte de uma tradição literária em constante diálogo consigo mesma e com o público consumidor. Da mesma forma, nos jogos eletrônicos, a intertextualidade se manifesta na incorporação de elementos narrativos, visuais e sonoros de outras mídias, criando um ambiente imersivo que ressoa com referências culturais e artísticas.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Ed. Grijalbo, 1990.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Cibele Braga et. al. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HOW LONG TO BEAT *Metamorphosis*. 2020. Disponível em <https://howlongtobeat.com/game/81788>. Acesso em 29 nov. 2023.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: Ed UFSC, 2011.

JESPER, Juul. Gameplay. In: RYAN, Marie-Laure; EMERSON, Lori; ROBERTSON, Benjamin J. *The Johns Hopkins Guide to Digital Media*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014.

KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

KAFKA, Franz. *The metamorphosis*. Tradução David Wyllie. Uxbridge: Benediction Classics, 2011.

RINCÓN, Omar. *Aula na disciplina Fronteiras Interdisciplinares*. ECCO, UFMT. Disponível em: <https://drive.google.com/file/>.

STEAM. *Steam Database*. 2023. Disponível em <https://steamdb.info/>.

Sobre os Organizadores

Denise Rosana Silva Moraes

Doutora pela Universidade Estadual de Maringá -UEM (2013). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- campus de Foz do Iguaçu/PR. (2014-2018). Atualmente é professora Sênior do Programa. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas de Avaliação, Mídias e Formação de Professores (PAMFOR) cadastrado no CNPq. Pesquisa Mídia e Formação de Professores e Professoras. Universidade e Escola. E-mail denisepedagoga@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214>.

Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina - PROLAM/USP. Mestre em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. Jornalista, formada pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. Bacharel em Administração e em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Senac SP. Pós-doutorados: 1) FEA-USP, Departamento de Administração (2015-2017). 2) FEA-USP,

Departamento de Economia (2019-2022). Na USP: Professora e orientadora de Mestrado e Doutorado - Prolam-USP, desde jan.2021. Pesquisadora no CORS - Center for Organization Studies e no NESPI - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Política Internacional, Estudos Internacionais e Políticas Comparadas, ambos da FEA-USP. Pesquisadora no GP--CNPq Psicologia, Sociedade e Educação na América Latina, do Instituto de Psicologia-USP e no CRIACOMC (ECA-USP); Pesquisadora na Cátedra José Bonifácio - IR-USP. Presidente adjunta para o Brasil e Chefe de Relações Internacionais do Centro Latinoamericano de Estudios en Epistemología Pedagógica. Avaliadora ad hoc de cursos - Basis – INEP-MEC. Avaliadora de premiações na área pública. Na Área Acadêmica, desde 1998 desenvolve projetos de Credenciamento Internacional, Auto Avaliação Institucional, Implantação de Sistemas Educacionais, Assessoria Acadêmica - Apoio à Pesquisa. E-mail: ritalimadecastro@usp.br; ritalimadecastro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0137-6005>

Júlio César Suzuki

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, graduação em Química pelo Instituto Federal de São Paulo, mestrado e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e Livre-Docência em Fundamentos

Políticos, Sociais e Econômicos da Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente, é Professor Associado da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Integração da América Latina (PROLAM/USP), onde também atua como vice-coordenador. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Agricultura, Urbanização, Geografia e Literatura e Teoria e Método. E-mail: jcsuzuki@usp.br ORCID [https:// orcid.org/0000-0001-7499-3242](https://orcid.org/0000-0001-7499-3242)

Benedito Dielcio Moreira

Pesquisador Associado, professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação (USP) e Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha. É líder do Grupo de pesquisa Multimundos (Multimundos.org). Temas de interesse: ensaios audiovisuais, cultura científica e educomunicação. E-mail: dielcio.moreira@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9947-5353>

Sobre os Autores

Antônio Rediver Guizzo

Doutor em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2014). Professor Adjunto da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foi coordenador do PPGLC-UNILA – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada de 2016 a 2020 e atualmente é Professor do programa. Foi Coordenador-geral da EDUNILA – Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana de 2021 a 2022. Líder do grupo de pesquisa ILA – Imaginários Latino-Americanos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq - PQ-2. E-mail: antonio.guizzo@unila.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6583-8205>

Benedito Dielcio Moreira

Pesquisador Associado, professor do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências da Comunicação (USP) e Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha. É líder do Grupo de pesquisa Multimundos (Multimundos.org). Temas de interesse: ensaios audiovisuais, cultura científica e educomunicação. E-mail: dielcio.moreira@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9947-5353>

Caetano Rodrigues Miranda

Possui graduação em Bacharelado em Física Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1996), mestrado em Física pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e Doutorado em Ciências também pela Universidade Estadual de Campinas (2003) com sanduiche na University of Cambridge (Reino Unido). Foi Pesquisador Associado no The Abdus Salam International Centre of Theoretical Physics (ICTP) em Trieste - Italia (2003-2005) e realizou o Pos-Doutoramento no Department of Materials Science and Engineering no Massachusetts Institute of Technology (MIT) entre 2005 e 2007. Foi Professor Assistente na Kyoto University (Japao) entre 2007 e 2009 e Professor Adjunto da Universidade Federal do ABC entre 2009 e 2015. Atualmente é Professor Doutor no Departamento de Física dos Materiais e Mecânica do Instituto de Física da Universidade de São Paulo. Bolsa Produtividade em Pesquisa - PQ 1C - crmiranda@usp.br

Denise Rosana Silva Moraes

Doutora pela Universidade Estadual de Maringá -UEM (2013). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- campus de Foz do Iguaçu/PR. (2014-2018). Atualmente é professora Sênior do Programa.

Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas de Avaliação, Mídias e Formação de Professores (PAMFOR) cadastrado no CNPq. Pesquisa Mídia e Formação de Professores e Professoras. Universidade e Escola. E-mail denisepedagoga@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214>.

Dindara S. Galvão

Mestranda do Programa Interunidades de Ensino em Ciências (PIEC-USP). A elaboração da disciplina foi realizada enquanto ela ainda era graduanda junto ao Programa Unificado de Bolsas, que promove projetos relacionados à cultura e extensão - dindara.galvao@usp.br

Dorival Bonfá Neto

Doutor em Geografia pela Universidad Nacional de Colombia (UNAL, 2024) e em Ciências (Sociedade, Estado, Economia e Ambiente) pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP, 2023). Geógrafo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP, 2017) e licenciado em Geografia pela mesma faculdade (FFLCH/USP, 2018). Professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), na área de Políticas Públicas, Planejamento e Desenvolvimento Regional. Experiência acadêmica nas áreas de Geografia Humana,

Geografia Ambiental, Políticas Públicas e Ecologia Política. Experiência profissional em ensino e educação, atuando desde 2015 na Educação Básica como professor e na gestão pedagógica. Membro pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre Espaço, Política e Emancipação Social (NEPES), da Universidade Federal do Oeste do Pará e do grupo de pesquisa Território, desenvolvimento e agricultura, da Universidade de São Paulo. E-mail: bonfaneto@hotmail.com

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Professor Titular da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA, lotado no Departamento de Ciência e Tecnologia, Centro Multidisciplinar de Caraúbas, Campus UFRSA, Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMT. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/IL- UFMT. Pesquisador Membro do Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania NIEVCi/UFMT. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000). Coordenador do Comitê de Pesquisa Sociologia do Esporte da Sociedade Brasileira de Sociologia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade

(GEPECS) CNPq/UFMT. Tem experiências em atividades de ensino, pesquisa e extensão na área da Sociologia do Esporte, Sociologia da Violência e Sociologia da Educação. Leciona Sociologia no Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da UFRSA, Campus Caraúbas. Lecionada Teoria Social Clássica e Sociologia do Esporte no PPG Sociologia UFMT. Tem experiência na área de Teoria Sociológica Clássica e Contemporânea, Sociologia Urbana, Sociologia da Educação, Sociologia das Organizações, Sociologia do Esporte, Sociologia do Trabalho, Sociologia da Comunicação.
francisco.rodrigues@ufrsa.edu.br

João Pereira da Silva Filho

Graduado no curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na mesma instituição. Já trabalhou com ensino de língua inglesa no programa Inglês sem Fronteiras do Governo Federal pela UFMT e no programa de Formação Inicial e Continuada (FIC) no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) - campus Sorriso. Atualmente, membro do corpo docente no IFMT campus Cuiabá, ministra aulas de Língua Estrangeira na educação básica e superior, faz parte da equipe de apoio da Diretoria de

Relações Internacionais e coordena a área de Códigos e Linguagens no mesmo campus.

Juliana Michaela Leite Vieira

Jornalista do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO/UFMT), membro do Grupo de Pesquisa Multimundos da UFMT e da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade, parceria entre a USP e o jornal "Folha de S.Paulo". E-mail: julianamichaela.ecco@gmail.com

Júlio César Suzuki

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, graduação em Química pelo Instituto Federal de São Paulo, mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo, doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e Livre-Docência, em Fundamentos Políticos, Sociais e Econômicos da Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente, é Professor Associado da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em

Integração da América Latina (PROLAM/USP), onde também atua como vice-coordenador. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Agricultura, Urbanização, Geografia e Literatura e Teoria e Método. E-mail: jcsuzuki@usp.br ORCID [https:// orcid.org/0000-0001-7499-3242](https://orcid.org/0000-0001-7499-3242)

Marcos Leite Martins Junior

Possui graduação em Geografia pela Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. e-mail: marcosjr@usp.br

Maíra Soalheiro Grade

Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2009), Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2019) e Doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atualmente é analista judiciária junto ao Tribunal de Justiça do Paraná. Tem experiência na área de Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, mulher, poder, gênero e direito. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7341-0436>. E-mail: maasolheiro@hotmail.com

Pedro Henrik Ferreira Lopes

Professor de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Várzea Grande, estudou na rede pública estadual durante o ensino fundamental e no Instituto Federal de Mato Grosso no ensino médio, (IFMT, 2010) e graduou-se em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda no Centro Universitário de Várzea Grande (2018). Especializou-se em Comunicação e Design Digital (2020). É mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT)..e-mail: pedro_h_lopes@outlook.com

Vinícius Carvalho Pereira

Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estágio pós-doutoral na University of Nottingham (Reino Unido). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Líder do grupo de pesquisa SEMIC - Semióticas Contemporâneas e do projeto do Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense. Atualmente, ocupa o cargo de Coordenação de Ensino na Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso.

